

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Monique Rodrigues de Carvalho

Entre prefeitura, empresa multinacional e população local: as estratégias de territorialização na Aldeia Tekoa Ka'Aguy Hovy Porã em São José do Imbassai/Maricá-RJ

Cópia de tese apresentado ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof.º Dr.º Sidnei Clemente Peres.

Niterói

2020

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo acompanhar o processo de territorialização estabelecido pelos integrantes da aldeia Tekoa Ka'Aguy Hovy Porã (Mata Verde Bonita), localizada no bairro de São José do Imbassaí do município de Maricá no estado do Rio de Janeiro, ocupação realizada através de um convite do prefeito em exercício na época Washington Quaqué, na área de preservação ambiental de Maricá, instituída no ano de 1984. Para tanto, será realizada uma etnografia, tendo como base teórica as análises acerca do processo de territorialização, além das contribuições clássicas sobre etnicidade e das análises sobre ocupações indígenas em áreas de proteção ambiental. Realizando um percurso desde a saída do grupo de Camboinhas, chegada a Maricá e os iminentes conflitos com a empresa multinacional IDB Brasil, população e política local, o trabalho prevê a análise sobre as estratégias lançadas pelo grupo para estabelecer sua permanência no local, atentando-se às contribuições que o caso em questão pode trazer para a compreensão sobre o processo de territorialização de comunidades indígenas, mais precisamente dos Guarani-Mbya, na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Etnicidade; Territorialização; Guarani-mbya; Área de Proteção Ambiental.

SUMÁRIO

Introdução	4
Proposta para Capítulo I: O processo de territorialização	
1.1 Indígenas em Áreas de Proteção Ambiental	
1.2 Caminhadas: entre o ir e ficar	
1.3 O processo de Territorialização em uma antropologia relacional	
1.4 Políticas de identidade guarani mbya	
Capítulo II: O percurso no campo: da juruá deslocada à juruá professora	
2.1 O início da trajetória de pesquisa: como estabelecer a troca?	13
2.2 As visitas guiadas e participação em eventos	18
2.3 A aldeia e seus espaços	32
2.4 Abril Indígena e Campeonato de Futebol Guarani	38
2.5 As aulas para o Encceja e o mergulho no campo	50
Capítulo III: "índios petistas": a aldeia e sua relação com o entorno.	
3.1 A cidade de Maricá na era PT	59
3.2 A entrada das aldeias em Maricá	67
3.3 A Aldeia Ara Hovy	76
3.4 A Área de Proteção Ambiental em disputa	80
3.5 Guaranis entre difamações e conflitos políticos	87
Considerações Finais: os últimos acontecimentos e os limites da pesquisa de campo	
Bibliografia	106
Material de Imprensa e Rede Social	108
Documentos Oficiais	110
Glossário	110

INTRODUÇÃO

Início este trabalho apresentando os caminhos que me levaram à Aldeia Tekoa Ka'Aguy Hovy Porã. No mestrado em sociologia e direito, realizei uma pesquisa sobre as articulações entre cultura e subjetividade em suas distintas formas de mobilização coletiva, a partir das experiências que obtive em mais de vinte anos de prática com a metodologia do Teatro do Oprimido¹, relacionando-as à ação desempenhada pelos movimentos sociais com a inserção da arte como mecanismo de luta e as possibilidades oriundas desta inserção frente às formas de controle social, nos quais se obtêm como traço decisivo a totalização e subjetivação da vida cotidiana (CARVALHO, 2015). Este trabalho por ser transdisciplinar me levou a conhecer contextos diversos em múltiplos movimentos sociais, incluindo duas aldeias urbanas no Rio de Janeiro: a Aldeia Maracanã e a Aldeia Cesac Cauire,² fato que me deixou surpresa por morar na cidade desde o meu nascimento e não ter conhecimento destas aldeias em questão. Com o *Madalenas - Teatro das Oprimidas*, rede feminista no interior do movimento de praticantes de Teatro do Oprimido, realizei uma oficina na Aldeia Cesac no seu segundo Encontro de Mulheres, que tinha por intuito a organização de uma formação autogestionada de mulheres, levando-se em consideração experiências já consolidadas em Oaxaca, no México. Meu projeto inicial seria então investigar as articulações de gênero e identidade indígena, com foco na construção do movimento de mulheres no

¹ O Teatro do Oprimido é uma metodologia teatral criada por Augusto Boal na década de 70, que continua seu desenvolvimento até os dias de hoje e é praticado em mais de 80 países. Tem como base a premissa da utilização da arte como meio para luta pela emancipação do oprimido/a. Um teatro que busca elencar estas duas vertentes: a política e a arte, na qual a arte torna-se um meio de se fazer política, no intuito de transformar a realidade injusta fruto das relações de poder na qual os oprimidos, foco do todo trabalho realizado pelo método, se encontram (CARVALHO, 2015).

² Aldeia Maracanã, situada na área conhecida como Antigo Museu do Índio, é uma aldeia indígena multiétnica e urbana localizada no bairro Maracanã, Rio de Janeiro, Brasil. A polêmica em torno da manutenção da aldeia, considerada uma referência para o movimento político, mobilizou diversos movimentos populares da esquerda carioca, sendo a aldeia considerada um símbolo da oposição ao governo de Sérgio Cabral Filho no ano de 2013. A aldeia indígena Cesac (Centro de Etno-conhecimento Sócio-cultural e Ambiental Cauieré) é uma aldeia urbana multiétnica localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Tomás Coelho. O Cesac existe desde 1993 e possui atuação ativa na preservação da cultura indígena na cidade. Teve grande participação na luta pela manutenção da Aldeia Maracanã. Fonte: LIMA, M. Ser índia. Sobre a Resistência Aldeia Maracanã e as mulheres na luta indígena in Revista Geni. Disponível e <http://revistageni.org/10/ser-india/> Visitado em 21 de maio de 2018.

interior da Aldeia Cesac, tentando compreender os desafios e potencialidades desta articulação e como que a identidade indígena é manipulada com a inserção de novos discursos a partir de sua aproximação com movimentos feministas. Devido a conflitos internos no grupo, que dizem respeito a casos de machismo presenciados na aldeia e fora dela, os quais tiveram como protagonista uma das lideranças locais, tendo assim grande repercussão nas redes sociais, os encontros foram interrompidos, o que me trouxe a necessidade de buscar um novo campo para o trabalho.

Ainda com forte interesse sobre a questão indígena e suas articulações nas demandas pela terra, procurei estabelecer meu campo no Rio de Janeiro, por considerar que no estado a questão indígena é invisibilizada ou tratada de maneira secundária. Conversando com diversas pessoas é comum a mesma surpresa e a ideia de que índio não mora no Rio de Janeiro e que a região não possui demandas desta espécie. Na tentativa de desmistificar em parte essa questão, fiz uma breve pesquisa e nela descobri que, segundo dados do IBGE, em 2010 o estado do Rio de Janeiro era o 17º em população indígena do país, totalizando 15.894 índios³, conforme mostra a tabela abaixo:

³

Dados obtidos pelo site

https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/images/2119_3239_085209_30932.gif . Visitado em 16 de abril de 2018.

População autodeclarada indígena, da participação relativa no total da população do estado e total da população autodeclarada indígena no País, segundo as Unidades da Federação - 2010

Unidades da Federação	População autodeclarada indígena	Unidades da Federação	Participação relativa	
			No total da população do estado (%)	No total da população autodeclarada indígena do País (%)
Amazonas	168 680	Roraima	11,0	6,1
Mato Grosso do Sul	73 295	Amazonas	4,8	20,6
Bahia	56 381	Mato Grosso do Sul	3,0	9,0
Pernambuco	53 284	Acre	2,2	1,9
Roraima	49 637	Mato Grosso	1,4	5,2
Mato Grosso	42 538	Amapá	1,1	0,9
São Paulo	41 794	Tocantins	0,9	1,6
Pará	39 081	Rondônia	0,8	1,5
Maranhão	35 272	Pernambuco	0,6	6,5
Rio Grande do Sul	32 989	Maranhão	0,5	4,3
Minas Gerais	31 112	Pará	0,5	4,8
Paraná	25 915	Paraíba	0,5	2,3
Ceará	19 336	Alagoas	0,5	1,8
Paraíba	19 149	Bahia	0,4	6,9
Santa Catarina	16 041	Rio Grande do Sul	0,3	4,0
Acre	15 921	Espírito Santo	0,3	1,1
Rio de Janeiro	15 894	Santa Catarina	0,3	2,0
Alagoas	14 509	Sergipe	0,3	0,6
Tocantins	13 131	Paraná	0,2	3,2
Rondônia	12 015	Distrito Federal	0,2	0,7
Espírito Santo	9 160	Ceará	0,2	2,4
Goiás	8 533	Minas Gerais	0,2	3,8
Amapá	7 408	Goiás	0,1	1,0
Distrito Federal	6 128	São Paulo	0,1	5,1
Sergipe	5 219	Rio de Janeiro	0,1	1,9
Piauí	2 944	Piauí	0,1	0,4
Rio Grande do Norte	2 597	Rio Grande do Norte	0,1	0,3

Fonte: IBGE, Resultados Preliminares do Censo Demográfico 2010.

Mesmo sendo importante estar atento à dimensão normativa dos dados numéricos mensurados (OLIVEIRA, 2016), o fato é que a tabela mostra uma precisa população autodeclarada no estado. Com relação às aldeias indígenas, o Rio de Janeiro conta, segundo dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com três aldeias regularizadas, uma em fase de delimitação e duas em fase de estudo⁴, como se vê na tabela:

⁴ Dados obtidos no site: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> Visitado em 16 de abril de 2018.

TERRA INDÍGENA	ETNIA	UF	MUNICÍPIO	SUPERFÍCIE(ha)	FASE DO PROCEDIMENTO	MODALIDADE
<u>Araponga</u>	Guarani	RJ	Paraty	0,0000	Em Estudo	Tradicionalmente ocupada
<u>Guarani Araponga</u>	Guarani	RJ	Paraty	213,2033	Regularizada	Tradicionalmente ocupada
<u>Guarani de Bracui</u>	Guarani	RJ	Angra dos Reis	2.127,8664	Regularizada	Tradicionalmente ocupada
<u>Parati-Mirim</u>	Guarani	RJ	Paraty	0,0000	Em Estudo	Tradicionalmente ocupada
<u>Parati-Mirim</u>	Guarani	RJ	Paraty	79,1997	Regularizada	Tradicionalmente ocupada
<u>Tekoha Jevy (Rio Pequeno)</u>	Guarani	RJ	Paraty	2.370,0000	Delimitada	Tradicionalmente ocupada

Fonte: FUNAI, terras indígenas por estado.

Como se percebe, a maior parte das aldeias no estado é composta por guaranis, no caso os guaranis-mbya. O trabalho de Luis Carlos de Oliveira Lopes (2019) pode nos dar um norte sobre como essa população se consolidou no estado e os caminhos que se estabeleceram até a regularização das demarcações. O trabalho analisa o processo de territorialização dos guaranis no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, sua relação com a expansão da BR 101 e como que essas caminhadas favoreceram as mobilizações políticas e fortalecimento das relações de parentesco. Ele mostra as estratégias de visibilização da presença guarani no Rio de Janeiro a partir da década de 70, estado este classificado como sem presença de indígenas. Essa década tem uma forte influência na região com a expansão do mercado imobiliário e turístico. A partir de reflexões trazidas por Sidnei Peres (2013) sobre a situação dos indígenas no baixo Rio Negro, o pouco

interesse relacionado a estes, propiciado pelo "efeito Galvão" (aculturação e ideia de população cabocla) e sua emergente indianização, Luiz Carlos Lopes vai se utilizar destas premissas para compreender o que aconteceu com os guaranis nesta época na Costa Verde: da ideia de não se ter índio na região a sua emergência étnica-política.

Segundo o autor, relatos confirmam que as caminhadas dos guaranis pela região de Angra e Paraty ocorrem desde 1940, sendo esses relatos a base para a regulamentação da aldeia de Paraty-Mirim. A construção da rodovia promovera a viabilização das populações tradicionais que ocupavam o espaço. “O contexto de ameaça à permanência acabou forçando os indígenas a se mobilizarem e protagonizarem inúmeros processos de territorialização na década de 1980 que, potencializados pelos dispositivos constitucionais no pós-1988, culmina nas demarcações na década de 1990” (LOPES, 2019, p. 37). A construção da rodovia provocou intensas mudanças locais, estabelecendo estas aldeias listadas na tabela acima. Destas aldeias deslocam-se alguns grupos familiares indo para outras partes do estado, como no caso a ser pesquisado: a do grupo guarani mbya na construção da Aldeia Tekoa Ka’Aguy Hovy Porã (Mata Verde Bonita em português) localizada em São José do Imbassai em Maricá, região metropolitana do Rio de Janeiro. A aldeia compõe 93 hectares em uma área de proteção ambiental do município. Sua população constituía cerca de 90 habitantes de 15 famílias da etnia guarani mbya e é fruto da imigração ocorrida de Niterói (Camboinhas) para Maricá no ano de 2013. À convite do prefeito em exercício, Washington Quaqué, do Partido dos Trabalhadores (PT) o grupo vem para Maricá e passa a ocupar a região concedida pela prefeitura. Desde então, diversas questões ressurgem no que diz respeito aos conflitos inerentes a esta ocupação.

Neste momento, voltei minha atenção à aldeia Tekoa Ka’Aguy Hovy Porã. Tinha ideia da existência da aldeia por conta de um breve contato quando ainda trabalhava no Centro de Teatro do Oprimido⁵, mas sem grandes aprofundamentos. Com a finalização dos encontros que passei a acompanhar na ocupação do Cesac, iniciei essa pesquisa mais aprofundada sobre a presença indígena no Rio de Janeiro. Muito foi a

⁵ Centro de Teatro do Oprimido é um centro de pesquisa e difusão na metodologia do Teatro do Oprimido, localizado no Rio de Janeiro no bairro da Lapa que desenvolve, cursos, projetos, grupos e espetáculos nos quais o Teatro do Oprimido é experimentado. O centro teve direção de Augusto Boal até seu falecimento em 2009. Mais informações no link: <https://www.ctorio.org.br/home/>

minha surpresa ao saber que havia aldeias guaranis pelo estado, sendo a de Maricá apenas uma entre tantas outras. Meu interesse sobre a questão indígena se deu muito a partir de um estudo básico sobre termos como ecossocialismo e sua ligação com algumas premissas do movimento indígena⁶. O fato é que as minhas estratégias de luta, eu uma mulher militante urbana, ativista cultural e universitária, não estavam sendo suficientes para gerar respostas necessárias ao estabelecimento da construção de novos caminhos, a meu ver tão necessários para uma nova tomada de rumo social e político. Tinha em mente neste momento que as aldeias indígenas, suas formas de organização e pensamento teriam muito a contribuir na busca destas novas ferramentas de luta. O intuito foi de fato buscar dentro de nosso próprio território nacional o que talvez tivéssemos sedentos procurando lá fora, em outras realidades mais visibilizadas, talvez. Arelado a isso, sempre me incomodou ver certa invisibilidade indígena nos espaços que ocupava. Era como se não existissem. E, de fato, são inexistentes ainda em diversos locais. Mas era uma inexistência não só física como simbólica também. Recordo-me ainda hoje de uma das primeiras reuniões discentes no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, onde curso o doutorado, em que escutei de um dos alunos que não fazia sentido nenhum terem cotas para indígenas na pós da universidade, justamente porque no Rio de Janeiro não existia índio. Poderia ser uma frase escutada em qualquer esquina da cidade, mas infelizmente ela estava sendo dita em uma pós-graduação de antropologia.

Hoje, passado três anos de pesquisa, não sei se consegui responder os meus anseios individuais. Acho que novas questões surgiram de forma muito mais complexa do que imaginava inicialmente. O primeiro passo neste percurso foi estabelecer uma des-romantização do ser indígena e de sua cultura. Entender a constituição deste sujeito não em um processo fechado e auto referenciado como pretendem algumas ideias como a de cosmologia, cosmopolítica, cosmovisão, entre outros, mas sim como um sujeito em construção permanente, que estabelece sua referência a partir de si e do outro e das condições históricas da qual formam e são formados. Neste ponto não é possível estabelecer a compreensão da aldeia ou o que acontece nela sem se pensar no todo, nas

⁶ Mais informações no link:

<https://revistaforum.com.br/noticias/ecossocialismo-bem-viver-como-principios-para-um-outro-mundo-possivel/>

condições que lhe são impostas, em muitos momentos de fora pra dentro e quais estratégias são lançadas pelo grupo de dentro pra fora. Essa perspectiva dialética/dialógica está presente em toda esta análise. Neste ponto, o acompanhamento das aulas de Sidnei Clemente Peres e de João Pacheco de Oliveira, além da participação no projeto “Régimes nationaux de l’autochtonie. Peuples autochtones et question dans les Amériques et en Océanie”,⁷ foram fundamentais nesta desconstrução.

A pesquisa que se segue é, então, uma tentativa de refletir sobre o processo de territorialização da aldeia Tekoa ka’Aguy Hovy Porã em relação com as questões pulsantes na cidade de Maricá, desde a chegada do grupo até os dias atuais, analisando os conflitos que se apresentam em relação à permanência do grupo na região e os seus atores envolvidos: os indígenas, a prefeitura, a empresa multinacional IDB Brasil e a população da cidade, buscando compreender quais as estratégias lançadas para a permanência do grupo no local em questão. O caso pode nos auxiliar a refletir sobre questões pungentes na antropologia contemporânea, principalmente no que diz respeito aos processos de territorialização (OLIVEIRA, 2016) ou territorialidade (ALMEIDA, 2008), sendo necessário analisar as questões em jogo no processo de legitimação de reivindicação da área escolhida e como os indígenas se constituem enquanto atores neste processo. Parte-se para este entendimento dos pressupostos de identidade étnica não como um dado a priori, fruto de ideias preconcebidas e essencializadas de identidade, mas sim este sendo um aspecto processual e contingente, assim como toda e qualquer identidade constituída, que vivem em constante processo de resignificação, no

⁷ O projeto visa consolidar rede de pesquisadores de excelência no Brasil e na França, formar jovens pesquisadores de alto nível em ambos países e produzir conhecimento científico sobre os regimes nacionais da autoctonia nas Américas e na Oceania (sec. 19 até a atualidade). Dito isto, a proposta de pesquisa busca revisitar a questão da autoctonia, reintroduzindo a dimensão nacional, hoje muitas vezes abandonada em prol de abordagens globais ou transnacionais. É fundamental considerar os múltiplos contextos nacionais como situações que contribuíram para que a categoria autoctonia fosse sendo forjada, definida e contestada ao longo do tempo, tanto na América como na Oceania. Apesar do direito internacional definir a autoctonia como uma categoria universal, que designa na atualidade uma identidade transnacional que engloba mais de 370 milhões de indivíduos, propõe-se aqui dar mais ênfase as identidades situadas, no intuito de fazer justiça à diversidade dos contextos locais e nacionais e, sobretudo, à natureza eminentemente política e histórica da condição de autóctone ou indígena. Assim, a partir de estudos de caso tirados de contextos americanos e da Oceania, buscar-se-á evidenciar: como os Estados-Nacionais que se formaram a partir do final do século 18 tentaram solucionar as tensões entre seus interesses coloniais, imperiais e nacionais; e também que dispositivos (narrativos, jurídicos, políticos, culturais, etc.) eles pensaram e implementaram no intuito de incluir ou excluir, e em muitas ocasiões as duas coisas ao mesmo tempo, as populações nativas dentro de seus projetos de construção de Estado e de Nação. Mais informações: <https://amoc.hypotheses.org/a-propos>

qual as identidades passam constantemente por processos de mudança, assim como trazido por Frederick Barth (1993) na análise das estratégias contingentes de diferenciação.

No primeiro capítulo, apresenta-se o arcabouço teórico-metodológico que norteia este trabalho para no segundo capítulo se refletir sobre o percurso no campo desde 2017 até o ano de 2020, esmiuçando o acompanhamento dos acontecimentos neste período e que reflexões eles podem trazer sobre o grupo e seu processo de territorialização, além de se refletir sobre o papel da antropóloga neste processo, atrelando às discussões contemporâneas sobre pesquisa etnográfica. Já no terceiro capítulo, busca-se esmiuçar a relação da aldeia com a cidade de Maricá e como que os acontecimentos políticos e sua relação com a população local e empresa multinacional impactam a ocupação.

CAPÍTULO II: O PERCURSO NO CAMPO: DA JURUÁ DESLOCADA À JURUÁ PROFESSORA

No primeiro capítulo, buscou-se esmiuçar os conceitos norteadores deste trabalho para que posteriormente se pudesse apresentar como estas questões podem ser articuladas com os fatos vivenciados pelo trabalho de campo desenvolvido. Tratando-se do aspecto da etnicidade, as contribuições de Frederick Barth (1993; 2000; 2000) foram de suma importância para a análise. Já sobre o processo de territorialização, as contribuições de João Pacheco (2016), bem como as de Alfredo Wagner Almeida (2008) tornam-se relevantes na análise do caso. Os autores vão contra a perspectiva homogeneizante que esteve ligada à tradição antropológica ao olhar o indígena como um sistema autônomo em uma espécie de cosmologia fechada, para uma perspectiva em que o se propõe a fazer é buscar “o caminho inverso da colonização, buscando a diversidade onde se impusera uma norma homogeneizadora, tentando libertar da filosofia política e moral o olhar sobre as sociedades não ocidentais.” (OLIVEIRA, 2016, p. 14). O que se coloca como cerne para o entendimento desta relação é a perspectiva de que o indígena esteve ligado a um processo de dominação colocando em ação formas múltiplas de resistência e acomodação e a questão é justamente a compreensão da forma como os indígenas estabeleceram e continuam estabelecendo estas múltiplas ações.

Outro aspecto importante para a análise trata-se da correlação entre a formação dos parques nacionais e das áreas de proteção ambientais (APA's) e a ocupação do território pela população indígena, já que a pesquisa é um dos casos que se enquadram nesta questão, sendo importante a investigação, tanto deste modelo paradigmático de preservação e suas origens quanto as implicações para os processos de demarcação. Por isso, autores que trabalham nesta relação foram trazidos para a pesquisa. Marcus Colchester (2000) e sua pesquisa sobre a separação entre cultura e natureza promulgada pela civilização ocidental, em detrimento de populações indígenas na qual esta relação parece estar intimamente imbricada e a pesquisa de Fabio do Espírito Santo (2017) analisando as estratégias de retomada e demarcação de um grupo em uma área de proteção ambiental do litoral paulista, tratando deste assunto em uma comunidade guarani mbya, são norteadores neste caso.

Tratando-se da identidade guarani, é fundamental uma reflexão acerca da construção desse traço, tendo-se como pano de fundo a análise da etnicidade desenvolvida acima em que entende-se essa construção não como dado a priori ou fechada em si mesma, mas uma construção que se faz tendo-se múltiplas referências e no qual o contexto social atribui um papel preponderante. Neste sentido, alguns autores trarão contribuições importantes para este trabalho. As análises de Fábio Mura (2006; 2010), Cristina Pompa (2003) e a clássica análise de Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1984) sobre as tradições inventadas serão utilizadas para auxiliar este entendimento, discorrendo aqui sobre as contribuições clássicas acerca das caminhadas guaranis e os contrapontos que podem ser gerados a partir das contribuições destes autores e das experiências adquiridas no caso em questão. Finalizando sobre uma discussão acerca da política de identidade como desenvolvida por Sidnei Clemente Peres (2013) e como ela pode ser pensada a partir dos guaranis mbya. Neste capítulo será apresentado o percurso no campo de pesquisa e os acontecimentos que nortearam este trajeto.

2.1 O início da trajetória de pesquisa: como estabelecer a troca?

Para ir à aldeia, entrei em contato pela sua página no Facebook⁸ e recebi a resposta que podia ir até lá em um domingo ou nos horários indicados na página. Tentamos ir no domingo, dia 1 de outubro de 2017, mas devido a uma intensa chuva fiquei receosa de ir e o caminho que liga a rua principal Prefeito Alcebíades Mendes à área de proteção ambiental (APA) estar fechado. Para se chegar à aldeia, é necessário seguir esta rua para depois adentrar na área da APA, seguindo mais duas ruas até se chegar aos portões de entrada. Minha ideia inicial era falar da proposta de acompanhar a aldeia para minha pesquisa de doutorado e, em contrapartida, propor oficinas de Teatro do Oprimido para a comunidade. Em uma primeira visita, fui direcionada a falar com o Miguel Wera Mirim, já que era ele como vice-cacique que fazia esta ponte e que organizava as atividades. Depois de sucessivas idas à aldeia e não conseguir encontrar o Miguel ou ir no horário de eventos e do forró (que sempre acontecia sextas a noite), decidi entrar em contato com ele pelo whatsapp. Em uma dessas idas falamos com

⁸ <https://www.facebook.com/aldeiamataverdebonita/>

Jurema, que neste momento dava aulas no colégio, e ela falou com Miguel pelo telefone, que disse para irmos encontrá-lo na exposição do Museu de Arte do Rio – Mar, intitulada “Dja Guata Porã”.⁹ Fui à exposição e conseguimos nos encontrar. Ele me disse que a proposta de teatro casava exatamente com o que ele estava pensando. Eles já tinham atividade audiovisual e faltava o teatro. Fui descobrir posteriormente que alguns alunos da UFF já haviam acompanhado a aldeia em Camboinhas, estando justamente neste momento de mudança para Maricá¹⁰ e que o Laboratório do Filme Etnográfico do ICHH-UFF, sob coordenação de Ana Lúcia Ferraz, fez alguns filmes junto com Miguel, um dos quais falarei mais adiante.

A primeira visita à aldeia, já com a comunicação com Miguel estabelecida, ocorreu no dia 5 de outubro de 2017. Nesses primeiros encontros, eu fui acompanhada de meu ex-marido Aparecido Silva. Indo em direção à casa de Miguel e Luciana depois de percorrer um grande campo de futebol, seguimos um longo corredor entre árvores e extensos gramados, indo até a segunda casa. Várias galinhas no quintal. Miguel colocou a cadeira para fora e sentamos. Iniciamos a conversa. Eu explico novamente a proposta do teatro. Peço vídeos sobre os guaranis e ele nos passa os nomes dos que foram feitos na aldeia. Falo dos grupos que temos de Teatro do Oprimido. Aparecido faz diversas perguntas. Me chamou atenção primeiramente o silêncio constante na conversa, o espaçamento da fala, que se estabelece em outro ritmo, com algumas pausas silenciosas, que em outros contextos poderia parecer constrangedor. A esposa de Miguel (Luciana) sai da casa e eles conversam em guarani. Marcamos oficina para sexta à tarde.

Na segunda visita, chegamos à aldeia, estacionamos o carro e fomos até a casa de Miguel. No caminho, um carro chega e três pessoas (com ar de curiosidade, meio sem saber ao certo como se posicionar ali) nos param e uma senhora das mais afoitas nos pergunta: “você são índios?” Achei bastante interessante, eu, considerada pessoa socialmente branca e meu marido “evidentemente” negro, sermos questionados sobre

⁹ Dja Guata Porã | Rio de Janeiro indígena” é uma mostra sobre a história do estado do Rio como história indígena. Concebida de modo participativo, a partir da colaboração de povos, aldeias e indígenas que residem no estado ou na capital carioca, a exposição é fruto de um processo de diálogo conduzido entre 2016 e 2017 pela equipe de pesquisa, curadoria e educação do MAR. Mais informações: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/dja-guata-pora-rio-de-janeiro-indigena/>

¹⁰ Para mais informações: PEREIRA, V. C. Tese (doutorado em Antropologia). Aqueles que não vemos: uma etnografia das relações de alteridade entre os Mbya Guarani. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, 2014.

isso. Olhando no entorno percebo que muitas pessoas que compõe a aldeia poderiam entrar na mesma categoria de socialmente branca e alguns poucos poderiam ser (aos meus olhos viciados pelo contexto que vivo) consideradas negras. Isso me mostra que a questão da etnicidade pode ser um processo que transpassa questões fenotípicas, apesar de algumas pesquisas apresentarem que no Brasil a questão da marca é um fator relevante de sociabilidade¹¹. Chegando a casa, vimos Miguel e Luciana rezando com um casal de missionários evangélicos. Esperamos a reza acabar e fomos convidados a sentar (convite realizado pela esposa do pastor e não pela dona da casa). “Fiquem à vontade”, nos disse. Conversamos com eles, os missionários, falamos da nossa futura mudança para Maricá e depois de uma rápida conversa o casal foi embora. Tomamos café e Miguel nos levou para o espaço do bar. Antes nos mostrou o local que vai ser para a venda de artesanato, local que fica na rua de entrada da aldeia. No bar, conhecemos Darci Tupã (neste momento não sabíamos que ele era o cacique). Tupã é um dos filhos de Dona Lídia e foi uma grande liderança da aldeia no momento de saída de Camboinhas para Maricá. Uma pessoa alta, bastante articulado na conversa, parecendo já ter bastante experiência em conversar com pessoas vindas de fora. Expliquei a proposta para eles (um jovem da aldeia estava na outra mesa do bar observando a conversa de longe) e eles direcionavam a atividade para as crianças. Expliquei que a proposta era para adulto e que a ideia era aproveitar o teatro para falar da realidade deles ali em Maricá. Expliquei como seriam as oficinas, com os jogos e a criação de cena. Ele nos disse que a aldeia tem um coral que poderia ser aproveitado. Entramos em outros assuntos. Ele falou da importância deste contato de fora para a manutenção do local. *“Não se preserva a cultura ficando isolado”*, ele disse. Falou da ida dos colégios à aldeia e das questões burocráticas desafiadoras ao se produzir uma banda musical, ou seja, planejar, elaborar e executar as atividades do grupo. A aldeia tem uma banda de forró e os músicos estão tirando documentação e aprendendo toda a linguagem técnica de produção (rider de som, luz, etc) para poder tocar em outros espaços da cidade. Falamos da visita guiada do Colégio Estadual Pedro Fernandes que eu e Aparecido estávamos pretendendo fazer lá. Combinamos primeiro encontro para a oficina quinta que vem, 14h.

¹¹ Para este assunto, as contribuições de Oracy Nogueira (2006) são fundamentais.

Chegamos à quinta-feira (19/10) às 14h, como combinado. A parte central da aldeia (o bar e o estacionamento para carros de visitantes) estava mais cheia. Música tocando, um senhor tomando cerveja (parecia não ser da aldeia) e indígenas ao redor. Tinha também no local um carro da justiça federal, modelo Duster da marca Renault. Perguntamos sobre Miguel e fomos até a sua casa, como de costume. Chegando lá, percebemos que ele estava com sua esposa descansando. A TV estava ligada em um programa típico de tarde da TV aberta, com fofocas, receitas e coisas afins. Miguel veio e colocou as cadeiras para fora. Depois de uma rápida conversa, fomos em direção à casa de Tupã (próximo ao restaurante). Pareceu-me que nossa chegada não estava sendo esperada, como poderia prever, já que havíamos combinado o horário. Todos estavam parecendo fazer outra coisa. Nenhum indício de que haveria oficina de teatro. Miguel falou com Tupã e ele pareceu não poder ir ao nosso encontro. Sentamos no restaurante e Miguel nos informou que Tupã chegaria em breve. Ficamos um tempo em silêncio, em companhia de dois cachorros (um filhote vira lata e um acidentado labrador). Miguel disse que trataram dele e o levaram para a aldeia. Depois de um tempo perguntei novamente sobre oficina e Miguel informou que todos estão atarefados porque dia 28 e 29 vão receber um grupo (era um evento de off road¹² que seria realizado no espaço da aldeia). Então, estavam organizando o espaço. A casa de artesanato, que ficaria no caminho, entre a entrada principal e o bar, já estava com barro em suas laterais e em breve seria inaugurada. Falei que não tinha problema e que poderíamos retornar outro dia. Ele falou que conversaria com Tupã e pensou em escrever uma peça a partir das histórias guarani que ele gostaria de contar e que o meu grupo encenasse. Acho que, para ele, poderia ficar mais artístico sendo feito por um grupo profissional de teatro. Na hora não falei nada, mas não teria condições de dar seguimento a esta proposta já que não tinha companhia de teatro e os grupos que coordenei, cada um contava sua própria história a partir do que se concebe em um grupo de Teatro do Oprimido. Perguntei sobre a proposta inicial, de ter o trabalho com os integrantes da aldeia, e ele disse que sábado seria melhor para os jovens se organizarem porque eles estudam. Então combinamos o

¹² Off Road designa atividades variadas praticadas em locais desprovidos de estradas pavimentadas, calçadas ou de fácil acesso e trâmite. Geralmente os locais preferidos para prática do off-road são os mais distantes de cidades e desprovidos de infraestrutura urbana. O contato com a natureza é algo desejado e apreciado e o objetivo desta atividade é superar as dificuldades de acesso e transposição impostos pela natureza como por exemplo na forma de lama, pedras, erosões, subidas e descidas íngremes, neve, alagamentos, etc. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fora_de_estrada

primeiro sábado de novembro para fazer o trabalho. Vimos qual o melhor horário (brincamos com a ideia de manhã e suas diversas variações de sentido) e no final pareceu que ficamos um pouco mais a vontade. Como esse contato era muito recente, eu às vezes me sentia um pouco desconcertada. Indo para o carro ele nos mostrou o cabo de guerra e a casa de reza. Combinamos também a visita do Colégio Estadual Pedro Fernandes em que Aparecido dava aula para o dia 13 de novembro. Íamos articular transporte, lanche e a ajuda de custo para a aldeia com a diretora do colégio, que sempre esteve aberta para as atividades propostas pelo professor. Mas, de qualquer modo, eu estava disposta a fazer a visita independente da possibilidade do colégio ter a verba integral. Via que era uma boa possibilidade da troca necessária para o início da pesquisa.

Particularmente, não me sentia muito confortável nesta posição de pesquisadora. Como fiz meu mestrado analisando experiências a qual era protagonista ou tinha alguma relação direta com seus idealizadores, não sabia ao certo como me inserir em um campo do qual não tinha relação direta. E, neste caso específico, iniciei meu doutorado propondo o acompanhamento de outro local: o grupo de mulheres que estava se constituindo na Aldeia Cesac, na cidade do Rio de Janeiro. Com o fim dos encontros, tive que mudar o campo e, conseqüentemente, a pesquisa no meio do processo. Por isso, minha primeira estratégia foi sugerir algo que eu já tinha certo domínio e que sempre teve abertura nos espaços que eu procurava: o Teatro do Oprimido. De qualquer modo, tendo em vista as primeiras impressões de campo que podem servir de pistas para a compreensão da situação da pesquisa que se sucedeu posteriormente, sentia neste primeiro momento que o grupo era bastante fechado, o que não avaliava como algo negativo. Imagino que essa prudência seja essencial para a defesa do grupo em si. Restava saber como eu poderia ultrapassar esta barreira. Antes do primeiro sábado de novembro mandei mensagem para o Miguel no intuito de reforçar o encontro de sábado, a qual ele respondeu: *“Boa tarde não precisa vim amanhã. Eu conversei com a comunidade maioria não tá de acordo com oficinas”*. Fiquei um pouco desorientada. Restava-me confiar que a visita do colégio desse certo.

2.2 As visitas guiadas e participação em eventos

Realizamos três atividades com o Colégio Pedro Fernandes e a aldeia. As duas primeiras em novembro de 2017, no qual o colégio foi até a comunidade indígena e depois integrantes da aldeia foram até o colégio e outra novamente na aldeia em agosto de 2018. Nesta primeira visita, chegamos ao colégio pela manhã e uma parte dos alunos havia faltado. Junto com a lista de espera, fomos ao todo em 38 pessoas. Alunos tranquilos, em sua maioria os alunos considerados os mais aplicados. Eu estava com grande expectativa, já que uma semana atrás recebi a negativa do grupo para o início das oficinas de teatro aos sábados.

Chegando à aldeia algumas coisas já chamavam atenção. Primeiro, vê-los aguardando a chegada da visita, diferente das outras vezes, em que cheguei em um clima de “normalidade”, onde todos estavam fazendo seus afazeres, em suas casas ou em algum lugar da aldeia, com trajés ditos “normais”. Primeiro que avistei foi o Miguel com um grupo de mulheres indígenas que já estavam posicionadas junto à casa de artesanato. Miguel, de colar, aguardava a parada e descida dos alunos para colocar seu cocar. A aldeia estava preparada para a visita guiada. Miguel levou os alunos para a casa de artesanato e lá iniciamos a primeira roda de conversa

Na visita, os alunos pareciam bastante surpresos, encantados e animados, mas ao mesmo tempo receosos de perguntar ou falar alguma coisa que ofendesse os índios. Isso me remete ao sentido do distanciamento grande entre eles, alunos da periferia, e o índio, um ser distanciado deste cotidiano. Isso também ficou presente posteriormente na ida do grupo ao colégio. Muitos alunos se surpreenderam com a nossa chegada e chegaram até mim com inúmeras perguntas: “São índios mesmo?” “Posso falar com eles?” “Eles vão me entender?” “Falam português?”. Eu, buscando agir de maneira natural, respondi. “É claro que sim. Pergunta a eles!”. Muitos alunos em outros momentos queriam me utilizar como ponte de diálogo: “Tia pergunta quanto custa esse colar, por favor.” Após um tempo com o artesanato exposto no pátio, muitos ultrapassaram essa barreira e se dirigiam diretamente a eles. Mas isso denota mais uma vez esse muro que parece existir e a tamanha exotividade que é atribuída ao grupo indígena pela população de forma geral. São os outros, os distantes, os diferentes. Percebi essa relação não só

dos alunos, mas dos professores também. Era muita curiosidade e a palestra de Miguel no colégio foi “bombardeada” por perguntas de todos os aspectos.

Na visita a aldeia, eles puderam assistir a uma palestra, vivenciar jogos que são realizados na Jornada Esportiva (cabo de guerra e arco e flecha), observar a produção de artesanatos e visitar todos os espaços, incluindo a escola multiseriada. Na palestra realizada por Miguel os alunos ficaram em roda e, apesar de apresentar estes elementos do índio esperado (com cocar e colares), Miguel fez questão de ressaltar a importância de se pensar no índio contemporâneo, e não naquele índio idealizado de 1500. Falou que ele não teria como falar como aquele índio porque não viveu aquela época. Sua época é o agora. Falou também do processo de chegada à aldeia, a dificuldade da saída de Camboinhas, a presença do Sambaqui de lá que reforça o indício da presença indígena no local e o importante apoio da prefeitura. Perguntei sobre a diferença do povo guarani, e ele ressaltou a questão religiosa como um traço relevante. As mulheres estavam sob o balcão com os artesanatos estendidos (brincos, colares, círculo de sonhos, pequenas peças de madeira na forma de onça e tatu). Os alunos pouco perguntaram. Estavam, me parece, receosos de falar alguma besteira.





Fotos da primeira visita do Colégio Pedro Fernandes a aldeia. Acervo da pesquisadora.

Após a roda, fomos seguindo aldeia adentro, passando pela pequena trilha que levou a casa de reza e ao restaurante, onde os alunos puderam tirar várias fotos em frente aos banners (também vi vários banners na casa de artesanato), depois seguimos até o rio. Os alunos estavam encantados com a tranquilidade que a natureza trazia. Miguel perguntou o que eles estavam sentindo e a resposta foi que estavam muito bem, se sentindo tranquilos com tanta beleza e paz. Os alunos, em tom de brincadeira, perguntaram se poderiam ficar ali. Miguel respondeu que se for pelo período de uma semana podem vir numa boa, mas se for para morar ele tem que falar com a Funai. Muitos pediram para tirar foto com Miguel. Retornamos ao pátio principal para ir à escola multiseriada de nome Para Poty Nhe' Ë Já. Os alunos pareciam acostumados a receber essas visitas. A professora (não indígena) falou sobre as aulas e a dupla língua ensinada. Neste momento, Miguel ficou no colégio junto a árvore de natal na escola, trazendo a ideia deste misto conjugado entre as culturas reconstruídas e entrelaçadas. Após, fomos à plantação e lá vimos vários tipos de legumes sendo plantados. Perguntei sobre as árvores frutíferas e Miguel disse que eles têm poucas mudas. Eu e mais alguns

professores da escola pensamos em organizar mudas pra aldeia. A visita foi finalizada com o arco e flecha e cabo de guerra. Todos se divertiram muito.

Depois de termos conseguido a ida dos alunos à aldeia, visita que fez muito sucesso no colégio, com a sobra de verba tive a ideia de levar alguns componentes da aldeia para o colégio. Para mim, uma estratégia em duas frentes: a primeira por achar relevante que mais pessoas tenham acesso à cultura indígena e também para alongar meu contato com o grupo, além de contribuir mais uma vez financeiramente com eles. Fomos a Maricá e saímos de lá com Miguel, Luciana, a filha do casal Lia e Gracinha (cunhada de Luciana não indígena). Levaram os artesanatos e adereços de Miguel. Chegamos ao colégio e o espaço estava parecendo caótico com diversos alunos falando muito alto. Após a surpresa inicial já descrita acima, Miguel foi conduzido ao auditório para dar a palestra. Enquanto isso, Luciana e Gracinha ficaram no pátio vendendo os artesanatos. Pensamos inicialmente da conversa ser no pátio principal, mas devido ao barulho seria impossível. Na palestra para um pequeno número de alunos e professores tinha muita curiosidade por parte da plateia. Percebo que há, de forma geral, um grande desconhecimento sobre a cultura indígena, principalmente em seu sentido prático: como é a vida na aldeia, como se organizam, o que fazem, essas questões parecem ser muito latentes. Miguel falou da “eleição” e “mandato” dos vice caciques e um ponto que achei interessante foi a discussão sobre os casamentos, feita a partir da pergunta de um professor. Senti que Miguel ficou um pouco confuso, talvez pela questão trazer complexidade. Pelo que pude perceber já nas primeiras visitas, o número de casamentos entre juruás (não indígenas) e indígenas tem aumentado na aldeia. Miguel também falou da religiosidade e do respeito aos mais velhos como questão importante para os guaranis. Apesar do barulho, me pareceu interessante a visita tanto para os alunos quanto para o grupo. No carro, pude me aproximar mais deles, falamos da visita, das dificuldades com os alunos e dos desejos de Gracinha de querer entrar na universidade.

Percebi dois momentos distintos nestas visitas iniciais que podem trazer atributos à reflexão proposta nesta pesquisa. Observei duas organizações realizadas pelo grupo que estabelece e diferencia a aldeia que recebe os de fora e a aldeia em seu cotidiano. As vistas e os eventos em que são convidados são interessantes para compreensão da forma como o grupo formula suas tradições e geram seus traços de identidade, levando-se em consideração os pontos levantados como autênticos, que

interagem com o que o grupo formula e o que é esperado pelos de fora. Neste ponto, as contribuições teóricas sobre as tradições inventadas foram de grande valia para a análise em questão. Jocelyn Linnekin (1983) argumenta que a tradição é a construção de um modelo de consciência que as pessoas utilizam para construir sua identidade e que ela é inventada porque se insere em um contexto histórico, sendo utilizada justamente para se levantar um traço identitário importante naquele contexto. “Tradition is fluid; its content is redefined by each generation and its timelessness may be situationally constructed.” (LINNEKIN, 1983, p. 242). É neste sentido que os traços observados neste universo de pesquisa foram analisados.

Como fui sozinha em alguns momentos, sem um grupo para realização de visita, pude perceber as ações cotidianas também. Penso que ao receber os de fora em uma visita guiada, eles têm que seguir um pouco às expectativas que lhe são cobradas (ornamentação, instrumentos indígenas, pinturas, etc), coisas que não percebi no dia a dia. Isso também ficou marcado ao falar com a diretora do Colégio Pedro Fernandes para a liberação da verba que havia sobrado da visita guiada para a organização da ida de Miguel ao colégio no evento da consciência negra e indígena. Como não foram todos os alunos, decidimos utilizar a verba restante para convidar Miguel a ir ao colégio dar uma palestra. A primeira pergunta que a diretora me fez foi: “Eles vêm caracterizados?”, como se fosse uma prerrogativa para a aprovação da verba. Parece-me que este fato pode resumir bem a visita: a expectativa do outro faz com que eu tenha que corresponder a ela, seguindo as regras do jogo estabelecido. Penso que lá está ainda mais forte essa imposição devido à própria ocupação do local: o objetivo de Washington Quaquá ao levar os índios para Maricá tinha um viés fortemente turístico. Indago-me se este processo gera dois vieses: o primeiro seria reconhecer de fato que eles entenderam as regras do jogo e estão aprendendo a jogá-las com os traços diacríticos que lhe são exigidos, o outro aspecto que imagino que seja interessante seria pensar que esse jogo gera uma maior essencialização das características que justamente se pretende transpor. O fato de ter que usar cocar, ou ter que utilizar um instrumento para validar a condição de indígena, faz com que esses elementos sejam cada vez mais exigidos, o que atende as expectativas do senso comum e reproduz a “roda” da essencialização. Acredito que este seja um ponto interessante para se pensar como as relações se estabelecem ali e como são agenciadas pelos indígenas em seu processo de territorialização.

Pude acompanhar a ida do grupo ao Congresso Internacional de Matemática que seguiu em parte esta mesma dinâmica. Depois da prova do Encceja no dia 5 de agosto de 2018, Luciana falou de um encontro no Rio em que ela e sua mãe fariam uma oficina de cestaria. Eu não sabia do que se tratava, acho que nem elas sabiam ao certo. Luciana perguntou se eu não podia levá-las. Como eu tinha carro, que me auxiliava nas sucessivas idas e vindas à aldeia, isso também se tornou um importante ponto de apoio para eles, seja de idas ao mercado ou ao centro de Maricá a pequenas viagens pelo estado do Rio, o que me auxiliou muito em ter um contato mais constante e aprofundado com o grupo. Eu as levaria na segunda feira, dormiria na Tijuca e retornaria com elas na terça. Ela achava que ia ser alguma coisa na Lapa. Acho que isso já denota um problema de comunicação. O certo é que o ponto de encontro seria o Museu do Índio.

Fomos ao Museu do Índio e seria minha primeira vez dentro daquele espaço. Pareceu-me um local bastante elitizado e estruturado enquanto museu tradicional. Percebi que elas também se sentiam um pouco visitantes naquele museu. Ficou-me evidente certo descolamento na própria composição espacial. A recepcionista do local era negra, assim como o segurança. Os demais funcionários, brancos. Não identifiquei, pelo menos durante a minha estadia ali, nenhum indígena trabalhando no local. Não me pareceu um espaço feito com os indígenas para os indígenas. Chegando ao museu, nos deparamos com todo um aparato de entrada. Damos as identidades e pegamos o crachá. Chegando lá, elas pensaram que eram na parte da manhã e lá descobriram que o seu trabalho seria feito na parte da tarde e que seria no Riocentro. Lá descobriram que seria no Congresso Internacional de Matemática. A técnica que estava no museu mostrou fotos do evento e da organização do quiosque. No dia anterior eu fiquei sabendo que estava acontecendo este congresso na cidade por conta de um assalto que ocorreu ligado a este evento. Foi uma questão bem divulgada da mídia: o roubo da medalha do prêmio Nobel de matemática. Descobrimos que seria no Riocentro e que tratava-se de um evento fechado do qual, a princípio, eu não poderia participar, eu descobri que poderia ir porque um dos componentes técnicos do museu não iria e eu poderia receber seu crachá. Foi importante porque conheci um pouco a equipe de trabalho do museu, com seus antropólogos e técnicos que também iriam ao congresso. Vi um dos coordenadores, o Cristino, o Carlos Tukano (indígena que já havia trabalhado no museu) e algumas técnicas que estavam indo ficar no quiosque. Chegando ao quiosque a estrutura era

muito precisa e bem organizada. Muitos objetos para serem vendidos de várias aldeias do Brasil.



Quiosque montado para o Congresso Internacional de Matemática. Arquivo pessoal do pesquisador

O convite feito para o congresso de matemática foi realizado a partir do grafismo da etnia guarani mbya. Esse grafismo com seus padrões geométricos foi o que impulsionou o convite para a formação desse stand nessa parte do evento. Tinham stands de robótica, de instituições internacionais e seus trabalhos e grupos de pesquisa, uma parte mais lúdica com o mascote do congresso, pelúcias e souvenirs, jogos e simulações de diversas categorias. Parece-me que não teve a participação dos indígenas nessa concepção e montagem. Era uma curadoria feita pelo museu e seus técnicos. Não sei ao certo se este é o papel do museu e a Funai em si. Talvez a instituição funcione neste sentido, visto que ela tem como missão *“preservar e promover o patrimônio cultural dos povos indígenas por meio de pesquisa, documentação, divulgação e diversas ações de fortalecimento de suas línguas, culturas e acervos, prioritariamente aqueles em situação de vulnerabilidade.”*¹³. De qualquer modo, isso me causou estranhamento. Indígenas da etnia guarani mbya foram convidados como oficineiros e palestrantes. Seria um grupo a cada semana de evento. Os homens falariam sobre a relação da cestaria com as mulheres dentro da história de criação do povo guarani,

¹³ Mais informações: <http://www.museudoindio.gov.br/o-museu/apresentacao/missao>

enquanto as mulheres produziam as cestas. Depois o público era convidado a participar da oficina, onde cada um poderia produzir uma cesta para levar. Neste dia, Aberto Alvares (cineasta guarani) falava sobre, enquanto Luciana e Iracema faziam o trabalho manual. A feitura da cesta me impressionou. De um bambu você retira a palha e colore (já uma adaptação para a venda) para fazer a cesta. A cesta é utilizada para armazenar e transportar objetos e, de início, não era pintada. A pintura, segundo Luciana e Iracema, gera mais atratividade no material para a venda. Muitos estrangeiros, indianos, iranianos, estadunidenses, chineses e vários outros países que participavam do congresso foram até o stand participar da oficina, fazendo sua própria cesta. Questionaram o Alberto se ele realmente era um índio legítimo, já que estava vestido e usando o celular. Pude constatar que os indígenas vendem artesanatos para o museu que os revende no local ou em eventos como esse. Essa é uma forma de gerar renda para a aldeia também.

Outra questão que me chamou atenção neste dia era a composição da espacialidade. Elas faziam a cesta dentro do espaço estético do stand e as pessoas ficavam no entorno. Da forma como elas estavam colocadas me dava a sensação de elas virarem um componente do stand. Não quero criminalizar ninguém com essa constatação, mas acho importante reforçar essa complexidade, já que estou refletindo sobre essas relações da aldeia e seu processo de territorialização nos quais todos esses agentes estão, de certa maneira, envolvidos. O próprio Alberto questionou um pouco essa dinâmica: *“engraçado eles trazem as coisas aqui e nós não podemos trazer nosso artesanato para vender.”* Então, considero interessante se pensar nessas relações e como elas estão colocadas.



Palestra sobre cestaria guarani no Congresso Internacional de Matemática. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ainda sobre as visitas, gostaria de discorrer sobre uma atividade já no ano de 2019 para depois retornar a última visita guiada realizada na aldeia em agosto de 2018. Pude acompanhar o grupo no dia 13 de abril de 2019. Miguel estava trabalhando em uma fazenda interativa em Macaé¹⁴, sendo contratado por todo o mês de abril para estar lá, recebendo grupos no intuito de mostrar como é a cultura indígena na prática. Vários integrantes da aldeia também participaram da atividade. Davam palestras, construíam ocas e vendiam artesanatos. A partir deste trabalho, o grupo foi convidado para estar em um colégio particular da cidade, para a comemoração do dia do índio. Miguel, Luciana, suas filhas e Gracinha iriam participar de um evento em um colégio primário de Macaé. Uma das professoras do colégio foi quem realizou o convite. Lá chegando, uma mesa já estava preparada para que eles vendessem os artesanatos. Nos cartazes espalhados no colégio, muita visão estereotipada do índio, que se refletiam também na ornamentação das crianças. Miguel disse que a dona da fazenda é bem rígida, não o deixa comer no passeio e gosta de falar do índio do passado. A todo o momento ele precisa trazer esse índio do presente em sua fala. Pela composição do evento, apesar de bem grande e com

¹⁴ Espaço localizado em Macaé que promove festas e eventos e desde 2017 contrata grupos indígenas no mês de abril para apresentar a cultura indígena aos visitantes. Mais informações no link: <https://fazendainterativa.wixsite.com/fazenda-interativa/cultura-indigena>

intensa participação do colégio, fica evidente mais uma vez a essencialização da discussão em torno do sujeito indígena.



Crianças da creche Primeiros Passos de Macaé indo a Fazenda Interativa. Foto: <https://fazendainterativa.wixsite.com/fazenda-interativa/16-04-2019-primeiros-passos>

Após a apresentação do ensino infantil e um coral do ensino primário, Miguel e Gracinha falaram do cotidiano da aldeia e dos desafios de ser índio. Gracinha falou do preconceito que alguns alunos sofriam ao sair da aldeia pra estudar. Disse da adaptação que eles tiveram que fazer pra ser indígenas hoje em dia. Disse da roupa, dos produtos eletrônicos e que isso não a faz menos índia. Apesar de ser juruá, Gracinha falava de sua vivência de estar na aldeia, de ter uma filha indígena e do preconceito que também sofre por viver ali. Ao mesmo tempo em que falava desta necessidade de desessencialização da condição do índio, falava da comida de uma forma estereotipada, como se a alimentação na aldeia se estabelecesse de maneira natural, sem muita presença de produtos industrializados, o que me parece não observável na prática. Sinto que há um misto entre naturalização e desnaturalização desta condição.



Evento no colégio em Macaé sobre Abril Indígena. Primeira foto: parte do lanche oferecido no evento . Segunda foto: apresentação da turma de educação infantil. Terceira foto: palestra de Miguel e Gracinha. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ainda sobre as visitas guiadas, teve um momento em particular que pude acompanhar e que trouxeram novas dinâmicas. Não sei bem pelo fato de eu já estar em outro momento da pesquisa ou se de fato é uma mudança que acompanha a própria forma como a aldeia estava concebendo as visitas no espaço. No dia 20 de agosto de 2018, o Colégio Pedro Fernandes fez sua segunda visita. Como nós já estávamos morando em Maricá, eu e Aparecido fomos direto para a aldeia esperar o ônibus que vinha do Rio. A visita foi gravada por mim para a elaboração e um futuro vídeo e utilizarei alguns fragmentos de fala para ilustrar um pouco este momento.

Na chegada ao local, eu não sei se os alunos falaram alguma coisa que incomodou o Miguel, já que na roda inicial de apresentação ele começou falando que eles não precisavam ter medo, porque ele não ia fazer nada com eles. Disse ainda:

Na escola vocês escutam sobre o passado. É importante entender o que é o índio agora. Quando eu estou em algum lugar de cocar, eles falam: ele é índio, ele é índio, ele é índio. Eu não sei se eles estão me zutando. Eu levo de boa, não me ofendo. Não preciso deles pra me dizer isso. Eu sei que eu sou índio. Eu sei como eu me sinto por dentro. Não preciso que as pessoas me digam isso.

Uma coisa que me chamou atenção nessa visita foi o fato de, diferente da primeira vez, neste segundo momento eles não estavam com a ornamentação que se espera de um indígena. Estavam exatamente da maneira como eu os vejo no cotidiano. Eu achei interessante porque desconstrói essa ideia do indígena ter de estar ornamentado para ser entendido como tal. Após as palavras iniciais de Miguel o grupo foi conduzido para o local onde estava Darci Tupã, que pode dar as boas vindas ao grupo e contar um pouco sobre o processo de construção da aldeia:

Estamos a 4 anos aqui e nossa caminhada foi muito longa. Saímos lá de Camboinhas, com muita luta, muita briga, luta por 8 anos. No local que a gente estava eles queriam construir prédios. Lá fora o que mais importa é o poder do capital. Andar com o melhor carro, com a melhor roupa, (...) eu acredito que isso é só ilusão porque nós nascemos e da maneira que eu fui gerado vocês também foram gerados. O poder econômico tem que ser o básico. Nós vemos o

que acontece lá fora. Nós votamos, elegemos nosso líder, não deixa de ser um líder, o nosso cacique, não deixa de ser um líder que decide se aumenta o salário, aumenta a gasolina. (...)

Hoje eu compartilho esse momento de sofrimento, pra mim se torna um momento de alegria, porque eu compartilho esse sofrimento com todos vocês. Um sofrimento que só eu tive com meu povo agora vocês sentem também. Hoje o Estado é falido, (...) isso nós sentimos a 1500 anos, os índios nunca tiveram assistência. Há 1500 anos nós estamos atrasados. Nós nunca tivemos apoio. (...). Hoje eu sou feliz, acredito que o sofrimento foi distribuído a todos vocês. Hoje estou focado mais na minha família. Ser cacique é muita coisa, existem projetos, existe o dia a dia da comunidade que não é fácil de você organizar. Você é escolhido né. Você é líder.

O livro que eu estudei vocês também estudaram, e lá explica assim que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Na verdade isso não foi. A história que a gente escuta dele é que ele roubou muita coisa, roubou ouro, roubou as índias, roubou pau brasil, roubou nossa natureza. Eu falo pra vocês que todos vocês tem sangue de índio, quando fomos descobertos tivemos essa união. O Brasil tinha que ter língua guarani. (...) Então o Brasil hoje vive nesta doença. Acreditamos em formar nossos jovens pra ser advogado, médico, sem esquecer quem são.

Chegamos em Maricá há 4 anos. Nossas ocas em Niterói foram queimadas e tivemos um convite do antigo prefeito Quaqué pra nós residirmos neste lugar e deste lugar queremos transformar, transformar é devolver pra ela da maneira que o índio faz suas casas, da maneira que o índio trabalha com suas plantas, da maneira como o índio domina este espaço. Não coloca na cabeça de que vocês vão entrar numa aldeia e vão ver índios nus. É diferente. Temos que pensar os dois lados. Imagina eu ir com a minha vestimenta no mercado. Tem lei que faz com que a gente fique com medo. Tem leis que tiram a sua liberdade e tiram a minha. Vocês entram na aldeia vão ver nossas ocas, vão ver nossos artesanatos, e aí vocês perguntam e o pneu? E o path? O que está fazendo aqui? A gente fala na aldeia que é preciso se reciclar.

No término da visita, pude entrevistar alguns alunos e ver suas percepções que coloco abaixo:

Aluno 1: *Enquanto eles lutam pra poder reciclar, fazer parques com pneu, nós mesmo na cidade acabamos desvalorizando isso, sujando. Nós na cidade temos tudo, aqui eles não tem nada e mesmo assim se divertem e são felizes com pouco. Eles fazem artesanatos coisas incríveis que eu não entendo como eles fazem.. isso realmente toca.*

Aluna 2: *Estou achando incrível o modo como eles vivem, muito diferente do nosso modo de vida.*

Aluno 3: *É um choque de realidade. O próprio índio falou que talvez a gente tivesse preconceito por não estarmos um local onde não estamos acostumados, que o nosso dia a dia é de usar wifi, tecnologia. E hoje eu to tendo uma experiência de estar em contato com a natureza. Eu acho muito importante estar mais perto da natureza. É uma outra realidade, outra cultura.*

Aluno 4: *Aqui eu aprendi muita coisa como é a realidade, como era antigamente. Aqui parece que eu estou na floresta amazônica.*

Aluna 5: *Estou gostando da língua. Fiquei impressionada de ver as crianças conversando.*

Alunas 6 e 7: *Aqui é tudo diferente. A gente escuta lá fora uma coisa e chega aqui é outra. A gente olha lá fora e pensa, ah eles são diferentes, mas nós é que somos diferentes. Todo munda fala que índio é diferente e vemos que eles não são tão diferentes assim. Eles fazem um monte de atividade parecida com a gente e a maneira de pensar também.*

Alunas 8 e 9: *As casas são diferentes, uma coisa muito humilde. Eu pensei que quando chegasse aqui eles estariam todos nus. Porque o mito é esse né, que os índios estão todos pelados, mulheres seio de fora. Mas aqui é diferente, aqui eles usam roupa porque eles respeitam né. Como o índio falou, que vai lá fora no mercado e vai ser preso. Eu vi um índio bem diferente do que eu vejo na televisão. Nós somos muito leigos a falar dos índios. Houve muitas guerras, muitos acontecimentos para eles virem parar aqui em Maricá. Eu achei que não*

haveria energia e aqui tem poste de luz. Eles tem civilização. Eles falam português bem fluente.

Aluna 10: Do caminho do ônibus pra cá eu estava conversando com meus amigos: será que eles têm as mesmas coisas que a gente? Será que eles têm telefone? Será que eles ouvem as mesmas músicas? Será que eles saem? Chegando aqui a gente viu que eles não são diferentes. Eles conseguem manter a própria cultura e se adaptar a nossa, que chega a ser um pouquinho diferente. Mas realmente eles são bem simpáticos, eles falaram de preconceito e aceitação. Eu fiquei impressionada com a simplicidade, com a qualidade de eles receberem a gente aqui..

A fala dos alunos trazem muitos pontos interessantes para a discussão. Um deles foi perceber um misto de aproximação da realidade cotidiana dos alunos à realidade indígena, ao perceberem que eles não são tão diferentes assim, ao mesmo tempo em que se estabelece a diferença a partir da língua e da utilização dos recursos naturais. Acho que as visitas têm um ponto interessante ao trazer aquele índio distanciado da TV para a realidade, para a vivência concreta. Mesmo que o espaço natural remeta à floresta amazônica, como dito por um dos alunos, local fortemente relacionado à presença indígena, a vivência traz também a complexidade do que é ser indígena na contemporaneidade, tornando esse diálogo vivo.

2.3 A aldeia e seus espaços

Fiz uma sessão de fotos da aldeia no início de 2018, quando ainda estava me inserindo no campo. A ideia era tirar algumas fotos que poderiam vir auxiliá-los em algumas divulgações de eventos. Circulando para o registro, pude perceber o espaço com mais afínco. Era uma tarde de sábado ensolarada e a aldeia estava em um clima descontraído. Música tocando no bar, crianças jogando futebol no campo, gente andando a cavalo, entrando e saindo da aldeia, um senhor cortando árvore e levando os galhos para alimentar a fogueira. Fomos à casa de artesanato onde estava Miguel, Luciana e mais um casal. Elas faziam as bijuterias. Falamos rapidamente sobre Marielle Franco, recém-assassinada no Rio de Janeiro. Comecei a registrar os artesanatos,

aproveitando para testar a máquina. Depois perguntei o que mais eles queriam que eu fotografasse e me pediram pra fazer um registro geral das paisagens. Comecei a fotografá-las. Andando pelo espaço, coisas que me chamaram atenção: o cotidiano tranquilo, em que em um momento se está no artesanato, depois joga-se futebol e comemora-se no bar; a relativa divisão da comida, já que neste dia mataram um animal e cada pessoa foi buscar um pedaço de carne pra sua família, ao mesmo tempo em que faziam um churrasco na área próxima a casa de Dona Lídia; uma oca com a bandeira do Brasil do lado de fora; a colocação da cerca entre o rio e a entrada dos fundos da aldeia com arame farpado, acredito que para trazer mais segurança para a comunidade, além de ver as lindas paisagens que compõem a aldeia. Sendo uma área de proteção ambiental, no entorno ainda podem-se visualizar montanhas e pequenas dunas com vegetação nativa.

A aldeia é composta por uma área de cerca de 93 hectares no interior da Área de Proteção Ambiental de Maricá. Em sua composição, contêm-se os seguintes espaços em comum: o campo de futebol, a casa de artesanato, o bar, a mercearia, a casa de venda de açaí, além de dois espaços que compõem a escola de ensino fundamental e ensino infantil e o posto de saúde. As casas são individualizadas, mas existe uma cozinha coletiva próxima à casa de Dona Lídia, onde são servidas todas as refeições. Dona Lídia é a principal referência da aldeia, visto que grande parte de seus filhos moram ali e junto aos seus cônjuges formam o núcleo que iniciou a trajetória Paraty-Niterói-Maricá. Os filhos são frutos do casamento com Seu Pedro, que apesar de não viver mais maritalmente com Lídia, ainda mora na aldeia. Dona Lídia é a pajé do local e o lugar de cacique geralmente é ocupado por um de seus filhos. Darci Tupã era o cacique, mas durante a trajetória do campo, houve a troca de liderança para sua irmã Jurema Nunes. No espaço também existe a Casa de Reza (com frequência reduzida a poucos visitantes) e um espaço para plantação e criação de animais. Nos arredores da aldeia existe um canal, do qual pode-se pescar alguns peixes. Conforme mostra o esquema abaixo:



Casa de Artesanato. Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de março de 2018.



Escola Municipal. Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de março de 2018.

A Opy (casa de reza) tinha uma localização bem central no espaço e teve um desabamento ocorrido no final do ano de 2018. Uma nova casa de reza estava no início

da sua construção no final de 2019. A ausência de casa de reza no período passou a gerar estranhamento para algumas pessoas visitantes da aldeia (principalmente universitários), já que ela é um traço importante da composição do espaço em uma aldeia guarani. Indaguei a Dona Lídia o motivo da demora na construção na Opy e ela me disse que era por conta da compra de materiais. Mesmo alguns materiais tendo seu fornecimento no próprio espaço da APA (como o sapê que compõe o teto), outros teriam que ser comprados e estavam priorizando no momento a construção da escola infantil, já que as crianças estavam tendo aulas em um local improvisado. Neste momento, descobri que o espaço do posto de saúde e da escola (com exceção do container onde funciona a escola de ensino fundamental) eram construídos pelos integrantes da aldeia, sem o apoio da prefeitura. Após a concessão do espaço, a prefeitura disponibilizava os profissionais. A construção da nova casa de reza se iniciou no final de 2019.



Opy (Casa de Reza) antes do desabamento. Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de março de 2018.



Desabamento da Opy. Agosto de 2018, Arquivo pessoal da pesquisadora.

Vale mencionar também que há outros espaços na aldeia que movimentam a economia local e que são gestados de maneira individualizada. Cada um pode ter um espaço para organizar um pequeno negócio. Estes espaços vão desde o bar, que está sob comando de Dona Lídia e que é um importante ambiente de interação entre os juruás que vêm de fora para beber ou dançar ao som da banda de forró “Os Moleques da Pisadinha”, a casa de artesanato, localizada em um ponto estratégico da aldeia (próximo à entrada), onde são vendidos os artesanatos e comidas guaranis e onde também são realizados eventos mais ligados ao que se compreende como “cultura guarani” e que é gerido por Miguel e Luciana, a casa do Açaí (sob gestão de Darci Tupã) e a mercearia, onde são vendidos alimentos aos moradores que não dispõem de tempo ou disposição para irem ao mercado fora da aldeia, estando sob gestão de Iraci que também iniciou a venda de refeições aproveitando que foi contratada como merendeira local pelo colégio. Há também a venda de alimentos no domicílio. Jurema vende em sua casa variados tipos de sorvete, enquanto Ivilmar e família iniciaram a venda do combo de hamburguers e refrigerantes, Tudo isso dentro da própria aldeia.

2.4 Abril Indígena e Campeonato de Futebol Guarani

No ano de 2018 me mudei pra Maricá, ficando mais próxima da aldeia e podendo estar mais vezes no campo. Em março retomei minhas visitas. Um mês antes do Abril Indígena¹⁵. No ano de 2017, houve um grande evento na aldeia, a Jornada Esportiva e Cultural Indígena, com apoio da prefeitura de Maricá e do Ministério do Esporte do governo federal. Já em 2018, a jornada foi bem mais modesta. Coloquei-me a disposição para ajudar no que fosse preciso. Íamos dormir na aldeia durante o final de semana de evento.

Na quarta feira que antecedia o evento da Jornada esportiva de 2018 fomos à aldeia e sentimos que talvez a jornada não fosse como esperado. Miguel nos disse que eles ainda não tinham resposta da prefeitura no apoio à realização do Abril Indígena. Disse que talvez fizessem um encontro pequeno. Chegando o dia da jornada, dia 19 de abril, Luciana e Gracinha estavam na oca do artesanato. Elas falaram que não teria o evento. Segundo elas, a esposa do prefeito foi à aldeia e disse que não teria a verba para o evento devido ao festival da utopia (evento que acontece esporadicamente na cidade e que também foi transferido para junho) e a prisão do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que demandou articulações da cidade para São Bernardo do Campo. Eles estavam tristes, mas a aldeia estava cheia de visitas externas. Eram dois ônibus com passeio de colégios, em sua maioria, composta de crianças. Neste dia, pudemos conversar com Gracinha que nos contou que estava chateada com o prefeito, porque avisaram em cima da hora que não teria a verba. Os parentes de outras aldeias já estavam a caminho e eles fizeram a prefeitura pelo menos garantir a alimentação. Pelo que pude perceber, de tempos em tempos são organizados eventos de distintas naturezas, que possibilitam o encontro periódico de integrantes de diversas aldeias fortalecendo os laços entre as aldeias guaranis. Neste ponto do trabalho, pretendo relatar alguns destes encontros que pude acompanhar, muitos deles ligados a prática de futebol.

¹⁵ Abril Indígena é uma mobilização anual que ocorre no mês de abril em prol da defesa dos direitos dos povos originários do Brasil. “Quando em abril de 2003 um pequeno grupo de indígenas do sul do Brasil, especialmente Kaingang, Guarani e Xokleng, acampou na Esplanada dos Ministérios, não imaginavam estar inspirando um importante processo de mobilização do movimento indígena no Brasil. Somando-se a essa ação, representantes do Conselho Indígena de Roraima, vieram manifestar a aliados, como o Cimi, a intenção de realizar anualmente encontros para pressionar a demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol. No que conseguiram total apoio para uma ampla mobilização, tendo então surgido a proposta de realização, em abril de cada ano, do Acampamento Terra Livre.” Fonte: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/as-raizes-do-abril-indigena/>

Neste evento do abril indígena de 2018, ficamos acampados no quintal de Miguel e Luciana. Miguel fez uma fogueira, com graveto em brasa e um tronco grande, que ia pegando fogo aos poucos. Disse que sempre se faz uma fogueira pra sentar no entorno e conversar. Conversamos bastante neste dia. Luciana tem 24 anos e Miguel, 37. Luciana teve a primeira filha com 13 anos. Deu bastante tempo pra ter a segunda. Miguel falou que veio do Rio Grande do Sul. Acompanhou várias ocupações: Paraty, Aldeia Maracanã, Camboinhas e agora em Maricá. Diz estar gostando de Maricá e sabe como são as ocupações. “*Tem que lutar*”, disse. Falou ainda que sente as coisas e ajuda dando conselhos nas ocupações, auxiliando a definir os caminhos. Por enquanto quer ficar no Rio. Não se acostumou mais com o Rio Grande do Sul. Disse que viajava muito, conhecendo os guaranis kaiowas, mas que ficou com medo de andar na rua, porque lá matam muitos índios. E parou de viajar por causa da filha. Comprei salgados para a “janta” na padaria que Gracinha trabalha no centro do bairro de São José do Imbassaí. Miguel disse que os indígenas não jantam. Só fazem um lanchinho a noite. Eles dormem por volta de 20h30minh e acordam às 5h. Descobrimos que agora a cacique da aldeia é a Jurema, filha de Dona Lídia, e Luciana está ocupando o cargo de vice-cacique. Duas lideranças femininas.

No dia seguinte, Luciana foi direto para a tenda de artesanato. Um colégio da prefeitura ia chegar às 9h. Miguel nos levou pra ver a horta medicinal, feita na técnica dos círculos, e depois a horta que havíamos conhecido com a visita do colégio. A mandioca e a batata doce haviam crescido. Sentamos no bar e observamos as pessoas que chegavam curiosas e admiradas. Uma das alunas é a filha de Jurema e foi ela que conduziu a visita. Ao chegar ao restaurante uma mulher branca gestante perguntou se queríamos tipá (tortilha de farinha de trigo típica guarani). Era a esposa de Darci Tupã, que estava prestes a ter o bebê. Fomos ao rio e uma das professoras perguntou quem éramos eu e Aparecido. Interessante mudar de perspectiva, porque só íamos como visitantes e agora estávamos “hospedados” na aldeia. Isso me possibilitou poder observar de outro ângulo as pessoas que chegavam. Tupã estava no bar com cocar e colares, tirando foto com as professoras. Uma delas perguntou a Simone (aluna filha de Jurema) o que ela fazia sábado à noite, se os jovens saíam e ela disse que não, que se divertiam na aldeia mesmo. Alguns alunos disseram que queriam morar ali. Miguel

sussurrou para a gente que seria bom eles se acostumarem a andar até a estrada. Gracinha pensou em pedir demissão da padaria por conta dessa dificuldade de deslocamento. Depois, fui ao restaurante pegar o tipá. Conversei com as cozinheiras, que eram juruás moradoras da aldeia. Elas disseram que falam muito, diferente das índias dali. Uma disse que casou com um rapaz juruá que foi batizado ali e que mora no local há um ano. Ela disse que não interage com muita gente. Fala mais com a outra jovem que estava com ela cozinhando. Ela também disse que não se batizou ainda porque é muito chato e longo o ritual do batizado. Uma tem 17 anos e é casada há um ano. A outra tem 24 e é casada há 10 e tem três filhos. É muito comum que os juruás casados com guaranis venham a se batizar. Não só os juruás que se casam, mas também os que vêm a estabelecer algum tipo de parceria com a aldeia. Em momento posterior da pesquisa, pude perceber a importância do batizado neste sentido. Íamos levar um rapaz no centro de Maricá para ir ao banco, mas não foi necessário. Miguel e Luciana ajudam nesta parte porque falam melhor o português. À tarde ficamos na casa de artesanato enquanto eles conversavam.

O tempo na aldeia custa a passar. As pessoas ficam tranquilas, paradas conversando. À noite, Miguel acendeu novamente a fogueira para um novo momento de conversa. Ele nos falou mais sobre sua vida. Como nasceu no Rio Grande do Sul, quando seu pai foi embora ele tinha sete anos. Ficou com sua mãe e ajudou na criação do irmão. Depois seu pai o chamou para a aldeia dele, mas ele não quis. Juntou dinheiro porque trabalhava na roça do branco e pagou passagem para Santa Catarina. Conheceu nova aldeia guarani e participou de nova ocupação na região de Palhoça. Depois, foi pro Paraná em nova aldeia demarcada e depois de passar por São Paulo chegou ao Rio. Aqui ficou. Já recebeu convite pra voltar pro Rio Grande do Sul, para aldeia do tio que é cacique, mas ele não quer, preferindo ficar no Rio. Em Paraty, conheceu Luciana e com ela veio para Niterói e depois Maricá. Depois de falarmos novamente das questões relacionadas à terra e da relação com a prefeitura e IDB, falamos do Lula e lamentamos por ele estar preso. Estavam preocupados com o futuro. Miguel reforçou a importância da simplicidade em que vivem, o fato de não precisarem de muita coisa e da importância do saber do mais velho. Disse ter aprendido muito com eles. E que vê uma diferença geracional nos índios, entre os caciques novos e os velhos. Os velhos informavam mais que ia acontecer alguma coisa, os novos não. Disse não ter vontade de

ser cacique porque não quer o seu nome em evidência. Disse que pode trabalhar sem isso. À noite, fomos ao forró, que estava vazio. Só estava Jurema e mais dois casais de indígenas e uma mesa com dois rapazes juruás.

No dia seguinte, Miguel nos levou na casa de forró e nos apresentou a liderança da aldeia de Rio Vermelho. Eles tinham chegado às 2h da manhã. Ele era conhecido como índio da luz. Disse estar feliz com nossa visita que amigo de índio é amigo dele também. Que juruá como nós é muito importante. Apresentou-nos um rapaz juruá que, segundo ele, se apaixonou pela índia mais bonita da aldeia e ficou já fazendo mais de dez anos. A índia falada era a Iraci. Uma das filhas mais velhas da Dona Lídia e que depois se tornou minha aluna. Os visitantes começaram a chegar. Mais tarde, chegou o boi que foi rateado pela aldeia. No dia seguinte, teria um churrasco na casa de Dona Lídia. A aldeia ficou cheia de gente. A música, que antes era forró, foi mudada para música guarani, com a chegada dos visitantes. Uma senhora mais velha dançava com a criança. Parecia ter gostado da mudança de música. Percebi que muitos visitantes me olhavam sem entender muito bem quem eu era, já que estava com Luciana e Gracinha. Fiquei pela primeira vez num limiar entre uma visitante e moradora. À tarde, Miguel foi preparar o arco e flecha para os visitantes. Os times se formaram para jogar. Paraty e Rio Vermelho contra a aldeia.

Sentei-me na casa de artesanato e conversei com Gracinha que já tinha chegado da padaria. Fizemos a inscrição de Luciana no Encceja e ela disse que quase não estudou porque a família viajava muito. Percebi que ela e Miguel não tem nenhuma renda fixa, além do Bolsa Mumbuca¹⁶ e Bolsa Família. Vi o quanto era importante para eles as visitas na aldeia e venda de artesanatos. Grande parte do sustento da aldeia vem da renda gerada pelas visitas guiadas. Em cada visita, é cobrado um valor para a entrada e este valor é revertido em melhorias para a aldeia (como a compra de material para a construção da casa de reza e outros lugares coletivos), além de gerar a venda de artesanatos, refeições e bebidas, que favorecem as famílias que administram estes

¹⁶ Programa criado em 2013 pela Prefeitura de Maricá, sendo a primeira moeda social eletrônica do Brasil com utilização de cartões de débito para complementar as rendas mensais de famílias que ganham até um salário mínimo, combatendo a extrema pobreza e estimulando a economia local. O programa foi implementado pelo Instituto Banco Palmas e beneficia mais de 14 mil famílias para compra de produtos em estabelecimentos cadastrados no município. Cada Família recebe um cartão no valor de 130 reais (valor vigente em 2019), que podem ser utilizados nos estabelecimentos cadastrados no município. Mais informações: <https://www.marica.rj.gov.br/2014/11/19/bolsa-mumbuca-e-finalista-de-premio-internacional-do-banco-interamericano-de-desenvolvimento/>

negócios. O sustento vem daí. O Bolsa Mumbuca Indígena, quando entrar em vigência, vai ser muito importante. Na conversa tive a surpresa de ver que Gracinha não era indígena. Ela veio do Ceará ainda nova, depois de ser abandonada pela mãe, e casou com o irmão da Luciana. Perguntei porque ela não se declara indígena já que é muito parecida. Ela disse que todos a consideram indígena, inclusive uma vez acharam que ela era índia e não a Luciana. Mas que precisava de 15 anos na convivência indígena para se conseguir a certidão na Funai. Ela falou do caso do marido da dona Lídia (Seu Pedro, o senhor branco que sempre vi na aldeia). Ele só conseguiu a certidão depois de muito tempo. Hoje é aposentado indígena.

A noite teve o forró. Nos arrumamos e fomos pra tenda. Chegando lá, vimos Miguel, Luciana e todos da aldeia (menos Tupã porque estava no hospital com sua esposa para ter o bebê). Parecia um bar da feira de São Cristóvão. Todos bebendo, forró “contemporâneo”, as mulheres jovens perto da pista e os homens jovens afastados em um grupinho ouvindo funk. Muito parecido com qualquer interação adolescente. Tinham poucos juruás, mas tinham. Muita cerveja, churrasquinho e caldo verde. Muita dança. Mulheres dançando junto ou com os outros indígenas. Não vi muita interação entre juruás e indígenas. Cada um na sua. Dona Lídia ficou numa mesa ao lado do palco. Uma música me chamou muito atenção, exaltando o índio ostentação¹⁷. Música “índio playboy” da banda Forró boys¹⁸.

No dia seguinte fomos embora, mas antes assistimos o jogo de futebol dos índios contra os brancos. Os índios estavam ganhando, enquanto os brancos reclamavam, fazendo piadas dizendo que iriam ganhar uma flechada deles se perdessem. Parece-me que o futebol é um importante meio de interação entre os brancos do entorno e os integrantes da aldeia. De vez em quando um time da região vai à aldeia para jogar e eles também são convidados para jogar em algum campeonato de fora. Em outro momento, percebi que o time masculino da aldeia havia contratado um técnico juruá para acompanhar o time, o que parece não ter dado muito resultado nas partidas. Mas este técnico passou a ser frequentador assíduo do local, assim como outros juruás que vem

¹⁷ Traço descritivo sobre o comportamento de ostentação, ligado a exaltação do consumo e como ele chega aos espaços indígenas. “*A ostentação pode ser encarada como uma ode à riqueza, um comportamento, um estilo de vida, onde o indivíduo concentra no luxo e poder, o complemento imagético para conduzi-lo ao caminho da felicidade, a realização do sonho e à autoestima.*” (COVRE, 2015)

¹⁸ Música disponível em https://www.youtube.com/watch?v=539Um_MCF7E&t=72s Visitado em 29/11/2019.

jogar, comer um churrasco e beber uma cerveja no bar de Dona Lúdia. Demos uma volta na aldeia antes de ir embora e vimos visitantes no restaurante tirando foto com um grande cocar. É engraçado ver os visitantes agora em outro ângulo. Nos despedimos de todos e adotamos uma das cachorras abandonadas antes de partir.

Com relação a esta jornada que ocorre em abril, pode-se perceber uma redução do evento em relação ao ano anterior. Em 2019, não ocorreu a atividade de forma significativa, tenho apenas um evento apoiado pela igreja. Este evento não teve meu acompanhamento. Outra atividade, desta vez externa, que tem grande mobilização da aldeia são os campeonatos de futebol. Percebi durante esses anos de campo, muita mobilização dos grupos guaranis em torno do futebol. São diversos encontros e campeonatos. Cada aldeia organiza seu time, que passa a jogar também com outros times juruás da cidade. Vou descrever dois momentos que pude acompanhar esta organização no mesmo período: o feriado de 7 de setembro dos anos de 2018 e 2019.

Em 2018, fomos ao torneio de futebol guarani que aconteceu na cidade de Paraty. A prefeitura cedeu o campo do centro da cidade para o torneio. Teve presença de várias aldeias de São Paulo, Espírito Santo e do Rio. Acho que com exceção de Itaipuaçu todas tiveram um time representando. Fomos eu, Aparecido e a família da Luciana no meu carro. Foi também um ônibus da aldeia. Era a primeira vez que iria a aldeia de Paraty. Estava na expectativa de encontrar uma aldeia mais estruturada, justamente por ser a mais antiga aldeia guarani myba do Rio de Janeiro. Mas não foi bem isso que achei. Primeiro, como a área é íngreme e pequena, não teve lugar para estacionar o carro, diferente da aldeia de Maricá com seu espaço amplo. Chegando lá, vimos muitas crianças. Observamos o trabalho missionário de uma igreja evangélica, que estava distribuindo doces às crianças. Ficamos hospedados na casa de seu Joaquim, pai de criação de Luciana. Ele se casou com Iracema quando ela estava grávida de Luciana, criando grande parte de seus filhos. Montamos a barraca e preparamos o jantar. Miguel contou sua trajetória desde o sul, em Camboinhas e depois em Maricá. Segundo ele, quando os homens saíram para uma reunião na Aldeia Maracanã atearam fogo em Camboinhas. No dia seguinte, dona Ana, esposa juruá de Seu Joaquim, contou a sua história com ele que teve início quando ainda eram jovens. Ele trabalhava na casa dela e eles se gostavam. Ela disse que na época era muito difícil esse casamento entre indígena e juruá. Para os indígenas ela teria que fazer um ritual de passagem que incluía cortar os

cabelos e raspar a cabeça. E para os brancos a não aceitação da relação seguia a lógica do preconceito usual. Então, cada um seguiu uma trajetória diferente. Ela casou e teve filhos. Ele também. Depois de um tempo eles se encontraram novamente e decidiram ficar juntos. Hoje estão bem e felizes. Ela deseja contar esta história em um livro, por considerar uma trajetória transformadora. Eu fiquei de ajudar. A casa deles é bem simples e ela disse que a maioria das coisas que tem ali veio do mato. O banheiro foi jogado fora, os tapumes também. Muita coisa reaproveitada.

Falando do torneio em si, achei muito interessante a composição das torcidas. Muitas crianças, muitas meninas jovens mães ou grávidas. Maricá estava bastante orgulhosa com seu grupo. Senti-me parte da torcida. Em uma rápida observação, vi muitos grupos guaranis que pareciam ter poucos recursos econômicos. Maricá, me parece, tem um pouco mais de estrutura. Parecem, se é possível fazer uma associação desta forma, “os primos ricos da família guarani mbya do estado”. Maricá não foi pra final, o que os deixou bastante chateados porque investiram em um técnico que não serviu. Eu percebi que o futebol é um elemento importante de sociabilidade e de comunhão. Foi importante para mim participar porque tinham pouquíssimos juruás. Então acho que ficou um evento voltado para dentro, não uma coisa construída para fora. Luciana, inclusive, quando me fez o convite para ir a Paraty deixou isso bem evidenciado que não seria um evento “cultural”, que eu não deveria esperar muito que houvesse cultura guarani no encontro, como se a cultura fosse aquilo esperado pelos juruás: artesanatos, cânticos, rituais indígenas, etc. Essa fala tem bastante relevância porque denota uma categoria elencada pelos próprios sujeitos: a de cultura. Interessante pensar que o que se considera cultura é aquilo que é apresentado para o outro. Como se houvesse um palco, no qual é apresentado aquilo que é esperado como cultura guarani, e os bastidores da vida social, ou seja, aquilo que realmente ocorre no cotidiano, sendo que o que ocorre nestes espaços não é considerado cultura em si. Pude perceber estas expectativas do outro e como eles também articulam respostas a elas em diversos momentos da pesquisa.

O encontro foi recheado de forró, futebol e cerveja. Esse evento para dentro me deu a sensação de eles não terem que fazer o indígena esperado para o outro. Não digo com isso que eles não tenham traços diferenciais, mas me parece que em uma situação como essa não há a necessidade de ser demarcadamente visível porque estão num

espaço e em uma situação que podem interagir como no cotidiano. Algumas contribuições teóricas são importantes para entender essa relação, que vai perpassar em diversos momentos da tese, no que diz respeito às formas e estratégias lançadas pelo grupo para responder às expectativas do outro, como os estudos de João Pacheco de Oliveira (1999) que nos trazem a necessidade de refletir sobre a construção da etnicidade e como ela se dá em processo, em que se deve levar em conta tanto a constituição do grupo como seu percurso histórico. O autor revela em seus estudos a pressão existente para que os indígenas levanten traços distintivos, pressão distinta da que é colocada em outros grupos que compõem o mesmo espaço temporal. “Uns estão situados na história e caracterizam-se pela complexidade; outros são como estátuas, (...), monumentos de pedra que podem ser destruídos, deformados ou parcialmente danificados - mas que se não o forem se apresentarão sempre idênticos a como foram concebidos” (OLIVEIRA, 1999, p. 7).

Para o autor o conflito do contato europeu-indígena gerou uma planificação da categoria para a classificação europeia, que colocou no outro o retrato da simplicidade do passado e essa visão permanece até hoje no senso comum. Para dar conta da complexidade de agora, João Pacheco traz para a sua análise a junção entre antropologia e história, "na intenção de mostrar que uma compreensão das sociedades e culturas indígenas não pode passar sem uma reflexão e recuperação críticas de sua dimensão histórica." (OLIVEIRA, 1999, p.8). Tratando-se aqui de pensar nos indígenas como sujeitos históricos e não como resquícios do passado. Falando de dimensão histórica, o autor busca analisar a interação do grupo em questão com outros grupos que compõe a mesma sociedade e como essa interação interfere e atribuem valores na própria organização interna do grupo em questão. Esses aspectos são cruciais para o entendimento da análise em questão.

À noite com o forró observei uma situação, aos meus olhos, surpreendente. O cacique da aldeia chama-se Miguel e tem 118 anos, segundo sua certidão de nascimento. O forró estava em seu momento mais animado, com venda de bebidas, muita gente dançando, muitas crianças e jovens circulando ali no meio ou indo interagir no jogo de cartas. Muito lixo no espaço, o que também coloca em cheque a ideia comumente associada ao indígena como sujeitos automaticamente ligados a uma

perspectiva ecologicamente sustentável. Em certo momento, com muita gente alcoolizada já, dançando ao som de uma música muito alta, alguém coloca uma cadeira no centro do espaço. Falaram em guarani e em português que o cacique iria falar. Um silêncio total se estabeleceu. Pararam a música e formaram uma roda. O cacique começou a falar (infelizmente em guarani, o que me impediu a compreensão). A roda respondia em alguns momentos em coro “añete”, que significa “verdade” em português, concordando com as palavras do cacique. Eu perguntei posteriormente o que ele tinha dito e Luciana e Miguel me disseram que ele disse que ali era sua aldeia e que ele não gostaria que fizessem nada escondido e que se tivessem que namorar deveriam namorar sem se esconder. A bebida pode ser consumida, se possível até comprando o que tinham ali, mas a cachaça era terminantemente proibida. A única coisa proibida era cachaça. Acho que ele estava se referindo a cachaça de alambique. Interessante porque Paraty tem fábrica de cachaça de alambique, e imagino que isso possa ter ficado marcado porque muitos alcoólatras devem ser referidos à ideia da cachaça. Me chamou muito a atenção o fato de muita gente estar bêbada e ao mesmo tempo ser muito respeitosa ao discurso do cacique. Paravam, ficavam em silêncio e respondiam ao chamado dele. Depois de sua fala, voltou a música e ele ficou andando pelo espaço interagindo com alguns convidados. Durante o forró, houve o falecimento de uma criança. No domingo estava tendo o sepultamento e a Funai estava pra chegar neste dia.

Em 2019, acompanhei pela segunda vez esse encontro dos times de futebol. Desta vez tanto os times feminino quanto masculino iriam jogar. As mulheres jogavam mais por hobby, mas de um tempo pra cá estão se preparando mais, treinando toda semana para tratar o campeonato de forma mais séria, sendo um time como o dos homens. Acompanhei alguns treinos na aldeia quando ia dar aulas preparatórias para o Encceja. Toda uma organização e Jurema estava à frente da preparação do time. Na viagem Jurema não foi, ficando Miguel neste lugar de técnico. Minha inserção na aldeia avançava a cada dia. Agora acessava outros espaços e lugares antes interditados pela pouca interação com outros membros da aldeia. A minha relação com Dona Lídia melhorara muito. Levava de vez em quando uma erva mate e fumo para ela, o que imagino ter aberto o espaço para uma nova interação. Sua solicitação de que eu comesse a levar a erva e o fumo começou com as aulas do Encceja deste ano e senti que dei um novo passo na aldeia por conta disso. Suas filhas Juliana e Márcia passaram

a assistir minhas aulas, o que tem aumentado minha inserção na aldeia, além de ter contribuído com o estreitamento da relação com Jurema também. Miguel e Luciana continuam sendo meu elo mais forte no campo, mas agora não são os únicos. Como deixei de morar em Maricá em 2019, tenho dormido na aldeia às terças-feiras, o que tem favorecido essa nova inserção. Depois de dois anos de campo, acredito ter adquirido um espaço mais aprofundado de pesquisa.

Chegando à aldeia para a ida ao campeonato de Paraty vi a Rebeca, professora de geografia que faz o curso de língua e cultura guarani na UFF¹⁹ comigo. De início achei que fosse mais uma iniciante pesquisadora, mas depois descobri que ela tem uma inserção de longa data na aldeia. Conhece o grupo desde seus 19 anos de idade (hoje tem 34 anos, como eu), viu muitos de seus integrantes crescerem e joga no time de futebol feminino. Foi muito bom tê-la por perto, porque em alguns momentos ser juruá traz uma certa solidão, já que todos falam em guarani e interação entre eles de forma parental e familiar, sendo os juruás seres um pouco estranhos àquela condição. Com ela, juruá bem mais inserida na aldeia, tive o conforto de poder transitar mais nas conversas e interações. As pessoas têm cada vez mais me aceitado. Sou a professora de muitos da aldeia, já que neste período de pesquisa passei a dar aulas preparatórias para algumas pessoas, trajetória que vou descrever com mais afinco na última parte deste capítulo. Tratam-me de forma carinhosa e conversam mais comigo. A minha disponibilidade em ajudar facilita bastante essa interação. Outra coisa que creio ter facilitado foi a minha tentativa de quebrar um pouco essa barreira de estar interagindo com um ser indígena, como se essa condição trouxesse algo totalmente distanciado criando-se quase uma barreira intransponível de comunicação (vejo muitos juruás seguindo esta lógica). Enxergar o humano para além da condição específica me fez me sentir bem mais à vontade com o grupo. Até porque, muitas de suas interações condizem com as minhas, colocando um pouco essa ideia de ser indígena como um universo à parte em cheque.

Todos se preparavam para viagem. Colchões foram trazidos, isopores de cerveja, carvão para o churrasco, biscoitos e cobertas. O ônibus chegou por volta das 22h do dia 6. Íamos passar a noite viajando. Muitas brincadeiras e piadas, uma festa. Os juruás do grupo (maridos e amigos em sua maioria) eram os mais animados. Os adolescentes

¹⁹ Paralelamente à pesquisa, iniciei o curso de extensão de língua e cultura guarani da Faculdade de Educação da UFF, coordenado pelas professoras Mariana Paladino e Silvana Mendes. O curso é ministrado por Alberto Alvares, cineasta guarani mbya mestrando em cinema pela UFF.

também mostravam bastante energia. Depois de um tempo, dormimos e a viagem seguiu tranquila. Chegamos à aldeia de Paraty ao amanhecer. Só nós havíamos chegado e depois vimos que este ano só a aldeia de Maricá esteve presente, diferente do ano passado em que diversas aldeias de São Paulo, Espírito Santo, além do Rio estavam ali. Dona Lígia e família foram se alojando na casa de artesanato e o restante da aldeia foi conduzido à escola. Montamos as barracas e alguns foram à casa de seu Joaquim para o café da manhã. Eu preferi ficar dormindo. Acordamos e os homens foram ao campo para organizar as partidas, depois de se resolver o incidente do ônibus que ficou atolado na estrada impedindo a passagem de todos que faziam o trajeto Paraty-Mirim – Paraty. Uma reza de Dona Lídia para Nhanderu foi promissora neste momento. No sábado fui à praia com Rebeca e lá conhecemos algumas pessoas que ao saber que estávamos na aldeia indagavam: *“mas eles são índios mesmo? Eu vi que eles têm tatuagem e celular.”* No sábado, ainda, entre um atolamento e outro de ônibus (agora o da igreja que tinha acabado de chegar à aldeia para fazer seu “trabalho social”) conseguimos almoçar (Tipá, arroz, feijão e frango) a comida feita na cozinha coletiva e vimos que o coral estava cantando bem em frente ao colégio, acho que aproveitando a movimentação que aquela situação de atolamento ocasionou. Vimos as pessoas que nos disseram isso na praia indo a aldeia com ar de curiosidade. Pelo que me parece o espaço desta aldeia em Paraty, por ser montanha, fica restrito a entrada, visto que para acessar os outros espaços é necessário fazer algumas trilhas.

À noite, um churrasco já estava sendo preparado na entrada da aldeia. A todo o momento se vê pequenos churrascos. Comemos um frango, falamos um pouco do nosso passeio na praia e fomos nos arrumar para o forró. O forró, diferente do ano passado, foi realizado numa pequena cobertura. Rebeca ficou incumbida de acompanhar a Márcia (filha de Dona Lídia, solteira de 23 anos e sem filhos, uma raridade). Fui junto com elas e Márcia então me passou as instruções de mulher solteira nestes ambientes. Da outra vez, eu era uma mulher casada, não havendo necessidade de passar estas instruções. Agora divorciada minha situação era distinta. Segundo ela, não era bom que eu ficasse sozinha (sempre há muita bebida, muita gente bêbada, isso de fato me assustava um pouco) e que se alguém me puxasse para dançar eu não podia dizer não (seria indelicado de minha parte). Mas, de modo geral considero as pessoas bastante respeitosas, mesmo em meio a tanta bebida. Acho que não seria o caso se fosse em outro ambiente. Passado

um tempo, o cacique chegou e como de costume mandou fazer a roda. Desta vez, fui logo chamada por Márcia para me integrar a roda. Ano passado acompanhei o mesmo movimento de longe. Lembro-me de ter ficado maravilhada com a disciplina em meio a tanta bebida. Desta vez, já de dentro, vi que muitos falavam baixinho rindo e pedindo para que o discurso do cacique fosse rápido. Respondiam: “añete” (verdade em português) para agilizar o entendimento. Márcia tem uma grande admiração pelo cacique e foi logo falar com ele após o discurso (que se resume em dar boas vindas e pedir para que se tenha respeito, se evite brigas e coisas feitas às escondidas). Miguel solicitou que Márcia fosse a casa dele buscar sua esposa. Márcia pediu para que Rebeca e eu fôssemos com ela. Chegamos lá e falamos com ela, que fumando o petyngúá²⁰ disse que iria em alguns minutos. Ela já é bastante idosa, assim como o cacique. Márcia disse que sua voz já está sumindo e que quando isso acontece é porque o espírito já está indo embora. Para nossa surpresa ela foi ao forró e depois de umas músicas bem atuais, foi colocado o chamamé (ritmo comum em cidades do sul do Brasil) e tanto ela quanto Miguel dançaram algumas músicas. Uma coisa impressionante visto a idade bem avançada de ambos. Os jovens entraram na dança também. Eu fiquei observando mais de fora, mas sempre ia a pista para dançar com Márcia. O técnico do time feminino, um juruá, também estava presente bastante alcoolizado, mas conseguimos trocar algumas palavras. Só um indígena me puxou pra dançar, o que aceitei de bom grado. Ao voltar para a escola vi um carro celta tocando funk. Muitos jovens estavam ali, incluindo Letícia, acompanhado de Miguel e Luciana. Fui dormir e o funk acabou.

O dia seguinte começou com uma trilha em direção à casa de Joaquim para tomar o café da manhã. De café, tinha tipá e churrasco. Neste lugar, ficamos acampados ano passado. Dona Ana me perguntou sobre meu ex-marido e falei sobre a minha separação. Pude tomar um banho e escovar os dentes, coisas um pouco difíceis para quem não tem acesso a uma das casas. Muitos fazem isso na cachoeira perto da aldeia. Após o café, fomos ao campo de futebol. O time feminino já estava se preparando. Estendi a canga, que logo foi ocupada por outros da aldeia. A torcida organizada estava

²⁰ Petyngúá é o cachimbo sagrado guarani. Através da fumaça sagrada (*Tataxina*) derivada deste cachimbo, os guarani mbya conseguem se comunicar e interpretar as mensagens dos deuses, espíritos, áureas e ancestrais. Este cachimbo pode ser constituído de alguns materiais, tais como argila, madeira, ou nó de pinho. Fonte: <http://historiaeculturaguarani.org/artesanato/funcoes-sagradas-do-cachimbo-e-colares/petyngua-materia-prima-necessaria-e-relacao-com-o-nhee/>

formada. Um dado que me deixa um pouco triste é ver a quantidade de lixo espalhado pela aldeia e pelos arredores do campo. E em meio ao lixo, lá estávamos nós. Dos jogos, as meninas de Maricá ganharam dois e perderam um. Todos os jogos tem aposta e ganhar ou perder significa alguns trocados a menos ou a mais. Entre um jogo e outro, um banho de cachoeira. As meninas de Paraty já estão participando do campeonato na cidade, que acredito seja o caminho futuro das de Maricá também. Elas têm muita técnica e estão se dedicando cada vez mais ao time. A maioria joga futebol desde cedo, denotando a importância que vejo que o futebol adquire nesta interação. O filho de Andreia (integrante da aldeia e que também é minha aluna no Encceja) já joga na escolinha do flamengo situada em Maricá. Ela mesma integra o time feminino e disse jogar desde criança. Muitas jogam descalças. Dentre um jogo e outro, muita água e petyngué. Muitas saem com dores no corpo, mas felizes por esta interação. Depois do jogo, voltamos à casa de Seu Joaquim para a janta e depois organizamos o retorno a Maricá. A volta foi bastante cansativa devido à troca de pneu do ônibus. Chegando na Aldeia (já de manhã) a única coisa que pensava era voltar para casa para descansar. Não dei aula essa semana.

2.5 As aulas para o Encceja e o mergulho no campo

Como já dito anteriormente, acredito que as aulas que ministrei na aldeia para preparação da prova do Encceja, me abriram novas possibilidades no campo. Desde o início, busquei estabelecer um espaço para a troca, investindo em algo que trouxesse algum benefício para a aldeia. A meu ver, esse é um papel importante que o pesquisador deve estabelecer com o seu campo. Estar ali não apenas como observador, mas se colocando em ação em alguns espaços me parece que estabelece uma relação mais proveitosa com o campo, diria eu, até mais justa. Estas são discussões que estão em voga atualmente no desenvolver da disciplina e que foram tratadas por João Pacheco de Oliveira (2004) em uma análise que se debruça sobre certos desafios discutidos no fazer antropológico. O autor inicia o trabalho apresentando a crise na antropologia, em que muitos chegam a pensar em seu fim. Para falar sobre isso, de forma a transpor análises, segundo ele, superficiais ele vai utilizar o conceito de mal estar já trabalhado por Gluckman (1964) e outros autores. As questões tratam da ideia de que a dimensão

política estaria de certa forma atrapalhando a visão necessária para o bom exercício da pesquisa antropológica no que diz respeito à objetividade acadêmica e científica, elencando-se inclusive objetos mais distanciados dos interesses e jogo na vida nativa, gerando um intenso distanciamento do pesquisador com o objeto pesquisado. Mas o autor vai trabalhar sob a ótica de outra hipótese:

Minha hipótese é que (...) o mal-estar resulta de que as verdades operacionais que geraram as condições de possibilidade da prática antropológica, formatando gostos e valores e permitindo aos antropólogos a cristalização de uma identidade própria, não fornecem mais uma carta de navegação inteiramente satisfatória e confiável. É desse descompasso de ritmos que decorre tal mal-estar (OLIVEIRA, 2004, p.12).

Neste sentido, a antropologia passa da ciência dos “povos primitivos” (do qual se mantinha certo “distanciamento”) para se investigar também fenômenos próximos ao universo do pesquisador, passando a ser considerada a ciência que investiga a multiplicidade das manifestações humanas. João Pacheco pretende dar ênfase às variadas situações de pesquisa, que geram múltiplas formas de inserção no campo, inseridas em um jogo que não pode ser resumido a homogeneização dos vínculos descritos na metodologia tradicional da disciplina. Na pesquisa colonial, o nativo é mero informante e o encontro é “episódico e fortuito”. Tratando-se do mundo atual, as mudanças decorrentes deste e como elas afetam a antropologia, o autor relata que é um mundo fortemente marcado pela valorização das diferenças culturais e formação de lideranças locais, com forte traço de protagonismo local. A formulação da pesquisa agora passa também pela aprovação do grupo e o pesquisador neste novo contexto é levado a engajar-se nas demandas elencadas por eles. “Antropólogos podem ser um instrumento eficiente para acessar direitos (na luta pela cidadania) ou recursos (...), em iniciativas que cada vez mais se tornam mais especializadas e complexas” (OLIVEIRA, 2004, p. 18). Para João Pacheco, não se deve compreender o engajamento do antropólogo como algo negativo, tendo em vista a multiplicidade de contatos e metodologias que uma disciplina atrelada aos desafios impostos pela contemporaneidade deve se adaptar. Neste sentido, “(...) quer a dimensão política seja explicitada ou não, ela sempre estará presente.” (OLIVEIRA, 2004, p. 23).

Assim, procurei entender o que de fato eu poderia fazer nesse sentido. Tentando primeiramente com o teatro, o que não teve o interesse devido, para depois perceber a demanda que se colocava para um grande número de adultos da comunidade: a necessidade de conclusão de sua formação escolar. Essas questões começaram a aparecer em abril de 2018, quando estava no evento da semana do abril indígena. Gracinha estava preparando a inscrição de Luciana para a prova e fui buscar saber do que se tratava. O Enceja é uma prova anual oferecida para jovens e adultos que não estejam frequentando regularmente as escolas e que queiram ter a certificação do ensino fundamental ou médio. Os alunos que conseguirem obter a pontuação mínima em cada disciplina podem solicitar a emissão do certificado. Neste dia, pude constatar que o número de pessoas que não tinham o ensino fundamental na aldeia era muito alto, o que dificultava a inserção em atividades fora deste espaço, como a inserção no emprego ou em algum curso oferecido pela prefeitura. Além disso, ainda há os alunos que não continuam seus estudos após a conclusão do 6º ano. O colégio municipal das aldeias de Maricá tem oferecido até o 6º ano do ensino fundamental, sendo necessária a inserção dos alunos nos demais colégios da rede após esse período. Gracinha disse que muitos jovens não querem estudar fora da aldeia por conta do preconceito. Um dos meninos sofreu muito com o racismo presente nestes espaços. Muitos não vão estudar fora, segundo ela, por conta disso. Esses pontos foram novamente mencionados em um seminário sobre educação indígena que ocorreu na cidade e que falarei mais a frente neste tópico. A prova Enceja foi em agosto e ministrei aulas duas vezes por semana por quatro meses.

Com o início das aulas, passei a ir sozinha para o campo. As visitas iniciais foram acompanhadas do meu marido na época, Aparecido. Cheguei à aldeia pela primeira vez sozinha. Assim que parei o carro em frente à cabana de forró um homem meio bêbado veio falar comigo. Perguntou umas cinco vezes se eu estava bem. Como se uma mulher sozinha estivesse vulnerável àquela situação. Depois de um tempo, Miguel apareceu. Acho que estava perto ou na casa de Dona Lídia. Sentamos no palco e conversamos um pouco. A primeira coisa que ele fez foi me cumprimentar em guarani. Disse que se vou vir agora com frequência, preciso aprender guarani. Isso me remete a importância da língua na interação e como este é um dos traços diferenciais levantados pelos grupos guaranis. Perguntei sobre algumas palavras e anotei no whatsapp. Falamos

sobre o governo e o problema de se retirar a certidão de indígena quando ocorre o casamento entre indígena e juruá, principalmente quando a pessoa da aldeia ocupa a posição de cacique ou pajé. Falamos isso a partir do exemplo da filha de Darci Tupã que acabava de nascer no Rio de Janeiro. Segundo ele, o governo não gosta muito quando o cacique tem relacionamento inter-racial. E pra tirar a certidão é difícil. Ele disse que para os indígenas não tem problema, mas para o governo sim. A política que emperra. Depois, eu fiz a inscrição de um rapaz juruá que também não tinha o ensino fundamental. Luciana chegou e fomos à casa de Miguel. Demorou até que todos chegassem. Eu tinha de alunos nessa época dois jovens (em torno de 17 anos), Suzana (filha de Tupã), Iracema (mãe de Luciana), Miguel e Luciana. Apresentei-me primeiramente e depois cada um se apresentou. Dona Iracema trabalha com saúde indígena, Suzana quer ser médica, um rapaz se apresentou e disse ter 17 anos. O outro não quis se apresentar. Comecei fazendo operações básicas de matemática, levando em consideração o cotidiano deles na tenda de artesanato. Percebi que alguns têm mais dificuldades em fazer a conta.

Comecei a dar as aulas para Samuel (juruá marido de Iraci), os dois meninos Jekinha e o filho do Tupã (Aderley), Miguel, Luciana e Suzana. Foi um ciclo de aulas, onde havia aulas explicativas, exercícios da prova e simulados. As aulas ocorreram na escola às quintas e sextas. Algumas não aconteceram. Às vezes o desestímulo era grande. Acredito que o próprio cotidiano escolar era difícil de ser apropriado. Mas de qualquer forma, ao final, Suzana e Luciana fizeram a prova. Jekinha foi até o local, mas havia esquecido sua identificação. Treinei neste tempo muita redação com eles e disse que o fato diferencial, deles serem indígenas, deveria contar na redação e para isso era importante que isso fosse mencionado. Antes da prova teve o dilema se Miguel ia ou não fazer o Encceja, porque os dois fazerem a prova significava que a Lia, filha mais nova do casal, ficaria sem um dos dois. Eu tinha me predisposto a ficar com a Lia, apesar de deixar registrada a minha inexperiência com crianças. De início foi aceito, mas depois eles ficaram com receio. Como Miguel já tinha tirado a carteira de motorista, a decisão foi de que a Luciana faria a prova e Miguel ficaria com a Lia.

Acho que há também uma resistência a adequação no sistema escolar. Creio que é difícil para uma pessoa que não teve contato com esse cotidiano, depois de um tempo voltar a ter esse contato. Há um abismo grande entre o conhecimento formal e eles que

foram alijados desse processo. A formação escolar foi prejudicada também pelas sucessivas mudanças de aldeia. A Luciana falava muito disso. Outra coisa é na própria aldeia só ter aula até a sexta série de ensino fundamental. Os meninos e Suzana só fizeram até essa série. Gracinha chegou a mencionar este fato ainda em abril. Para ela, muitos não pensam além, não saem da aldeia pra fazer um curso fora. Ela disse tentar ajudar no que pode as pessoas mais “interessadas”. Para ela, tem pessoas interessadas e outras que “não querem nada”. Evidente que esta é uma análise muito mais complexa que não pode ser resumida a interesses pessoais. A questão da exclusão é muito presente. Acredito que há uma associação da exclusão, da pobreza e desigualdade em si, atrelado à questão indígena e territorial. Suzana e Luciana passaram nas disciplinas de português, geografia e história, tendo ficado muito animadas com o resultado. No ano de 2019 tentarão apenas as disciplinas de ciências e matemática.

Em 2019, retomamos as aulas. No dia 27 de maio retornei a aldeia para fazer a inscrição de várias pessoas. Acredito que o relativo sucesso de Suzana e Luciana tenha impulsionado novas pessoas a retomarem seus estudos. Inscreveram-se comigo Luciana, Marina, Iracema e Jurema. Uma oportunidade de já começar a ter mais acesso a outras pessoas na aldeia, para além dos usuais. Comecei a aula no dia 1 de julho. Novos alunos vieram, mesmo sem terem feito a inscrição, na estratégia de já se preparar para o próximo ano, dentre eles Iraci, Márcia, Juliana e Juscelino. A maioria não sabia em que ano havia parado de estudar, ou pararam de estudar nas primeiras séries do ensino fundamental. No decorrer da aula, percebi que Juliana não sabia nem ler nem escrever. Tinha que pensar como poderia auxiliar em sua alfabetização, questão da qual não tenho experiência. As aulas seguiram e várias pessoas passaram pela escola, mas fiquei com uma turma fixa de Iraci, Juscelino, Luciana, Marina e seu esposo Ivilmar, Márcia, Juliana e Andreia. Iracema e Jurema tinham meu acompanhamento à distância. As aulas passaram a ser feitas semanalmente dois dias seguidos. Eu dormia na casa de Miguel e Luciana de terça para quarta e a aula fluía como nunca. Com as aulas e meus pernoites ali, pude transitar pelos encontros do café da manhã, conversar com outras pessoas, chegando à peça chave: Dona Lúcia. Depois de um tempo de aula, Dona Lúcia veio até mim me perguntar sobre meu marido. Falei da minha separação e ela perguntou quanto tempo de casada e entramos em uma conversa. Perguntei se ela gostava de morar em Maricá e terminamos o assunto com ela me pedindo que levasse chimarrão para ela.

Lembrei-me da tese de doutorado de Vicente Cretton (2014), no qual ele disse ser este um dos pontos de proximidade e de estabelecimento da troca. O autor acompanhou o mesmo grupo, só que em um momento distinto: do ano de 2008 até a mudança do grupo para Maricá, em 2013. Sua tese de doutorado buscava a compreensão da experimentação da alteridade entre os guaranis mbya, seja com relação aos brancos, aos espíritos e aos animais. Sua análise se estabeleceu com enfoque teórico distinto do meu, já que o mesmo busca compreender o grupo a partir das contribuições do perspectivismo ameríndio²¹, o que o fez dar ênfase ao grupo em si, mais do que suas relações com o entorno. De qualquer modo, suas reflexões sobre a inserção no campo e alguns dados sobre a saída do grupo de Niterói e sua chegada a Maricá são de suma importância para este trabalho.

Fiquei conhecida na aldeia como a professora dos adultos. Claro que disse que esta seria uma troca pelo meu trabalho de pesquisa. Mas é interessante essa expressão direcionada a mim, porque ela diz sobre a imagem que os sujeitos da pesquisa fazem do pesquisador, que implica a compreensão deles sobre minha presença, como ela é concebida e ressignificada. Na casa de Luciana, tomávamos café e logo após circulamos pela aldeia, indo direto para o núcleo da família. Acho que devido a minha dedicação com as aulas, a abertura da minha relação entre as famílias se ampliou. Alguns integrantes novos circulavam por ali. Luciana me disse que vieram várias famílias de Ubatuba para lá, já que a aldeia de Ubatuba não tinha muitas condições. Eles eram muito pobres, passavam muita necessidade e não tinham muito acesso à cidade, visto que a aldeia ficava distante. Então, decidiram ir pra Maricá. Já começaram a receber o Bolsa Mumbuca comum (não o indígena). A administração do colégio também ficou sabendo da existência das aulas. O ciclo de aulas inicial se encerra no dia 22 de agosto, com a prova acontecendo no domingo dia 25 de agosto, mas dei continuidade até o fim do ano, já que muitos alunos que passaram a frequentar as aulas sequer se inscreveram no Enceja, já estando se preparando para a prova do ano que vem.

Com as aulas, houve cada vez mais articulação dos adultos para que seja formalizado o EJA (Educação de Jovens e Adultos), tendo esta questão sido colocada na reunião da aldeia com alguns membros da secretaria de educação. Há periodicamente a

²¹ Para mais informações sobre o tema: Os pronomes cosmológicos. E o perspectivismo ameríndio. Eduardo Viveiros de Castro. REVISTA MANA 2(2):115-144, 1996.

visita de alguns funcionários da secretaria às aldeias para acompanhamento do andamento das atividades dos colégios e neste contexto foi levantada esta demanda pelos adultos. Para eles, se não fosse possível o EJA que pelo menos a prefeitura me contratasse para que eu pudesse continuar ministrando as aulas do Encceja. Neste período teve também um ciclo de seminários na cidade que estava circulando nos colégios, os Círculos de Diálogo Paulo Freire, no qual o tema levantado em setembro seria sobre educação indígena. Neste seminário descobri que o colégio da aldeia conta com 24 alunos, enquanto o de Itaipuaçu tinha 15. Uma das questões colocadas pelas diretoras era a associação do português com o guarani, já que o guarani é a língua materna e eles recebem as informações em português e raciocinam em guarani. Fato que ocorre em minhas aulas também.

Também estavam presentes no seminário Wanderley, integrante da aldeia e professor da escola de Itaipuaçu e Ivilmar, que acompanhou minhas aulas do Encceja e participou da comissão estadual de educação indígena. Wanderley disse que o objetivo principal é manter a cultura, não deixar de lado o costume e a tradição. Aprender a cultura do outro, mas sem deixar a cultura guarani. Ele ainda disse que se sente feliz com o português que fala. Já ouviu de outras pessoas que deveria aprender mais o português para falar mais firme. Fala da dificuldade de se comunicar entre os grupos indígenas porque cada um tem sua língua. Já Ivilmar falou da preocupação sobre a criança sair do colégio indígena para ir estudar fora. Falou da necessidade de formação oficial para atuar em outros espaços e terminou dizendo que a cultura se perde se o índio quiser. Caroline Potyguara, indígena mestranda do museu nacional que trabalha na Secretaria de Educação, falou de sua pesquisa. Segundo ela, os guaranis têm o sistema da língua todo vivo, mantendo todo o seu léxico. Não se perdeu em meio ao processo de colonização alguns traços cruciais. Ela diz, com motivo de orgulho, que eles não deixaram juruá mandar e ter relação de poder na aldeias. São mais fechados e isso é bom para esta manutenção. Falando sobre a associação de religião e cultura, Carolina disse que o sagrado é tudo. Não está separado do todo. Vem desde o batizado. Nome dado à criança está relacionado ao sagrado. Aspectos religiosos permeiam toda a vida, sendo uma questão imanente. O espaço da aldeia é sagrado, assim como a casa. Reforçou a premissa básica deste pensamento de que sem tekoha não existe tekó (sem

terra não existe vida). Falou das modificações, com a inserção de outros elementos que também geram influência (protestantismo, catolicismo e até o candomblé). Mas em tradição, enquanto indígenas, respeitar o aspecto sagrado é fundamental. Terminou dizendo que Maricá tem esse fortalecimento do ensino indígena. Ao final do encontro, fiz uma pergunta sobre as aulas do EJA e a secretária disse que essa é uma necessidade que tem sido cada vez mais trazida pelas aldeias e que já estão estudando a implementação para o ano que vem. O fato da prefeitura e, no caso específico, a secretaria de educação terem uma perspectiva mais progressista, sendo um governo do Partido dos Trabalhadores (PT), os tornam mais sensíveis a estas novas demandas e reivindicações.

Assim se deu meu percurso no campo de pesquisa, desde minha entrada no final de 2017 até o ano de 2020, ano de finalização desta trajetória. Neste entremeio entre a juruá deslocada até a juruá professora também passei a ser solicitada para outras funções na aldeia, que iam desde auxiliar no deslocamento de pessoas para alguns locais de Maricá ou em alguns eventos fora da cidade (o que me era facilitado por ter um carro), até auxílio em questões burocráticas, como a orientação para a compra da maquininha de cartão de débito, o que facilitaria a venda dos produtos da aldeia e outras questões que envolviam esse manejo da internet. Neste ano de 2020, com a eclosão da pandemia mundial do coronavírus, auxiliei a inscrição de alguns integrantes da aldeia na obtenção do auxílio emergencial do programa de auxílio ao trabalhador da prefeitura de Maricá, o que me fez não apenas ter contato com a aldeia mais também com outras instâncias, como a Funai e funcionários da prefeitura. Toda essa troca, me parece, estão atrelada ao jogo que existe em toda inserção no campo de pesquisa e que precisa ser explicitado em todo trabalho de campo. O fato da minha inserção e aceitação na aldeia ocorrer pela via educacional não ocorreu de maneira aleatória, parecendo ser exatamente um ponto no qual os atores em questão perceberam que poderiam ter um maior proveito da minha presença ali no local, sendo algo que favoreceu tanto a minha aproximação como o grupo em si. O fato é que esta inserção me favoreceu a observação dos múltiplos acontecimentos que ocorreram neste período, que envolvem também a relação da aldeia com o entorno, com as instâncias municipais e com a empresa multinacional IDB, que reivindica a área ocupada. Essas questões, bem como as

estratégias lançadas pelo grupo para garantir o seu processo de territorialização serão colocadas no capítulo que se segue.

Capítulo III "ÍNDIOS PETISTAS": A ALDEIA E SUA RELAÇÃO COM O ENTORNO.

3.1 A cidade de Maricá na era PT

No final do ano de 2017, a caravana de Lula chega à cidade de Maricá. Segundo o site oficial do Partido dos Trabalhadores (PT), o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva teria a possibilidade de conhecer a cidade do estado do Rio de Janeiro famosa pelo seu modo petista de governar. Ao seu lado, além de todos os representantes petistas do Rio de Janeiro, estavam sua filha Lurian Cordeiro Lula da Silva, moradora e presidenta do PT na cidade, e a ex-presidenta Dilma Rousseff. Há de se considerar que Maricá ganhou visibilidade após a gestão de Washington Quaquá e a cidade e suas políticas passaram a ser citada nas reuniões de esquerda do estado. Essa questão fica evidente em parte do discurso de Lula:

*Primeiro gostaria de dar os parabéns ao Fabiano e o Quaquá. Porque o que estes meninos junto com vocês fizeram na história desta cidade ainda será motivo de exemplo para o país. Uma cidade que tem uma moeda própria para financiar as pessoas mais pobres. Uma cidade que tem o famoso vermelhinho que transporta gratuitamente mais de dois milhões de pessoas por ano. Uma cidade que vai financiar uma escola técnica que deveria ser obrigação do governo federal (...) uma cidade que se preocupa com a questão social como nenhuma outra no Brasil. Eu não poderia falar nada sem dizer a você Fabiano e a você Quaquá, obrigado Deus por eles existirem e por eles confiarem tanto no povo desta cidade e fazer desta cidade uma cidade maravilhosa.*²²

A fala de Lula no ano de 2017 torna-se diametralmente oposta a outra fala que circulou nas redes de whatsapp no ano de 2018, proferida pelo então candidato a presidência da república Jair Messias Bolsonaro em resposta a um de seus eleitores:

²² Vídeo disponível no link: <https://www.facebook.com/PTRJ13/videos/1041586652651306/> Acessado em 10 de novembro de 2019.

*(...) pelo que tudo indica hoje tudo que há de ruim hoje no Brasil está na tua cidade. MST, direitos humanos, Dilma, homenagem a Che Guevara. A escória do mundo hoje infelizmente está na nossa querida Maricá. Quero te mandar um abraço, dizer que somos solidários as pessoas de bem desse município e a festa desta esquerdalha mais cedo ou mais tarde vai acabar tá OK. Um abraço a todos homens e mulheres de bem de Maricá.*²³

Para se compreender as questões relacionadas à aldeia indígena, sua chegada à cidade de Maricá e o desenvolvimento de seu processo de territorialização, torna-se importante a compreensão da conjuntura política que permeia a cidade, já que a pesquisa foi realizada em um momento no qual estes conflitos, que ficam evidentes nestas duas falas, estavam latentes e de certa forma impactaram o local. Além da análise do livro do ex-prefeito da cidade, também foram realizadas entrevistas com alguns moradores de diferentes profissões e atuações locais, que trazem um panorama interessante para se pensar esta trajetória maricaense. Muitos destes moradores e funcionários que hoje trabalham na prefeitura ou em algum órgão municipal tiveram uma trajetória parecida: a família tinha uma casa de veraneio em Maricá que aos poucos foi se tornando residência fixa. Muitos moravam em municípios próximos e buscaram na cidade a tranquilidade e qualidade de vida que estes municípios de origem já não ofereciam.

O ex-prefeito petista em seu segundo livro (QUAQUÁ, 2019) conta a trajetória do Partido dos Trabalhadores na cidade de Maricá e todo o seu movimento de articulação que se inicia muito antes da sua chegada a prefeitura. Em 1986, o núcleo do PT é fundado na cidade. Washington Quaquá inicia o texto dando ênfase no território como lugar em que se apresentam as contradições de classe, onde a luta pelo poder local torna-se então crucial nesta batalha do capitalismo atual, fortalecendo as redes locais. No momento de escrita do livro, com Maricá já sob o comando de Fabiano Horta, estão sendo criados através da Secretaria de Economia Solidária (sob comando do seu filho Diego Zeidan) e da Secretaria de Direitos Humanos os “Comitês por uma vida melhor”,

²³ Trecho transcrito do vídeo circulante nas redes bolsonaristas dos grupos de whatsapp no ano de 2018.

formados pelos beneficiários dos programas sociais do município, em conjunto com os comitês de defesa dos bairros. Para ele, esta deveria ter sido uma política nacional estratégica.

Falando da trajetória do PT em Maricá, Quaqué relembra as primeiras reuniões do partido em sua casa "(...) de tijolo aparente, sem reboco e sem pintura, janelas sem vidro, porta sem fechadura e varanda com piso de aguada de cimento" (QUAQUÁ, 2019, p.19). Imagem que contrasta muito aos espaços conquistados pelo PT da cidade hoje. Ele e sua mãe fundam o PT municipal em 1986. Neste ano, fizeram campanha para o Fernando Gabeira para governador, Vladimir Palmeira para deputado federal e Carlos Minc para deputado estadual. Quaqué é eleito presidente municipal do partido em 1988, pegando toda campanha de Lula à presidência em 1989. Ele mais alguns jovens familiares de Fabiano Horta criaram a "Juventude Alternativa Pomba Verde", mostrando a relação do PT local com as ideias do Partido Verde (PV). Já em 1988, o PT lança Nélio Carvalho para prefeitura e a mãe de Quaqué, Dona Ione, como vice. A chapa obteve 400 votos. Em 1992, Hamessom Castelo Branco era o candidato. No mesmo ano, Quaqué vem como candidato a vereador pela primeira vez com 21 anos de idade. Nenhuma das candidaturas teve expressão. Em 1996, "(...) foi a vez do povo de Maricá votar pela tradição" (QUAQUÁ, 2019, p.21). A chapa de ex-prefeitos Luciano Rangel/Odenir Costa venceu com 48% dos votos. Mais uma eleição em que o PT obteve 1% dos votos.

Em 2000, Quaqué se candidata a prefeitura pela primeira vez. Disse que não era sua intenção inicial, mas foi um meio importante de barrar a candidatura de Ricardo Queiroz (de família tradicional, muito ligado às elites locais) no PT. Em sua primeira candidatura, o partido estava rachado por esta disputa. "Foi mesmo uma campanha típica para marcar posição e evitar que o PT caísse na vala comum dos partidos tradicionais que se revezavam no condomínio do poder municipal e virasse um satélite, um serviçal das elites locais, como acontece, infelizmente, em muitos lugares" (QUAQUÁ, 2019, p. 26). Para ele foi isso, essa afirmação de não ser um partido coligado às elites locais que deu estrutura para futuras vitórias. Nesta eleição, Quaqué ficou em quinto lugar. "Foi uma campanha muito difícil, sem grana nenhuma. Lembro que comprei uns compensados de madeira, tinta de parede e pintava meu nome e dos candidatos a vereador" (QUAQUÁ, 2019, p.28). Mesmo com poucas probabilidades de

sucesso, sua esposa Rosangela Zeidan e Quaqué largaram seus empregos no partido para se dedicar ao estabelecimento de parcerias na cidade com o pequeno empresariado e a classe média. Fortaleceram a revista Maricá Já, o guia turístico da cidade e o jornal Outras Palavras. "Isso nos fez muito mais conhecidos por muito mais gente. E decidi também todo dia fazer visitas em casas, biroskas, comércios, igrejas, etc. Foram quatro anos de muito trabalho, mas também de muitos apertos" (QUAQUÁ, 2019, p.29).

A campanha de 2004 foi feita com muita dificuldade, mas teve duas coisas exitosas para ele: "Eu sempre fui meu próprio marqueteiro e bolei um panfleto A3 dobrado, em formato de boletim, com uma belíssima foto do litoral de Itaipuaçu tirada por mim mesmo de cima da Pedra do Elefante, com a seguinte frase: “Maricá é bonita demais para ser controlada por uma empresa de ônibus” (QUAQUÁ, 2019, p. 30). Foi um conflito frontal com o poderio econômico da cidade, "(...) daqueles que eram há décadas os coronéis e verdadeiros "donos" da cidade" (QUAQUÁ, 2019, p. 30). Outra coisa realizada nesta época foi contratar a banda Carrapicho para o comício. Isso lotou os atos e muitos passaram pela primeira vez a escutar as propostas de Quaqué para a cidade. No comício final havia mais de 10 mil pessoas. Quaqué terminou em terceiro lugar, mas com pouca diferença dos dois primeiros colocados. Ricardo Queiroz foi eleito com 13575 votos, Uilton Viana ficou em segundo com 12775 votos e Quaqué teve 12736 votos. Em 2008 veio a consagração: em uma disputa tensa com a elite local, Quaqué torna-se o prefeito mais bem votado da cidade, com 63% dos votos. Sobre esta votação e as motivações da mesma, alguns entrevistados falaram um pouco a respeito:

Quando eu fiz 16 anos foi a primeira vez que eu votei. A política em Maricá era sempre uma decepção. Nunca foi feito nada, sempre Maricá envolvida em escândalos e corrupção de passar no Fantástico. Seis prefeitos envolvidos em escândalos. Desde quando eu comecei a voltar eu sempre votei no PT, tinha até uma estrelinha em um broche. Apesar de não concordar com a postura do Quaqué, eu votei nele nas duas eleições porque achei que ele fez um trabalho diferente dos outros prefeitos, que nunca fizeram nada. O que ele fez não foi só uma obra na praça. Ele mexeu em vários bairros, em várias partes da cidade. (...) Eu acho que as pessoas queriam realmente mudar, por isso que ele acabou

*ganhando a eleição. Pelo fato das pessoas estarem cansadas da velha política e estarem dispostas a arriscar uma coisa nova.”*²⁴

*Quando eu vim para Maricá a cidade era meio roça. O prefeito era o Ricardo Queiroz e a cidade não tinha nada para fazer. Qualquer coisa você tinha que ir para Niterói ou ir para o centro de Maricá. Estar em Inoã e ir para o centro é como se você tivesse ido para uma cidade diferente, até com relação à política. Tudo que se faz e se constrói partia do centro de Maricá. As outras regiões nunca tinham nada. Agora mudou com as lonas culturais, o programa minha casa minha vida, a Upa de Inoã. Tudo era muito centralizado. Antigamente Itaipuaçu queria se emancipar de Maricá por conta disso. Quando Quaqué se elegeu eu era muito novo e não era ligado à política. Mas eu vi muita coisa se transformar.”*²⁵

O que fica evidente nas falas é que de lá pra cá, muita coisa se transformou na cidade.

*Maricá virou o melhor lugar pra se viver no estado. Eu como artista nunca pensei que fosse trabalhar na cidade com arte. O PT em Maricá mudou a cidade. Eu falo que atualmente Maricá é meu país porque, se você for comparar com outras cidades, está acontecendo muita coisa aqui. Os royalties ajudam, já que tem muito dinheiro para se investir, mas se tivesse na mão de outro partido, de outro prefeito muito dinheiro teria sido roubado.”*²⁶

Sobre a visibilidade, o governo petista fez com que a cidade, antes invisibilizada, passasse a aparecer no mapa político e cultural do estado.

²⁴ Entrevista concedida por Irene (nome fictício), professora do Instituto Federal de Maricá, em maio de 2019.

²⁵ Entrevista concedida por Breno (nome fictício), artista e funcionário da Secretaria Municipal de Cultura, em maio de 2019.

²⁶ Entrevista concedida por Breno (nome fictício), artista e funcionário da Secretaria Municipal de Cultura, em maio de 2019.

*Maricá era uma cidade totalmente abandonada. Eu me lembro quando eu entrei na faculdade em 2004 e falava que era de Maricá as pessoas não sabiam onde era Maricá. Isso em Niterói, aqui do lado e hoje todo mundo conhece Maricá. Ele deu uma visibilidade para a cidade. Muitos turistas, trouxe atrações culturais. Muita gente hoje quer se mudar para Maricá.*²⁷

A questão dos royalties do petróleo é amplamente mencionada nas entrevistas. O atual prefeito de Maricá, Fabiano Horta, fez um convite para que pessoas ligadas ao funcionalismo público de Macaé viessem para Maricá trabalhar na prefeitura. Neste processo, eu entrevistei Igor Sardinha, secretário de desenvolvimento econômico, comércio e petróleo, Luciano Chaves Leal, subsecretário de Desenvolvimento Econômico, Comércio, Empreendedorismo e Defesa do Consumidor, e Magnum Assumpção Amado, subsecretário de Desenvolvimento, Indústria, Petróleo e Portos, que contaram um pouco das motivações desta mudança para a cidade.

*O prefeito teve a visão de nos trazer justamente pensando que a cidade de Maricá vai viver o que Macaé viveu, porque hoje em dia a questão do pré-sal é todo aqui em Maricá. Hoje a cidade de Maricá é a cidade que mais recebe participação especial em royalties, mas ainda não é uma cidade da indústria do petróleo. A intenção é errar menos. As cidades que ficaram dependentes do petróleo ficaram em crise, como hoje Macaé vive. Nossa Missão em Maricá é a diversificação da economia, qualificação da mão de obra local e priorização dos empregos gerados aqui para o morador. Maricá tem oportunidade de ser uma cidade petrolífera em destaque hoje no Estado.*²⁸

O que eles avaliam é que “(...) você vê essa transição que o município vem fazendo no âmbito social e estrutural com crescimento avassalador. Isso traz crescimento demográfico e econômico. A cidade tem a capacidade financeira com a

²⁷ Entrevista concedida por Irene (nome fictício), professora do Instituto Federal de Maricá, em maio de 2019.

²⁸ Trecho da entrevista concedida por Igor Sardinha, Luciano Chaves Leal e Magnum Assumpção Amado, em junho de 2019.

estrutura que ela tem hoje de se desenvolver, coisa que vai, na realidade, em contramão à realidade do Estado do Rio de Janeiro.”²⁹. Sobre essa realidade, outra entrevista realizada com a subsecretária da *Assistência Social*, *Laura Costa*, trouxe um pouco das preocupações referentes a esse crescimento demográfico:

*A cidade está vivendo um boom. Ela vai crescer e meu medo é que vire uma Macaé. Está chovendo gente para cá, tudo de classe baixíssima, pobreza, muitos envolvidos com o tráfico e a questão de segurança é impossível. Maricá tem mais de 15 saídas e entradas além de você sair por mar por terra e por ar você tem 45 km de litoral, aeroporto e tem um monte de saída por terra. Ladrão aqui sai a hora que quer. É uma cidade que é Oásis, mas eu tenho muito medo da infraestrutura porque não foi uma cidade planejada e tem muita invasão ainda. Tem muita área de preservação mas hoje se invade a mata e bota fogo.*³⁰

Pedro Queiroz, filho do ex-prefeito Ricardo Queiroz que hoje é oposição ao governo da cidade, também denota contrapontos a este “boom” que a cidade vive. De família tradicional local, Pedro relata essa história:

*Minha família é enraizada na cidade. Na verdade meu tataravô foi o primeiro prefeito da cidade. Ele era de uma vila de pescadores e era liderança no meio. Na época, ele exercia a presidência da câmara que é relacionado hoje à função executiva. A minha família já está na cidade há muitas décadas. Eu sou a sétima geração aqui mais ou menos.*³¹

Advogado ligado ao direito eleitoral, Pedro Queiroz oferece assistência jurídica para algumas empresas e políticos locais. Disse ver uma intensa transformação na cidade, mas segundo ele, *essas mudanças trazem desafios e complicações que serão expostas a seguir:*

A cidade de Maricá está sofrendo nesses últimos anos uma mudança muito grande comportamental. As pessoas estão mudando sua forma de ver a cidade.

²⁹ Trecho da entrevista concedida por Igor Sardinha, Luciano Chaves Leal e Magnum Assumpção Amado, em junho de 2019.

³⁰ Trecho da entrevista concedida pela subsecretária de Assistência Social Laura Costa, em maio de 2019.

³¹ Trecho da entrevista concedida por Pedro Queiroz, em maio de 2019.

*A cidade tem extensão territorial muito grande, mas sempre foi de mentalidade de cidade pequena com famílias mais tradicionais de muitos anos, então você tinha uma forma de vida muito provinciana. Nesses últimos 10 anos, a cidade vem sofrendo uma mudança muito grande porque se descobriu a questão da produção de petróleo. A realidade do orçamento que o município hoje tem está fazendo com que a cidade tenha reflexos diferentes. Em 2009 o orçamento deu um ponto fora da curva, então houve uma multiplicação dos recursos públicos na base de uns 2000%. Isso fez com que a cidade que já tinha naturalmente umas disputas políticas bem intensas tivesse uma mudança de panorama, porque os agentes internos da cidade que desempenhavam um papel preponderante na cidade passavam a ter companhias de cunho nacional. A gente fala que Maricá hoje é um Principado. Isso trouxe também algumas mazelas. A qualidade de vida a estrutura não está acompanhando o orçamento, ainda estamos vivendo o dilema de ser uma cidade rica com o povo pobre.*³²

Apesar de fazer duras críticas a figura de Washington Quaqué, tendo inclusive auxiliado o processo de impugnação de sua candidatura a deputado federal em 2018, Pedro Queiroz estabelece uma diferenciação com relação ao atual prefeito Fabiano Horta. O fato de Fabiano ser de família local, diferente de Quaqué (oriundo de São Gonçalo), me parece ter pesado nessa diferenciação: *Hoje a gente tem um governo que é da mesma linha, mas com uma personalidade que é totalmente diversa. Primeiro que o Fabiano é da cidade. A família do Fabiano é daqui. Ele é completamente comprometido com a cidade e não apenas promover a legenda que ele pertence.*³³

É fato também que a personalidade menos “tempestiva” de Fabiano tem favorecido essa maior aceitação. O vereador Dr Felipe Auni (PSD), vice-presidente da câmara de vereadores de Maricá, hoje faz elogios ao prefeito mesmo ser ter apoiado a sua chapa na eleição:

Apesar de não ter apoiado Fabiano Horta, porque eu achava que ia ser uma continuidade mesmo, hoje eu vejo que há uma continuidade partidária apenas.

³² Trecho da entrevista concedida por Pedro Queiroz, em maio de 2019.

³³ Trecho da entrevista concedida por Pedro Queiroz, em maio de 2019.

*Naquele momento eu perguntei para ele de quem era a caneta que ele estava segurando. Eu queria saber quem é que mandava se era ele ou o ex-prefeito. Fabiano respondeu o que a caneta era dele. Eu disse que jamais agiria com hipocrisia de fazer oposição por oposição. Se ele fizesse um bom serviço eu não faria oposição. Esse voto de confiança que ele nos pediu, eu vou te dizer que valeu muito a pena porque Maricá hoje se transformou.*³⁴

O fato é que as mudanças na cidade hoje são visíveis e tem total relação, para além da presença dos royalties, com as três gestões do PT³⁵. Dentre as diversas políticas feitas na cidade, está a chegada dos indígenas em Maricá, presença que gerou potencialidades e também conflitos.

3.2 A entrada das aldeias em Maricá

Hoje Maricá tem duas aldeias guarani mbya. A aldeia Ara Hovy, localizada em Itaipuaçu que foi formada a partir da doação particular de um terreno localizado dentro do Parque Estadual da Serra do Tiririca³⁶ e a Aldeia Tekoa Ka'Aguy Hovy Porã, que pela distinção de sua ocupação, feita a partir do convite do ex-prefeito Washington Quaquá, será o foco desta pesquisa. A chegada da aldeia em Maricá foi precedida pela saída da família de Dona Lídia de Paraty-Mirim, a atuação do grupo na ocupação da Aldeia Marakanã, a formação da Aldeia das Sementes em Camboinhas, área nobre da cidade de Niterói/RJ, até o convite do prefeito para o grupo ir a Maricá. Essa história foi

³⁴ Trecho da entrevista concedida por Dr. Felipe Auni, em maio de 2019.

³⁵ De acordo com a pesquisa lançada pela revista exame em 2014, Maricá está entre as 300 cidades mais desenvolvidas do país. “Tais resultados foram obtidos dentro de três diferentes listagens, que reúnem os mais de 5.500 municípios do país: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), da Organização das Nações Unidas (ONU); Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM), da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan); e o Indicador Social de Desenvolvimento Municipal (ISDM), este da Fundação Getúlio Vargas (FGV).” Fonte: <https://www.marica.rj.gov.br/2014/06/09/marica-entre-as-300-cidades-mais-desenvolvidas-do-pais-segundo-a-exame/>

³⁶ O Parque Estadual da Serra da Tiririca é uma Unidade de Conservação da natureza de proteção integral situado nos municípios de Niterói e Maricá. Fonte: http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA_008600, acesso em 10/06/2019.

contada por Miguel em entrevista, que explicou com mais detalhes a sua trajetória e do grupo antes da vinda para Maricá:

*A gente já procurava um espaço porque lá na aldeia em Paraty já tinha muitas famílias e não tinha mais espaço para outras famílias. **Aí a gente estava procurando uma área, aí nós viemos para ocupar o Museu do Índio lá no Maracanã.** Foi nesse dia aqui que nós viemos para o museu junto com outros indígenas também. Nós fomos para lá, ficamos três meses e voltamos para Paraty de novo. **Isso em 2006.** E depois viemos de novo e ficamos três, quatros meses. Nesse tempo que nós conhecemos um parente que mora em Camboinhas. Ele falou que era Guajajara. Ele é formado, é advogado. Mora em Niterói. O Arão da Providência. **Ele que chamou a gente para Camboinhas. Já olhamos e gostamos. Viemos em cinco famílias de Paraty.** Na época da reintegração do Sérgio Cabral nós Guarani já tínhamos saído do Museu do Índio. **De 2007 para 2008 que fomos para Camboinhas. Nós viemos e ficamos lá durante 5/6 anos.** Foi meio complicado, mas teve muita ajuda também. Moradores que não gostava da presença dos indígenas, os que moravam no condomínio. Eu achava meio complicado. Todo dia era meio complicado. Pessoal olhava e botava segurança para ver o que a gente estava fazendo, tiravam fotos. Nós não tínhamos liberdade para fazer as coisas. Nós tínhamos medo. Todo dia, durante cinco anos, passamos por esse medo.³⁷*

No seu livro, Quaqué faz um percurso por todas as políticas sociais da cidade, dedicando um capítulo a vinda das aldeias indígenas para o município. Ele inicia o capítulo falando dos problemas enfrentados pela aldeia ainda em Camboinhas, que culminou em um incêndio criminoso que poderia ter causado vítimas fatais. Frente a isso, ele e Rosangela Zeidan começaram a articular a vinda do grupo para Maricá. Essa articulação foi descrita por Miguel na entrevista, que coloca também um pouco do sentimento do grupo com relação a esta proposta e os demais passos que foram dados:

³⁷ Trecho da entrevista concedida por Miguel Vera Mirim, em outubro de 2019.

*O prefeito Quaqué veio e conversou com dona Lídia. Aí nós viemos para Maricá não para ficar, apenas para olhar o lugar, o centro de Maricá. Depois esperamos 2/3 anos para vim depois do convite. Quando ele chegou ele falou: eu não sei qual o sentido que vocês estão sofrendo demais, muito ataques, venham para Maricá que eu vou dar um espaço para vocês ficarem ali. Aqui vocês vão ter espaço para plantar, fazer artesanato e fazer suas ocas. Nesse sentido, para a gente era até demais, a gente não acreditava. Por isso a gente demorou muito para vir. Será que ele está falando a verdade?(...) A gente fez encontro na cabine dele lá em Maricá. Ele conversou com a gente e com a Funai. Teve todo esse acompanhamento. Só que nesse meio existe, é o fato, que essa terra não era dele. Falaram que essa área é do espanhol. Aí já começou, aí e eu não sei como é que fica, mas o papel, o dia que nós viemos, está tudo registrado, está tudo no processo. Nós vimos outras áreas em Bambuí e Zacarias. Várias pessoas, três a quatro famílias, ia junto ver. Nós escolhemos essa quando a gente veio para cá e a gente já sabia da construção do Hotel. A própria população falava quando a gente veio para cá, tinha um container ali na Point, aí as pessoas falavam se vocês vierem para cá é melhor para gente porque vocês vão cuidar desta área de floresta. Aqui, a maioria eu acho, que não quer, não gosta da ideia do hotel. Pra ir para praia vai se fechar tudo. Ninguém vai poder passar.*³⁸

Quaquá relata esse processo em seu livro:

Eles, a partir de suas crenças e da consulta aos ancestrais através da Pagé, identificaram uma área na restinga como remanescente de sua ancestralidade. A área escolhida é a mesma que o grupo espanhol IDB escolheu para desenvolver o projeto de resorts turísticos. Chamei os proprietários e avisei que eu sempre fui a favor do projeto, mas que diferentemente do

³⁸ Trecho da entrevista concedida por Miguel Vera Mirim, em outubro de 2019.

prefeito anterior que excluiu os pescadores de Zacarias, meu governo só aprovaria o projeto turístico se ele incorporasse os pescadores de Zacarias, além da Aldeia Indígena Guarani. Argumentei que um projeto turístico só teria a ganhar com uma aldeia indígena dentro dele. Turistas de todo o mundo que vêm ao Rio de Janeiro teriam ali, a 50 km do aeroporto internacional do Galeão, a oportunidade de ver as populações originárias do Brasil e conhecer sua cultura. Maricá só tem a ganhar com a aldeia na cidade e na área dos resorts. (QUAQUÁ, 2019, p.81).

Este fragmento deixa evidente o interesse turístico do ex-prefeito na vinda do grupo para Maricá. Algo que, junto ao resort, poderia potencializar a economia turística da cidade. Mas nem tudo seguiu de maneira tranquila nesta ocupação. Mesmo com o consentimento da prefeitura, a vinda do grupo para Maricá e ocupação de parte da Área de Proteção Ambiental gerou conflitos por parte da empresa IDB, que chegou a lançar uma nota no Jornal Lei Seca-Maricá, nota esta que teve resposta da prefeitura. Estes conflitos foram registrados também em um dos filmes produzidos por Miguel e que tiveram o apoio do Laboratório de Antropologia Visual da UFF, coordenado por Ana Lúcia Ferraz, o “Mbya Xondaro Reko” (2014). O filme retrata a função do guerreiro e suas ações, apresentando como uma destas funções a negociação com a prefeitura, no momento após a reivindicação da IDB do espaço ocupado. Darci Tupã, cacique da época, fala na reunião após saber que Washington Quaqué não estava presente na prefeitura no momento. Eles insistiram em falar diretamente com o prefeito.

(...) todos os índios que estão ali e mais índios que encontraram com ele na época que ele foi nos procurar, nós precisamos nos encontrar pessoalmente com ele. Porque ele nos declarou essa proposta, nos doou esta terra, e agora nós temos que correr atrás de fazer negócio, falando bem claro na linguagem indígena, o índio não vai negociar não. Nós já estamos entrando com a Funai pra ver o que a gente pode fazer desta área. Já estamos levantando doze ocas.

Algumas famílias já estão residindo ali. A gente precisa encontrar com o Quaqué. Eu não gosto de mandar aviso. Eu sou liderança e preciso honrar minha palavra perante a comunidade.(...) Ele que tratou isso com a gente. A aldeia vai ser aquela. Aquele que nos doou, aquele que medimos junto com a Funai. Na época que ele mandou assessor de vocês pra medir a área junto com a Funai que fez tudo e veio antropólogo Tonico Benites que foi indígena que fez o estudo da área. A gente visitou três áreas. Aqui em Zacarias. A comunidade não aceitou muito indígena. Devido a isso o prefeito foi e teve esse estudo dele. A outra a gente não visitou.”³⁹

No evento do Abril Indígena de 2018, voltamos a falar do problema com a IDB. Segundo Miguel, eles já foram lá e ofereceram outra terra pra eles. Disse que se ficassem lá tinham que desocupar parte da área (a que Miguel mora), porque nessa parte iam fazer a zona de tratamento de esgoto do resort. Perguntei a eles se Quaqué apoia a IDB. Eles disseram que não. Que Quaqué disse pra eles lutarem até o fim. Disseram também que o filho do Quaqué, Diego Zeidan, ajuda muito e é lutador que nem ele e que sofre represália por ser muito jovem e já ser secretário. Muito dessa pressão veio a partir da proposta do Bolsa Mumbuca Indígena. Eles disseram ainda que uma das estratégias para consolidar a territorialização foi fazer o cemitério indígena, que já foi feito no interior da aldeia. Com o cemitério fica mais difícil desocupar a área. Eles sabem como é isso. Ficam preocupados com o resort porque vai lotar a região. A mata vai acabar para construção do condomínio e do hotel. Ao mesmo tempo, vai favorecer o turismo. Percebi que eles dependem muito do turismo, já que uma das maiores fontes de renda da aldeia (além das políticas públicas da prefeitura) vem da venda de artesanatos, do bar e das visitas guiadas, como as visitas que foram relatadas no capítulo anterior.

Outro momento no qual esta questão foi abordada foi na minha primeira aula preparatória para o Encceja. Neste dia Miguel estava recebendo um pesquisador da Universidade do Mato Grosso do Sul que participou da produção dos filmes do Laboratório de Antropologia Visual da UFF. Neste momento, descobri que quem fez o laudo inicial em 2015 foi o Tonico Benites e que o Cristino é o rapaz da Funai que

³⁹ Filme “Mbyá Xondaro Rekó” disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xCx5CDx42cQ&t=16s>. Acessado em 1 de novembro de 2019.

aparece lá constantemente. Esse pesquisador disse que os acompanha desde Camboinhas e Paraty e quer muito falar com Cristino para entender o porquê que o processo está demorando muito. O medo dele é que a terra seja colocada como doação pela prefeitura, sem o respaldo federal garantido pela Funai e com isso os deixe numa situação vulnerável, já que qualquer um pode desfazer a doação.

De fato, percebe-se que a ocupação do grupo inicialmente não se deu de maneira tranquila, havendo todo um conflito inicial com a empresa IDB Brasil. Contudo, me parece que a saída de Paraty, estabelecimento em Camboinhas, também trazem conflitos, sendo este, talvez, um ponto característico de grande parte das ocupações indígenas na cidade. No Congresso Internacional de Matemática eu conheci o Cristino, que foi a pessoa da Funai que fez o processo de saída deles de Paraty para Camboinhas e de Camboinhas pra Maricá. Ele estava conversando com Luciana e Iracema como foi a saída de Paraty. Ele disse que foi muita inveja e ciúmeira que poderia ser resolvida de outra maneira. Que como a situação estava tensa foi levada uma Kombi para se retirar essa família nuclear (da Lídia), que saiu de Paraty, seguiu pra Camboinhas e depois pra Maricá. Segundo ele, foi uma questão de ciúmes. Ele falou que mal sabia ele que chegaria em Camboinhas e teriam mais problemas, já que em Camboinhas, o Arão da Providência trouxe guajajaras. Como sambaqui (árvore presente em Camboinhas) era uma árvore sagrada guarani, levaram guaranis para fazer a primeira ocupação e depois vieram os guajajaras. Segundo Cristino, o Arão trouxe parte da família do Maranhão para ocupar Camboinhas e as próprias pessoas do Maranhão ficaram irritados com o Arão e disseram que ele não poderia voltar para o Maranhão. Perguntando sobre o processo de Maricá, Cristino falou que a Funai já fez a sua parte, que agora cabe a prefeitura fazer um trâmite processual emitindo uma nota de legitimação daquela terra aos indígenas. A pendência era da prefeitura, não mais a Funai. Parece que, mesmo com todos os conflitos, grande parte da aldeia avalia de maneira positiva a atitude de Quaquá de ter realizado o convite.

Ele, na verdade, para mim foi a melhor coisa que ele fez para a gente porque se você procurar na história eu não conheço nenhum município do Brasil que alguém foi convidar os indígenas. Acho que ele é o único do Brasil que fez isso. Convidar os indígenas para o município. Para mim eu fico muito feliz com isso.

*Por mais que tenhamos algumas coisas para falar dele, essa parte ele fez a melhor coisa para gente. Por que a gente precisava disso, desse pedaço de terra para gente viver com as crianças sem preocupação. Então eu acho que é isso. Ele fez algo inacreditável.*⁴⁰

Jurema, filha de Dona Lídia e atual cacique da aldeia, não participou desta trajetória, chegando a aldeia quando a mesma já estava em Maricá. Morava nesta época no Paraná, onde também era liderança. Ela também falou a respeito da sua avaliação da prefeitura e entendimento deste processo com a IDB.

*Eu falo que esse lugar para gente foi maravilhoso a gente tem nossos filhos brincando na escola, o posto de saúde, médico, professor dando aula para nossos filhos, a gente planta, trabalha para ter comida dos nossos filhos. É um lugar muito bom para se viver. O município de Maricá ajuda muito. A terra não é demarcada ainda, mas a gente tá vendo como vai ser. Essa é uma luta que todo o povo indígena tem. Nós temos o canal onde é a divisão da Aldeia, onde a gente pesca. O hotel ia pegar a grande parte da área de Proteção Ambiental. A gente não sabia que ia acontecer isso. A gente ficou sabendo desse projeto que é muito grande. O pessoal fica falando que vai derrubar muita natureza, mas a gente já teve com o Davi, que é o responsável disso, nós já tivemos reunião com ele falando sobre isso. Ele falou que ele não tem intenção de tirar a gente daqui. Ele falou que vai ajudar e fazer o melhor para aldeia. Então eu acho que é uma coisa que eu tenho que refletir. Eu ainda eu não sei o que vai ser feito, se vai ser estragar muito a natureza, mas ninguém fez mais reunião sobre isso. Está parado.”*⁴¹

Quaquá finaliza o texto de seu livro dedicado aos indígenas apresentando as políticas públicas que lhes são garantidas na cidade que, além de terem acesso ao atendimento à saúde e educação na aldeia, ainda recebem o Bolsa Mumbuca Indígena, em um valor superior ao Bolsa Mumbuca oferecido à população de baixa renda de Maricá, política especial esta que gerou certos questionamentos dos políticos de

⁴⁰ Trecho da entrevista concedida por Miguel Vera Mirim, em outubro de 2019.

⁴¹ Trecho da entrevista concedida por Jurema Nunes, em outubro de 2019.

oposição ao governo e que serão tratados aqui em parte posterior do texto. As políticas municipais são a principal fonte de renda da aldeia que, atrelada às múltiplas iniciativas individuais geram a economia local. Como colocado no capítulo anterior, as construções na aldeia são individualizadas. A casa de artesanato foi construída por Miguel e Luciana, sendo o estabelecimento um negócio privado do casal. A mercearia é da Iraci, o bar da Dona Lúcia e a casa de açaí, do Darci Tupã. Em um primeiro momento eu não sabia que cada um tinha um local de investimento particular. Além dos estabelecimentos fixos, têm os alimentos que são vendidos em casa, como os sorvetes da Jurema e os sanduíches e refrigerantes da Marina. Miguel e Luciana já pensaram em vender a casa, mas que estão pensando em reinaugurá-la em novembro. A ideia é venderem comidas típicas e artesanatos ao som de música guarani. Isso gera uma economia circulante na própria aldeia. Cada um empreende um negócio que circula no local.

Nas entrevistas realizadas, muitos se questionavam qual o real motivo da vinda dos indígenas para Maricá. Pedro Queiroz se questiona se a vinda deles tem a ver com as políticas de extrema esquerda que, segundo ele, eram realizadas por Quaqué.

Como Maricá se transformou numa cidade importante no âmbito nacional, grandes grupos passaram a ter interesse em desenvolvimento de ações aqui, por conta dessas mudanças políticas, e isso é uma questão muito pessoal não tem a ver com questão partidária, isso tem a ver com a figura do prefeito que a cidade teve que é uma liderança regional e está buscando se tornar uma liderança nacional, que é o Quaqué. Alguns pontos de extrema foram trazidos para cá como o ponto que você citou da aldeia indígena, o MTST. Quando o Washington assumiu o município em 2009 e ele era um cara de corrente de esquerda mais assim bem extrema, posicionamentos bem definidos. Ele começou a utilizar o município para promover uma política própria. Não vou dizer que ele está errado, faz parte do político, mas ele não respeitou algumas características. Eu não sei se você conversou com outras pessoas daqui que também até hoje não conseguem entender qual foi a função de se trazer uma aldeia pra cá, com que propósito que não fosse exclusivamente político. Esse propósito como o Festival

*da Utopia, essas outras iniciativas políticas que foram implementadas como iniciativa de governo.*⁴²

Para ele, a vinda da aldeia está relacionada com o projeto político do ex-prefeito e, até o momento, ele não viu nenhuma utilidade para o município. Sua fala também denota um pensamento típico de muitos moradores que atrelam a presença indígena a uma linearidade histórica estreita (que neste caso é ausente) que pudesse vir a justificar a ocupação:

Eu acho que a aldeia está dentro do projeto político do Quaquá. Eu não consegui ver até esse momento nenhum desenvolvimento, qualquer questão positiva para nós do município. Nunca visitei. Eu nem sei se as condições que eles são submetidos lá são condições boas, condizentes com a importância que eu sei que eles têm. Eu conheci algumas aldeias indígenas do Mato Grosso e eles estão ambientados em uma área no qual as famílias indígenas residem, vivem, trabalham há mais de 200 anos 300 anos muito diferente daqui. Eles foram colocados no Polo, não sei nem como se chegou a essa ideia de onde vamos colocar os índios. Sei que eles recebem uma bolsa de 300 reais, que para mim o outro erro de política pública .que ao invés de estimular eles serem independentes pensam em manter elas o tempo todo no meu bolso. Com relação ao município, não trouxe vocação turística, na minha opinião não trouxe nem repercussão social ao contrário tiveram alguns episódios complicados relacionados à eles que hoje levaram a uma exposição muito negativa”⁴³

O momento de elaboração, desenvolvimento e produção da pesquisa é, ao mesmo tempo, um momento conturbado na política brasileira e que, a meu ver, não pode ser colocado de maneira secundária na dinâmica observada neste tempo de pesquisa. Parto, a partir da eleição dos autores que dão base a este trabalho, da ideia de que não se pode descolar o processo de territorialização de um determinado grupo à conjuntura existente, que pode tanto trazer potencialidades quanto contrariedades. Por isso, acho crucial uma análise deste complexo momento do país, para que se possa

⁴² Trecho da entrevista concedida por Pedro Queiroz, em maio de 2019.

⁴³ Trecho da entrevista concedida por Pedro Queiroz, em maio de 2019.

compreender como estas questões impactam a própria reprodução do grupo em questão, em suas relações com a cidade em que vivem.

3.3 A Aldeia Ara Hovy

No ano de 2013, Alberto Alvares, cineasta guarani mbya mestrando em cinema pela UFF, recebeu uma doação particular de um terreno em Itaipuaçu, localizado na Serra da Tiririca. Um local com cerca de 34 hectares. A terra foi, então, doada a um grupo de guaranis provenientes do Espírito Santo, sob a liderança de Félix. Félix nasceu em Guavirá, no estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2000, ele saiu da aldeia passando por Santa Catarina e São Paulo, até o Espírito Santo, onde ficou quatro anos. No ano de 2013, ele foi visitar o espaço e no mesmo ano se mudou para o local. “No dia 13 de outubro, Seu Félix mudou-se para o local, onde assumiu a liderança da aldeia, tornando-se cacique. Com ele foram cinco famílias, integradas por 25 indígenas. Assim começou a ser construída a aldeia Ará Hovy, cujo nome significa em português “Céu azul” (SILVEIRA, 2017, pág.45). Apesar de ser um local favorável à moradia e com características propícias aos guaranis, por ser dentro da mata atlântica e perto do litoral, um dos principais desafios do local é não ter uma terra boa para plantação, já que o solo é pobre em nutrientes e possui muitas pedras. Segundo Vera Lúcia Pizzotti da Silveira, estudante da UFF que acompanhou grupo e realizou sua monografia de conclusão de curso, a comunidade construída segue preceitos bastante estabelecidos de boa convivência. A visão de grupo coeso e com regras fixadas e bem estabelecidas segue todo o seu texto e linha de argumentação, que foca em perceber mais como se estabelece esses elementos de coesão do que os conflitos que porventura podem ocorrer.

O cacique Seu Félix é muito rígido quando se trata das regras impostas à comunidade que mora na aldeia. O uso de bebidas alcoólicas e o fumo (exceto o uso do petyngué) são extremamente proibidos. O respeito ao próximo também é uma prática constante, sendo esse um exercício sempre desenvolvido

sob o olhar rigoroso, mas ao mesmo tempo doce, do líder. Não pode haver brigas entre os moradores, tudo tem que ser resolvido por meio de conversas. Quando as conversas não são o suficiente para solucionar o problema, o cacique intercede com seus aconselhamentos. (SILVEIRA, 2017, pág.46).

O grupo também recebe apoio no serviço de saúde e educação, que são oferecidos pela prefeitura municipal de Maricá, e articulou junto com a aldeia Tekoa Ka'Aguy Hovy Porã a disponibilidade de um carro, que foi cedido pela Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), para que haja a locomoção dos integrantes da aldeia para as unidades de atendimento de saúde da cidade e demais localidades do estado.

No ano de 2018, passei a acompanhar o curso de introdução à língua e cultura guarani, curso organizado por Mariana Paladino, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) desde o ano de 2016. O curso ministrado por Alberto Alvares tem por objetivo promover uma pequena introdução sobre aspectos da língua e da cultura guarani. No curso, perpassamos tanto por algumas palavras-chaves da língua, por cânticos, filmes produzidos pelo próprio professor e formação de alguns jogos que possam ser utilizados pelos professores da rede pública de ensino que participam do curso. Os integrantes da atividade em sua maioria são professores da rede estadual ou municipal de ensino básico e estudantes da UFF. O curso tem parceria com a aldeia Ara Hovy e sempre são organizadas em meio às atividades quinzenais de visitas guiadas a aldeia.

Em umas destas visitas no ano de 2019, visitamos o colégio *Kyringue Aranduá*, escola guarani localizada dentro da comunidade. Na conversa estavam presentes os dois professores juruás, junto a diretora também juruá e os dois professores indígenas. A todo instante era reforçado o esforço de se estabelecer uma educação guarani que se sobrepusesse às necessidades brancas. Desde a formação da merenda (ação que foi feita em conjunto com o colégio Para Poty Nhe' Ë Já da aldeia Ka'Aguy Hovy Porã) para que a mesma tivesse suprida as necessidades alimentícias guaranis (como o tipá, algumas raízes, etc), até a formação do currículo diferenciado. Foi direcionado pra cada escola um professor de língua guarani, feito através de processo seletivo da prefeitura. O ensino é realizado de maneira bilíngue, sendo que há a prevalência do guarani nos

primeiros anos. Mas, o ponto importante para a análise e pensar como os discursos são colocados pelos agentes em questão. A todo instante neste encontro era colocado uma diferenciação entre a escola Kyringue Aranduá e a Para Poty Nhe' Ë Já. Segundo a diretora e os professores que lá estavam, a escola de lá seguia uma linha mais voltada para a base e cultura guarani, não incluindo em seu calendário escolar algumas datas comemoradas em outros colégios (como o dia das mães, o dia do índio, etc), enquanto a escola da aldeia de São José do Imbassai seguia uma linha mais intercultural, agregando às suas atividades essas comemorações. Ela disse que inclusive esta era uma orientação que dava para os pesquisadores que a procuravam: que se quisessem investigar uma linha mais intercultural era melhor que fossem para a aldeia de São José.



Visita à aldeia Ara Hovy. Outubro de 2019. Foto: Cleudivânia Soares Freire.

Esta fala estava presente não só no colégio, nos estudantes e grupos universitários que visitavam os espaços, mas de algum modo perpassava também os integrantes da aldeia. Era comum escutar na aldeia de São José que os guaranis de Itaipuaçu se achavam guaranis mais legítimos. Apesar desta fala não significar uma falta de contato entre os grupos, já que muitos vinham participar das atividades de São José, assim como ocorriam muitas visitas em Itaipuaçu, mostrando que o contato e intercâmbio entre os grupos eram recorrentes. De qualquer modo, era interessante perceber como essa diferenciação às vezes era sentida e colocada.

Comentários sobre a real legitimidade e pureza dos indígenas de Itaipuaçu e São José também eram feitos por alguns participantes do curso de guarani da UFF. Em alguns momentos essa ideia de que os guaranis de São José são mais “misturados” porque tem um bar na aldeia ou por conta da presença da igreja e conversão de alguns membros era trazida. Fato não estimulado pelas coordenadoras do curso e por Alberto Alvares, que buscavam gerar um contraponto. Mas essa ideia de pureza, de uma forma ou de outra está presente em nosso imaginário. Outros momentos em que estas comparações apareceram foram nas conversas com funcionários da prefeitura. Era comum escutar que a aldeia de Itaipuaçu é mais carente, precisando de maior apoio que a aldeia de São José, com membros mais “abastados”. No ano de 2019 a aldeia estava programando a mudança para terreno concedido pela prefeitura no bairro de Ubatiba. A mesma proposta foi feita para a aldeia de São José que decidiu não sair da APA, permanecendo no mesmo local. A mudança ainda não se efetivou.

O que fica evidenciado nesta exposição e que nos é interessante como atributo para reflexão é perceber como esse discurso que interpõe índios legítimos e índios não legítimos, índios mais vulneráveis e menos vulneráveis é sentido e que ações desencadeiam nas aldeias em questão. Essa disputa de autenticidade e busca de recursos que possam engendrar esse lugar mais autêntico está inserido em um jogo que reflete e impactam neste processo de territorialização.

3.4 A Área de Proteção Ambiental em disputa

Como já colocado em partes anteriores deste trabalho, em meio aos conflitos vivenciados pelos guaranis em Niterói, o prefeito Washington Quaquá entra em cena e promete conceder uma terra ao grupo para a sua permanência na cidade de Maricá. No ano de 2013 três áreas foram oferecidas aos índios nos bairros de Bambuí, Ponta Negra e Caxito, áreas que não foram aceitas. Diante da negativa, o grupo passou a ocupar uma área na Restinga de Maricá, local que faz parte da área de proteção ambiental (APA) criada pelo governo do estado do Rio de Janeiro em 1984 pelo decreto nº 7.230, localizada na costa do município no intuito de preservação do bioma da mata atlântica e do sistema lagunar da região coberto pela restinga, compreendendo o local “integrado pelas Lagoas de Guarapina, Padre, Barra, Maricá e Brava e pelos canais de São Bento, Cordeirinho e Ponta Negra”⁴⁴ além de “parte da Restinga de Maricá e a totalidade da Ilha do Cardoso”⁴⁵. Na região, ficaram proibidas:

I - o parcelamento da terra, para fins urbanos;

II - o desmatamento, a extração de madeira e vegetação característica e a retirada de espécimes vegetais;

III - a caça, ainda que amadorística, e o aprisionamento de animais;

IV - a alteração do perfil natural do terreno;

V - a abertura de logradouros;

*VI - a construção de edificações ou edículas.*⁴⁶

A área é marcada por conflitos, já que em 2007 o governo do estado decretou o plano de manejo da APA, separando a região em três áreas: “I - Zonas de Preservação da Vida Silvestre, II - Zonas de Conservação da Vida Silvestre e III - Zonas de

⁴⁴ Decreto nº 7.230 disponível em <http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mde4/~edisp/inea0018630.pdf> visitado em 16/04/2018.

⁴⁵ Idem.

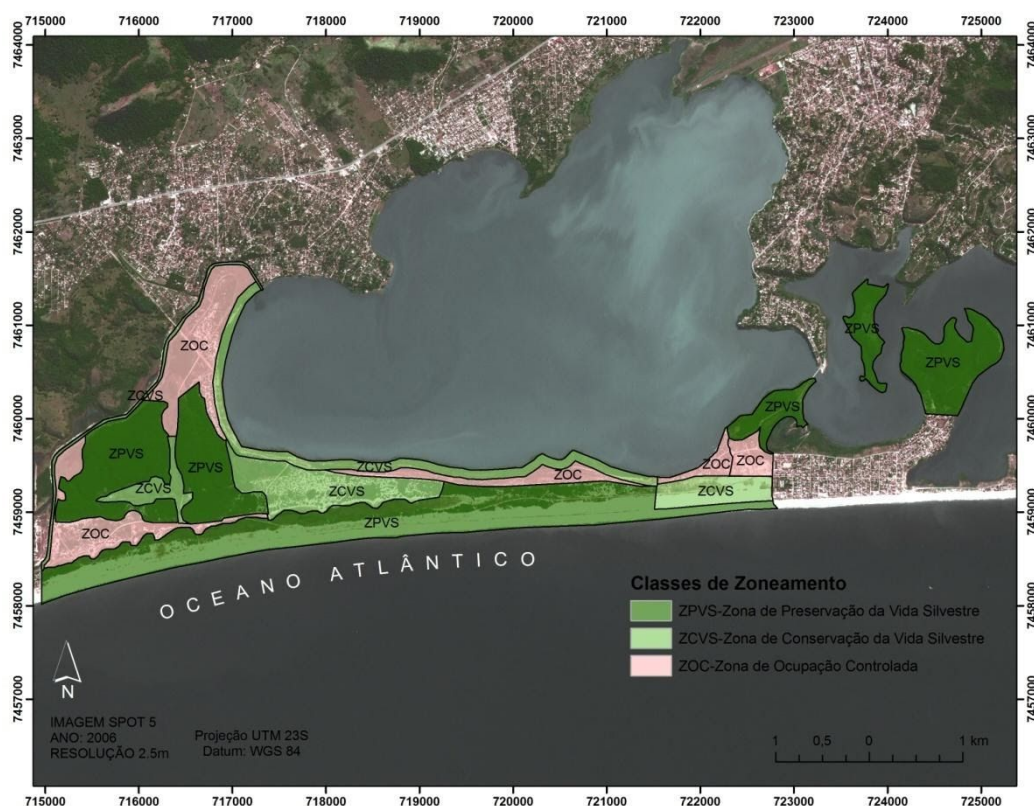
⁴⁶ Idem.

Ocupação Controlada”⁴⁷. O primeiro é destinado à proteção do habitat das espécies residentes, zona cuja ocupação não é permitida. A segunda diz respeito às áreas de preservação das espécies nativas e em extinção, mas que ao mesmo tempo admite o uso controlado dos recursos nos locais desprovidos de vegetação. Já a terceira estabelece uma espécie de zona de ocupação controlada, sendo ela a área que, “(...) além de apresentar certo nível de degradação ambiental com menores possibilidades de preservação, fornece condições favoráveis à expansão moderada de áreas urbanas”⁴⁸. Com isso, foi aprovado o uso urbano em metade da restinga. O decreto foi reforçado em 2010 pela câmara de vereadores de Maricá, época de exercício do então prefeito Washington Quaquá, que aprovaram o Plano Setorial da Restinga de Maricá⁴⁹, incentivando a ocupação da região, sendo um reforço ao decreto de 2007. Com o decreto, as divisões da APA se estabelecem espacialmente da seguinte forma:

⁴⁷Decreto nº 41048 disponível em <http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mde4/~edisp/inea0018792.pdf> visitado em 18/01/2018.

⁴⁸Idem.

⁴⁹ Plano Setorial disponível em <http://oads.org.br/leis/1657.pdf> Visitado em 16 de abril de 2018.



50

Em 2011, o grupo empresarial de iniciativas e desenvolvimento imobiliário IDB Brasil torna-se proprietário de parte da área e apresenta um projeto para construção de um resort na região, o complexo turístico-residencial Fazenda São Bento da Lagoa. A empresa faz parte do grupo espanhol Cetya, uma holding que atua há mais de 40 anos no mercado de construção da Espanha.⁵¹ Segundo relatório de impacto ambiental produzido pela empresa, o complexo foi concebido tendo por base três componentes:

Componente 1: Habitações para moradia, hotéis, centro comercial e empresarial, campo de golfe, centro hípico e equipamentos públicos como escolas de primeiro e segundo graus, hospitais, postos de saúde e creches.

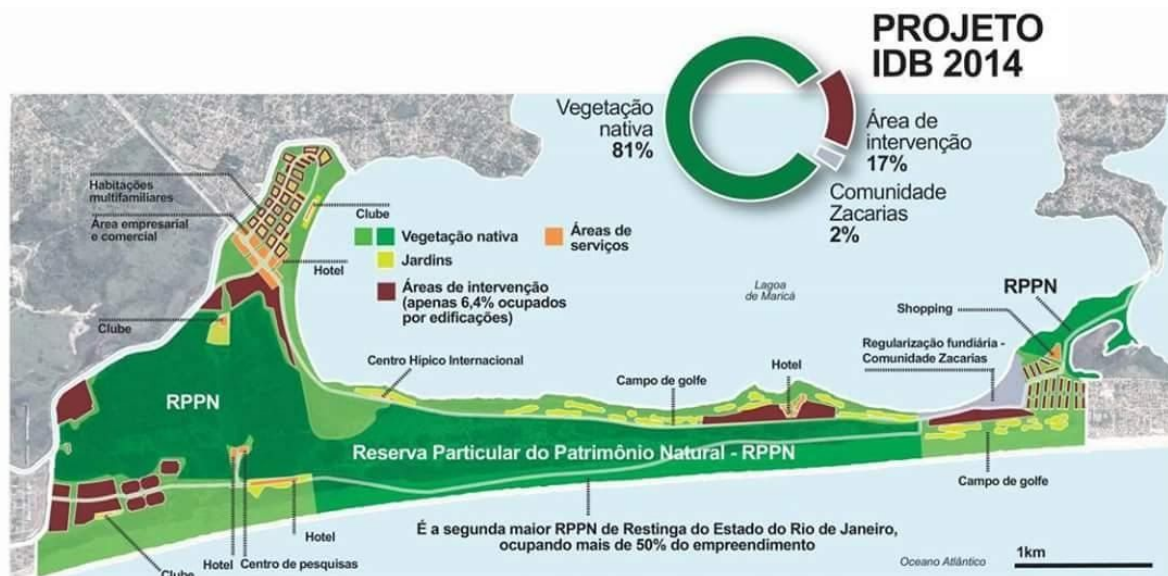
Componente 2: Implantação de uma unidade de Conservação do tipo Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) que será a segunda maior do estado do Rio de Janeiro.

⁵⁰ Imagem obtida em SOUZA, E. M. S., « Um resort na restinga de Maricá / RJ: modernização do território e destruição da pesca artesanal em uma área de proteção ambiental », Espaço e Economia [Online], 6 | 2015, posto online no dia 09 Agosto 2015, consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://espacoeconomia.revues.org/1713>. Visitado em 3/05/2018.

⁵¹ Informações obtidas no site: <https://idbbrasil.com.br/sobre-nos/> . Visitado em 21/05/2018.

*Componente 3: Benefícios à Comunidade de Zacarias como: (i) regularização fundiária e titularidade dos lotes em nome dos moradores que os ocupam. (ii) urbanização, com infraestrutura no mesmo padrão do restante do empreendimento.*⁵²

Depois de algumas adaptações, o projeto possui o seguinte desenho:



53

A obra por enquanto está embargada. A licença ambiental que permitiria a construção foi cancelada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) em 2017. Nesta área do projeto onde prevê a formação de habitações multifamiliares e a área empresarial e comercial, encontra-se hoje a Aldeia Indígena Mata Verde Bonita. Com a concessão da prefeitura para a alocação, os índios passam a ocupar a região, o que é visto de maneira bastante positiva pelo município, que pretende se apoiar no fortalecimento do turismo no local.

⁵² Relatório de Impacto Ambiental disponível em:

<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdi3/~edisp/inea0027546.pdf> visitado em 16/04/2018.

⁵³ Imagem obtida em: <https://leisecamarica.com.br/um-novo-desenvolvimento-para-marica/> Visitado em 5/05/2018.

*A aldeia indígena da restinga em Maricá, no interior do Rio de Janeiro, será transformada em ponto turístico da cidade. Em visita à tribo Tupi-Guarani M'Bya, a prefeitura garantiu a permanência dos índios na região de 93 hectares, entre São José do Imbassai e Itaipuaçu, e planeja construir no local ocas hotéis e um teatro arena para apresentações da cultura indígena. Os índios deverão construir a estrutura rústica (feita com argila, bambu e palha) e a Prefeitura destinará recursos para manutenção do espaço.*⁵⁴

Os índios passam a receber incentivos para realização de eventos, como o “Abril Indígena” e o suporte das políticas locais, como o recebimento da Moeda Social Mumbuca, programa de distribuição de renda da prefeitura de Maricá, além de apoio para a construção da Escola Municipal Indígena Guarani Para Poty Nhe E, que oferece uma etapa do ensino fundamental em turma multisseriada. Contudo, após a sua chegada, o grupo sofre a pressão da empresa IDB Brasil, que passam a reivindicar a região caracterizando sua ocupação como invasão. Em nota oficial a empresa declara:

*A IDB Brasil, proprietária do terreno ocupado desde a última sexta-feira (19/04) pelos índios guaranis Tekoa Mboy-ty, em Maricá, esclarece que possui toda a documentação legal de titularidade do imóvel. A empresa jamais foi notificada sobre a existência de decisão administrativa ou judicial capaz de conferir legalidade à referida ocupação. A IDB Brasil respeita todas as manifestações de povos e culturas tradicionais do país, trabalha pela recuperação da identidade da pesca artesanal da Lagoa de Maricá e reitera o compromisso de promover o legítimo desenvolvimento sustentável de Maricá.*⁵⁵

O grupo teve a permanência garantida pela prefeitura, que ao mesmo tempo reconhece a propriedade à empresa. Segundo declaração emitida nas mídias locais o prefeito se comprometendo em mediar a questão:

⁵⁴ Nota publicada na reportagem do link: <http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2014/06/aldeia-indigena-vai-virar-ponto-turistico-em-marica-no-rj.html> . Acessada em 18/01/2017

⁵⁵ Nota publicada na reportagem do link: <http://maricainfo.com/2013/04/25/indios-idb-emite-nota-sobre-ocupacao-na-restinga.html> . Acessada em 18/01/2017.

Com relação aos índios tupi-guaranis que ocuparam uma área na restinga de Maricá onde está sendo licenciado um grande Complexo Hoteleiro e Turístico, a prefeitura de Maricá informa:

1 – Os índios serão bem acolhidos no município e terão todo apoio da prefeitura para organizar em Maricá sua aldeia, dando a ela, inclusive, uma característica cultural e turística;

2 – Ao mesmo tempo é prioritária para o desenvolvimento da cidade a implantação do Complexo Hoteleiro e Turístico das praias da restinga de Maricá;

3 – Sendo assim, a prefeitura propõe que uma boa solução seja encontrada, com base em uma negociação com apoio da Funai, para garantir aos índios a conquista da sua aldeia, e ao mesmo tempo, a construção do complexo turístico e a tranquilidade da vila de pescadores de Zacarias;

4 – Para isso, a prefeitura disponibilizará uma área pública e irá viabilizar, junto aos empreendedores, a estrutura para o estabelecimento da aldeia indígena com viés cultural e turístico;

*5 – Com isso, a Prefeitura Municipal de Maricá garante uma vida digna aos índios com a manutenção das suas tradições e costumes, através de um projeto cultural e turístico*⁵⁶

O projeto ficou embargado e teve nova tentativa de liberação a partir da inclusão de um novo parceiro junto a IDB Brasil: o grupo que gere o festival Rock in Rio⁵⁷. A proposta se baseava na construção do primeiro complexo hoteleiro levando o nome da marca, tendo sua inauguração em meio ao festival realizado em setembro de 2019. A inauguração contou com a presença do prefeito Fabiano Horta, da deputada Rosângela Zeidan e de Washington Quaquá, mostrando o apoio político do partido que gere a cidade nesta construção. A proposta também teve elogios do então governador do estado, Wilson Witzel, conforme mostra reportagem do Jornal o Dia:

⁵⁶ Nota emitida no site <http://maricainfo.com/2013/04/24/prefeitura-garante-indios-em-marica.html> Visitado em 7/11/2017.

⁵⁷ O Rock in Rio é um festival de música idealizado pelo empresário brasileiro Roberto Medina pela primeira vez em 1985, sendo, desde sua criação, reconhecidamente, o maior festival musical do planeta. Foi originalmente organizado no Rio de Janeiro, de onde vem o nome. Tornou-se um evento de repercussão em nível mundial e, em 2004, teve a sua primeira edição fora do Brasil em Lisboa, Portugal. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rock_in_Rio

*O governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, visitou o estande do Maraey no Rock In Rio e reafirmou seu apoio ao empreendimento. "Fiquei encantado desde o primeiro momento em que fui apresentado ao projeto. Serão mais de 300 mil turistas por ano. É realmente algo fantástico. Podem contar com todo o apoio do Estado do Rio", disse o governador.*⁵⁸

Contudo, o projeto foi novamente embargado no dia 31 de outubro a partir de decisão em primeira instância do juiz Vitor Porto dos Santos, da 2ª Vara Cível de Maricá, decisão esta que veda a ocupação da Área de Proteção Ambiental (APA), entre elas do empreendimento em questão.

*Na decisão, o magistrado condena o Estado do Rio de Janeiro, o Instituto Estadual do Ambiente (Inea) e o município de Maricá a absterem de “realizar qualquer licenciamento ambiental, procedimento administrativo, autorização, parcelamento do solo ou a concessão de obra para a implantação de empreendimentos imobiliários que possam atingir o interior ou o entorno da região reconhecida como APA de Maricá”. Adverte ainda que os réus devem observar “ampla consulta e participação da comunidade pesqueira do Zacarias na elaboração de qualquer ato legislativo ou administrativo que afete a restinga”.*⁵⁹

Até a finalização desta escrita a obra segue embargada, apesar do responsável pela empresa IDB Brasil ter prometido recorrer da decisão.

⁵⁸ Reportagem disponível no link: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/o-dia-no-estado/2019/10/5797331-marica-vai-ganhar-complexo-turistico-residencial-de-r-11-bi.html> Acessado em 26/04/2020.

⁵⁹ Nota retirada da reportagem disponível no link: <https://projTOCOLabora.com.br/ods11/empreendimento-na-apa-de-marica-tem-decisao-contraria-da-justica/> Acessado em 26/04/2020.

3.5 “Índios petistas”: Guaranis entre difamações e conflitos políticos

Durante o desenvolvimento desta pesquisa presenciei diversos ataques sofridos pela aldeia, que retratam tanto a sua relação com o entorno, quanto a sua entrada (mesmo que não intencional) nos conflitos políticos da cidade. Na tentativa de delinear um mapa do complexo conflito, poderia elencar os seguintes atores ou grupos envolvidos na questão: os indígenas, os políticos de oposição ao governo, parte da população de Maricá e a imprensa da cidade, em especial, o Jornal Lei Seca Maricá⁶⁰.

O meu primeiro acesso a estas questões aconteceram em 2018, no Abril Indígena. Gracinha falou da tristeza que sente com o preconceito das pessoas. O fato relatado era a operação policial ocorrida na aldeia e posterior reunião com representantes da polícia e da prefeitura. O fato foi registrado no site Lei Seca⁶¹ e teve diversos comentários negativos com relação à aldeia. Pela primeira vez pude ler a relação que se fazia dos indígenas à figura do Quaquá ou ao Partido dos Trabalhadores (PT).

*Quer saber esses índios nem são de marica na verdade esses índios de meia tigela são de Niterói que não sei porquê o PT negociou a vinda desses caras para nossa reserve (aí tem) mais vamos pular essa parte. O quê está acontecendo nesse "reserve" é o seguinte esses índios petista niteroiense de araque querem se estabelecer em Marica sem a observação do poder público com isso cobrar pedágio em nossa própria terra e vender drogas livremente sem que o poder público interfira tenha paciência bando de desordeiros canalhada exacerbado militantes da desorde. Atenção polícia pra cima deles bando de desordeiros*⁶²

⁶⁰ Jornal disponível no link: <https://leisecamarica.com.br/> e na página do facebook: <https://www.facebook.com/leisecamarica/>. Acessado em 21/11/2019.

⁶¹ Reportagem disponível em: <https://leisecamarica.com.br/indios-dizem-que-estao-assustados-com-acoes-da-pm-na-restinga-de-marica/>. Acessado em 21/11/2019.

⁶² Comentários extraídos de publicação no Facebook presente no link: <https://www.facebook.com/search/top/?q=indios-dizem-que-estao-assustados-com-acoes-da-pm-na-restinga-de-marica> Visitado em 7/05/2018.

A reportagem, além de retratar o ocorrido, também registrou a presença de Diego Zeidan, que aproveitou o ensejo da reunião para informar a aprovação da lei do Bolsa Mumbuca Indígena na câmara de vereadores que teria o seu início decretado ainda no ano de 2018. A aprovação do projeto de lei no 156/2017⁶³ foi feita em meio a conflitos na Câmara, sendo o vereador Chiquinho (PP) um dos maiores opositores do projeto. No dia 6 de dezembro de 2017, dia da votação, o vereador questiona sobre a renda de 300 reais destinada aos 120 índios de Maricá enquanto os alunos receberão 50 reais. “*Já deu terra, agora vai dar verba pra eles também? Eu vou botar uma lei também pra dar a eles inchada, pá, carrinho de mão e roçadeira, que eles trabalhem na cidade pra ajudar o município em alguma coisa.*”⁶⁴ Houve neste momento protesto das pessoas que assistiam à sessão que foi retrucado pelo vereador:

*Eu quero votar a favor dos alunos não a favor dos índios. O índio já tem terra, já tem onde morar, já tem evento, agora falta o que? Falta dar trabalho então na cidade. Agora eu não posso concordar dar dinheiro pra índio. Isso não existe! Eu tenho elogiado o trabalho do prefeito, mas eu fico triste vendo essa matéria vindo pra cá”.*⁶⁵

Vereadores do PT condenam a fala de Chiquinho, como o Dr. Richard:

Como titular da Comissão de direitos humanos e minorias nós do PT acreditamos que nós não podemos ter diferenças étnicas, de cultura (...) Isso é questão preconceituosa de querer colocar o índio novamente a escravidão, dar pá, inchada, daqui a pouco está aprisionando o índio. Então eu como titular da Comissão de Direitos Humanos acompanho o voto do líder do partido PT. A

⁶³Projeto de lei no 156/2017 de autoria do poder executivo através da mensagem 034/2017, que constitui o programa de economia popular solidária, combate a pobreza e desenvolvimento sustentável de Maricá. Foi atrelado a mesma proposta a bolsa de 50 reais para os estudantes e a bolsa mumbuca de 300 reais para os índios. Relatos obtidos pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 6 de dezembro de 2017. (Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>)

⁶⁴Relatos obtidos pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 6 de dezembro de 2017. (Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>)

⁶⁵ Relatos obtidos pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 6 de dezembro de 2017. (Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>)

questão dos valores podem ser discutidas mas não podemos tratar os índios diferentes de outras etnias.”⁶⁶.

Chiquinho demonstrou sua preocupação com o “excesso” de assistência: *“Daqui a pouco vai vim mais índios pra cá. Mumbuca 300 contos no bolso, terra e vermelhinho de graça, vão vir pra cá. Não tem argumento pra isso.”⁶⁷* Endossado pelo Vereador Ricardinho Netuno (PEN):

A maioria dos índios que vieram pra Maricá vieram de Camboinhas, a especulação imobiliária lá fez com que o prefeito cedesse à sedução e trouxesse os índios pra cá. Eu fico muito preocupado com esse projeto de lei de estarem realmente querendo legalizar a compra de votos na nossa cidade, fazendo com que os índios e os estudantes fiquem atrelados a uma política assistencialista atendidos somente a manipulação do voto. Então isso me preocupa muito.”⁶⁸

O vereador já havia ido a aldeia em janeiro de 2017 denunciando o abandono dos índios por parte do antigo prefeito e do atual poder público, notícia que também havia sido noticiada pelo Lei Seca⁶⁹, fato que contradiz a sua atual postura contrária a uma política pública de favorecimento direto ao grupo.

Estes questionamentos trouxeram a dúvida entre os vereadores se os indígenas votavam nas eleições. O presidente da câmara, Aldair de Linda (PT) ficou de confirmar com o cacique essa informação. A sessão terminou em discussão, mas ao final todos votaram favorável ao projeto, com exceção de Ricardinho e Chiquinho. Filipe Poubel (PSL) não estava presente na sessão. Muitos colocaram preocupação sobre a necessidade de cadastro de índios para que não venham mais índios para Maricá por conta destes benefícios. Aldair coloca que só 120 índios serão contemplados pelo Bolsa

⁶⁶ Relatos obtidos pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 6 de dezembro de 2017. (Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>)

⁶⁷ Relatos obtidos pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 6 de dezembro de 2017. (Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>)

⁶⁸ Relatos obtidos pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 6 de dezembro de 2017. (Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>)

⁶⁹ Reportagem disponível em: <https://leisecamarica.com.br/vereador-ricardinho-netuno-pen-se-reune-com-indios-da-restinga-de-marica/> Visitado em 21/11/2017.

Mumbuca Indígena. Se vierem mais índios para a cidade, terá que se passar na câmara novamente para receber o benefício especial. Por isso, os novos indígenas que chegam à aldeia ganham apenas o Bolsa Mumbuca. Perguntado sobre essa relação que é feita dos indígenas com a prefeitura e seu partido, Miguel respondeu:

*Não tem como a gente escapar desse comentário. A gente não tem isso de partido. A gente não tem não. Às vezes, mesmo sem querer, ele está falando sobre ele mesmo quando ele fala alguma coisa assim. Tudo que ele pensa sobre os indígenas é fácil falar quando se julga as pessoas de fora. O que está acontecendo é que o prefeito é do partido do PT e ele apoiando da gente a gente aceita e ele está fazendo coisas boas e a gente apoia, mas não quer dizer que a gente é ligado ao partido. (...) quem comanda o município é obrigação fazer as coisas, na minha visão é isso. Não é porque está comprando indígena, está comprando pescador, não é porque tá comprando a gente da comunidade negra. É obrigação dele. Você pensa que se a gente gosta do PT, a gente estaria com a bandeira na mão. A minha bandeira é indígena sou indígena não vou não vou estar com a bandeira do 13 nem do 17 a minha bandeira é indígena.*⁷⁰

O ano de 2018 seguiu e no final do ano novo episódio gerou tensão na aldeia. No dia 7 de novembro, eu estava no Rio e Luciana me liga bastante aflita e me pergunta se eu estava em Maricá. Ela disse que se eu estivesse em Maricá se eu não poderia ficar com as crianças. Eu falei que só retornaria à noite e perguntei o que tinha ocorrido. Ela me disse que não poderia falar pelo telefone, mas pela voz dela eu já imaginei que seria uma coisa grave. Depois, ela me liga de novo e pergunta se eu não poderia levá-los em Seropédica. Eu pergunto se eles não poderiam ficar lá em casa e ela disse que não porque era muito próximo. Depois dessa ligação, eu entrei no Facebook como de costume e me deparei com a reportagem do site Lei Seca, relatando que um corpo havia sido encontrado próximo à aldeia. Dizia a reportagem: “De acordo com informações, Rodrigo Gonçalves Lima foi encontrado no canal próximo à aldeia indígena. (...) De acordo com a esposa, Rodrigo foi assassinado dentro da aldeia. (...) “Eu tenho certeza

⁷⁰ Trecho da entrevista concedida por Miguel Vera Mirim, em outubro de 2019.

absoluta que ele foi assassinado dentro desta aldeia. Ele não saiu daqui. Entrou e não saiu” Disse a mulher emocionada.”⁷¹

Já imaginei que a situação estava relacionada a isso. Fui até a aldeia com meu ex-marido Aparecido. Luciana, Miguel e as filhas já tinham saído da aldeia rumo à casa de amigos em Seropédica. Voltamos a Maricá e levamos o irmão dela, a esposa grávida, o sogro, a filha e um bebê. Fomos de carro e estava preocupada de chegar na APA e me deparar com a polícia, a milícia ou o tráfico no meio do trajeto. Se eu os encontrasse ia contar a verdade: que estava atendendo um chamado deles. Chegando lá, encontramos Iracema, mãe de Luciana, e conversei com ela dizendo saber do ocorrido. Ela disse que se fosse por ela já tinha saído dali, que só ficava ali por conta da mãe, Dona Lúcia. Que não é a primeira vez que isso acontece, que o local é perigoso e que já foram três corpos encontrados. Ela finalizou a rápida conversa dizendo para a gente ir rápido porque a viagem era longa. Depois eu vi que era um pouco de receio também da gente sofrer algum tipo de represália. Em momento posterior, eu analisei que eu corri um grande risco indo até lá. Chegando a Seropédica eu fui saber mais a fundo o que realmente aconteceu. Chegamos as 21:30h, na casa dos amigos de Luciana. Lá encontramos Miguel e Luciana e depois de todos acomodados (a família que eu levei ficou na varanda na barraca), fomos pra sala e eles contaram o que tinha ocorrido.

Segundo eles, no domingo um rapaz que já tinha costume de ir a aldeia foi beber cerveja lá no bar e chegou outro rapaz também frequentador do local com mais três pessoas e ficou no bar com ele. Ele, bastante preocupado, chegou perto de dona Iracema e pediu pra ficar com ela e ir pra sua casa. Iracema se negou achando que ele a estava assediando e saiu. Todos saíram do bar. No dia seguinte ficaram sabendo de mais um caso de desova. Segundo Luciana, eles já estavam indicados para ter análise técnica para o processo de demarcação, que já estava se encaminhando. Os integrantes da aldeia ficaram muito preocupados por já conhecerem o “esquema” na região, de não saber ao certo com quem estavam lidando, justamente por saber que entre polícia e bandido existem várias vertentes. A Luciana contou que em outro momento uma integrante da aldeia fez uma denúncia de uma queimada próxima de lá. E o comando vermelho ficou sabendo da denúncia. Então, eles ficaram bem preocupados da polícia estar envolvida

⁷¹ Reportagem disponível no link: <https://leisecamarica.com.br/homem-que-havia-desaparecido-e-encontrado-morto-na-restinga-de-marica/>. Acessado em 21/11/2019.

nisso. Por isso, segundo Luciana e Miguel, eles decidiram ficar quietos. Só que o corpo foi encontrado e teve a confusão toda com a reportagem e veiculação no Facebook e, com a reportagem, voltou toda a criminalização do grupo nos comentários, nos quais novamente se relaciona a aldeia à política do PT na cidade, a prostituição, ao tráfico de drogas e a utilização de carros importados Hilux. Também foi amplamente questionada a não entrada da polícia no local para a investigação. Fato este, trazido pelo desconhecimento do trâmite institucional dentro das aldeias, no qual a Funai tem papel importante de mediação. Abaixo segue alguns exemplos de comentários:

Já está passando dos limites ninguém toma uma providência nesta situação, infelizmente pessoas se iludem e entra nesta aldeia e acaba com a família. As autoridades tem que tomar uma providência. É a herança que o Washington trouxe pra Maricá.

Esses índios vendem de tudo que é porcaria...menos artesanatovivem na sombra e no obscuro...agora matam...pq só pode ter sido lá dentro ...pq lá eles fazem o que querem...e não respeitam a nossa lei.

Tem que acabar com a bagunça que é essa aldeia. Tem prostituição, forró, nunca vi aldeia assim, parece mais a vila mimosa.

Nunca Vi Índio com carro do Ano, Televisão , e outras regalias .. A Polícia Civil tinha que Varrer aquele Lugar ..

E o prefeito ainda ta gastando 300 reais para cada familia dos cofres publicos com esses indios do paraguai.

Os homens são atraídos pra lá por causa de uma Índia safada que tem lá e isso acontece os policiais tem que investigar.

É senhor excelentíssimo Quaquá ... Taí a resposta desses marginais indígenas que o senhor trouxe pra Maricá... Pra nossa restinga ...espero que o senhor se pronuncie a respeito...

Eles não são índios, são um bando de mau feitores bancado pelo prefeito com o nosso dinheiro!!!Eu daria um sugestão, porque não criar uma bolsa para idoso, pessoas que trabalharam a vida toda no município e nada tem!!!

O grupo ficou sabendo que ia ter revanche, que iam vingar a morte do rapaz. Luciana ficou preocupada. Ela disse que já havia coisas estranhas ali, muitos tiros, por ser uma área já conflituosa, com atuação do comando vermelho, polícia e milícia. Depois deste episódio, eles falaram que iam botar fogo na aldeia e mandaram avisar pra eles saírem de lá. A polícia foi até a padaria da Gracinha pra interrogá-la já que ela não é índia, porque o fato de ser indígena embarreirou o interrogatório e investigação local, já que só pode ser feito com o intermédio da Funai. Luciana disse que tem muito medo de voltar, que não dormiu a noite passada, não dormiu muitas noites. A Funai, por intermédio de Rosângela e Cristino, foram até a aldeia acompanhar o caso e disseram para todos ficarem juntos.

Ela disse que já era um costume no bar receber todo mundo, as pessoas dormirem na aldeia, agregando muitos alcoólatras e pessoas estranhas. Ela e Miguel não concordavam com isso, mas como gerava muito lucro a maioria da aldeia quis continuar com o bar. O bar, de fato, era um local diferenciado dentro da composição da aldeia, sendo uma estrutura que vem acompanhando o grupo desde Camboinhas e consistindo também, segundo informações de alguns integrantes, um dos componentes chave da saída do grupo de Paraty. O bar, além de ser uma atividade lucrativa é também um espaço aberto para a apresentação do grupo de forró formado na aldeia “Os Moleques da Pisadinha”. Como observado em diversas atividades e levando em consideração alguns relatos de outras aldeias, o forró é um aspecto importante de congregação das aldeias guaranis mbya, assim como o futebol. Diversos encontros e atividades eram realizados neste sentido. Voltando-se a questão do bar, ele também era uma porta de entrada para juruás que tinham no local um dos pontos de lazer da cidade. Muitos conheciam a aldeia através do bar e permaneciam ali tomando uma cerveja e ouvindo músicas de forró. O acontecimento descrito trouxe mudanças importantes na dinâmica do bar, que passou a não funcionar mais de portas abertas e agenda fixa, sendo uma atividade regular, mas restrita a alguns frequentadores.

No dia seguinte em Seropédica eu perguntei para Luciana se realmente essa questão da prostituição era verdade. Ela me disse que não, mas que as índias solteiras saem com os rapazes que vêm frequentar o bar e acabam sendo taxadas de prostitutas. Como muitos não transitam frequentemente nos espaços fora da aldeia, o bar acaba se transformando em um dos principais pontos de lazer. Ela disse que tem muita coisa

relacionada a fama e boato. Já disseram que eles eram usuários de crack e várias outras coisas complicadas. Eu já li, inclusive, comentários em que relacionavam o pytenguá ao uso de maconha, mostrando o total desconhecimento da cultura guarani por parte da população local. Luciana ainda levantou a suposição de que pode ser armação feita para que não se tenha a demarcação da área. Ela acha estranho logo agora que eles iam assinar os papéis acontecer esse assassinato. Antes de eles saírem da aldeia viram que um carro entrou com todos encapuzados e ela só viu que eles estavam encapuzados porque eles baixaram os vidros. Algumas motos também já haviam entrado falando besteira. Muitos indígenas saíram da aldeia, assim como Luciana e Miguel, e foram buscar abrigo em casa de conhecidos. Os que não tinham como sair ficaram concentrados em uma das ocas durante a noite. Miguel e Luciana têm planos de viverem fora da aldeia porque, segundo eles, nas aldeias a vida está complicada. Ela disse que não acha mais segura a vida nas aldeias.

Com relação ao levantamento de histórias relacionadas à fama e boato e como elas se desencadeiam em meio às interações sociais, que grupos estabelecem criando convergências e dissidências, as contribuições de Norbet Elias (2000) podem ser norteadoras. No que se refere ao que se chama de fofoca, para o autor, ela depende das relações na comunidade e das normas estabelecidas. Elias coloca que as fofocas de intriga eram muito mais apreciáveis que a fofoca de elogios e bom grado. Elas tinham a função não só de integrar e fortalecer os virtuosos a partir dos critérios dominantes como também para excluir vínculos. A fofoca, neste sentido, tem a função de unir um grupo em detrimento de um diferente, como no caso descrito em que a aldeia traz um traço diferencial para o histórico de Maricá e do bairro no qual ela se encontra. No caso descrito por Norbert Elias, a cristalização dos grupos organizados em torno da fofoca segue a seguinte dinâmica:

A compreensível contrariedade dessas pessoas, que faziam o melhor possível para ficar à altura de seus padrões coletivos de honradez e respeitabilidade diante de uma minoria de recém-chegados que não adotavam esses padrões, cristalizou-se numa tradição de condenação global do bairro situado do outro lado da via férrea.(...) A relativa "antigüidade" dessa tradição

— o fato de ela ter sido transmitida dos pais para os filhos, e depois para os filhos destes quando cresceram — reforçou e aprofundou o efeito que o caráter coletivo das fofocas de rejeição tem sobre o preconceito grupal, a discriminação grupal e as crenças neles encarnadas. Também aumentou sua rigidez, seu caráter axiomático e sua impermeabilidade aos argumentos contrários, baseados em realidades concretas (ELIAS, 2000, p. 127).

O autor coloca a fofoca numa relação de dois pólos: os que fofocam e os que são objeto da fofoca e também revela as relações de poder intrínseca nesta relação. Neste sentido a fofoca tem um poder de coesão grupal e de demarcação daqueles que não fazem parte do grupo em questão. Este pode ser um aspecto importante para se levar em consideração na proliferação dos boatos em Maricá com relação à presença indígena na região. Neste sentido, “a identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual, na experiência que o sujeito tem de si e das outras pessoas” (ELIAS, 2000, p.133).

Outro aspecto importante a ser levado em consideração é a relação espacial da aldeia que se coloca no limite entre rural e urbano. A aldeia fica localizada dentro da área de proteção ambiental (APA) da cidade de Maricá. É uma área que, apesar de ter características de um ambiente rural, devido a sua natureza relativamente “intacta” está a um passo do meio urbano, já que em pouco mais de 500 metros chega-se à entrada da APA e logo após já se está no bairro de São José do Imbassai, com toda sua estrutura e acesso aos bens e serviços. Aqui torna-se relevante pensar alguns pontos a respeito da literatura sobre os espaços rural e urbano e as problematizações acerca desta dicotomia. José Graziano da Silva (2013) apresenta resultados iniciais da pesquisa em andamento sobre urbano (conexões entre rural e urbano). Sobre velhos mitos, o primeiro diz respeito à ideia de que o rural é sinônimo de atraso, o que ele evidencia é que esta origem diz respeito à pobreza, tanto no meio rural como no urbano. Outra questão que o autor desconstrói é dizer que o rural é predominantemente agrícola. Ele mostra que grande parte das pessoas que lá moram se ocupam de outras atividades. A mecanização vem também influenciando este dado. O autor coloca a importância da superação da

dicotomia rural-urbano para se pensar no local como um todo, seja da perspectiva de seu desenvolvimento como as ações por ele desencadeadas. Já José Eli da Veiga (2013) vai discutir a dicotomia entre urbano-rural, buscando compreender o conceito de ruralidade e seus principais limites. Depois de realizar um percurso de como este conceito se desenvolveu em alguns exemplos no mundo, o autor chega ao caso do Brasil em que uma regra pouco usual é utilizada de considerar toda sede de município como cidade (população urbana), independente de quais características tenham. Analisando a "pressão antrópica" como melhor medida para se avaliar este caso, a questão que se coloca é em qual medida esta questão transformaria a realidade rural para urbana. "Estima-se que 13% dos habitantes, que vivem em 10% dos municípios, não pertencem ao Brasil indiscutivelmente urbano, nem ao Brasil essencialmente rural. E que o Brasil essencialmente rural é formado por 80% dos municípios, nos quais residem 30% dos habitantes" (VEIGA, 2013, p. 270). O autor analisa que no desenvolvimento teórico ao longo da história, a dicotomia urbano-rural sempre esteve presente e o que se coloca agora é uma revalorização da ruralidade, já que nela se encontra a biodiversidade necessária às futuras gerações. A partir destas colocações, é possível afirmar a complexidade desta precisão entre urbano e rural e, assim como no caso descrito da aldeia em meio a APA e o bairro de São José do Imbassaí, tendo em vista como essa imprecisa dicotomia atinge a aldeia e suas relações.

Da mesma forma, as discussões sobre campesinato indígena, essa inter-relação entre dois termos que a princípio pareciam incompatíveis também são relevantes. Sidnei Clemente Peres (2019) traz para o cerne da discussão a utilização do conceito de campesinato indígena e como esta questão foi vista de forma incompatível por um determinado ramo da antropologia. A formação de dois temas de total relevância para a disciplina (relações camponesas e indígenas) desenvolveram caminhos distintos e pouco diálogo houve entre essas áreas. Eduardo Galvão (1979) foi o primeiro a identificar processo de migração do Alto Rio Negro para locais de trabalho de extração de seringa. A categoria caboclo foi um dos cerne explicativos que davam conta desta categoria de indivíduos. Para Sidnei e alguns estudos que o antecederam é fundamental esta retomada do conceito de campesinato indígena e que o mesmo funciona justamente para trazer a complexidade da situação apresentada. Para o autor,

Os atores sociais ocupam diversas posições vivenciam múltiplas situações e adotam diferentes identidades concomitantemente ou consecutivamente. Por isso devemos articular categorias de análise e interpretação muitas vezes considerados inconciliáveis para entender estes arranjos empíricos complexos (PERES, 2019, p.2).

Analisando as comunidades indígenas neste contexto, Sidnei constatou que as mesmas estão em " (...) constante fluxo, em redes de parentesco e trajetórias familiares vinculadas a estratégias de reprodução dos grupos domésticos. Entender a ocupação tradicional neste contexto interétnico é possível através de uma etnografia das comunidades em fluxo, em rede e horizonte histórico abrangente" (PERES, 2019, p.16).

A análise destas complexidades torna-se fundamentais na pesquisa em questão. Esse limiar entre rural e urbano faz com que a aldeia tenha que negociar o tempo todo com as questões e conflitos presentes nesta parte da cidade. É comum ouvir dos moradores a presença do tráfico nesta região. Recordo-me do momento em que estava procurando casa para comprar na cidade e fui informada por um amigo nativo de Maricá que era melhor que eu evitasse este bairro porque, apesar de bonito, era uma área muito perigosa devido à presença do tráfico no local. E, diferente das comunidades cariocas, é uma presença velada, invisível aos olhos menos treinados. Nas comunidades cariocas é comum ver a presença dos integrantes do tráfico armados ou visivelmente estabelecidos no local. Em contrapartida nesta área de Maricá não é desta forma que o tráfico se coloca, agindo com maior discrição. O que se pode observar são muitos olheiros⁷² na rua que dá entrada à área de proteção ambiental. E como a APA carece de uma fiscalização mais efetiva, é comum ver ações de desova na região, que inclusive já geraram conflitos para a aldeia, como o caso descrito.

Ainda sobre o assassinato e sua repercussão política, o vereador Filipe Poubel (PSL) faz um discurso acalorado na Câmara no dia 12 de novembro, repudiando o assassinato e acusando as ações que, segundo ele, ocorrem na aldeia. Em suas palavras:

⁷² Olheiro é aquele que trabalha vigiando uma determinada atividade, trabalho e pessoa para informar a pessoa que o contratou. No caso de atividades ilícitas, ele vigia incumbindo de dar o alarme em caso de aproximação da polícia. Fonte: <https://www.dicio.com.br/olheiro/>

*Corre na redondeza que o Rodrigo foi assassinado pela aldeia indígena. O problema quando você trata de uma aldeia indígena é que a legislação sai do governo do estado e vai pro governo federal. Dificulta a elucidação deste crime. Vou a polícia federal cobrar uma investigação rigorosa deste crime. Até porque nossa cidade não existia índio. (...) esses vagabundos que não fazem nada pela nossa cidade, não contribuem em nada. Sabe o que eles fazem? Fumam o dia inteiro maconha, vendem maconha, as índias se vendem no prostíbulo, você paga e sai com a índia, isso é visível e notório, os caras andam de carro importado o dia inteiro, de baixo pra cima, usam roupas de marca, bebem, recebem dinheiro do governo federal e essa casa ainda aprovou bolsa pra índio, pô. 300 reais pra vagabundo maconheiro. O que eles trouxeram de valor pra nossa cidade? Droga nenhuma! Porque eles vendem drogas, as índias se vendem, andam de Hilux e carro importado(...) Fazem o [que] querem. Ainda tiram a vida de um cidadão maricaense? Não vou deixar passar em branco. (...) Porque nós temos que culpar quem abraçou esses vagabundos pra cá. A quantidade [de] vagabundos só aumentou. O minha casa minha vida, os índios (...) é muito fácil usar um cocar na cabeça, andar seminu e dizer que é índio. (...). Quer ser índio vai pra lá no Amazonas pô, vai pra lá no meio do Mato. Vai pro raio que o parta!*⁷³

Após e durante esta fala, a sessão permanecia em silêncio. O Jornal Lei Seca publicou uma reportagem relatando as falas de Poubel, na qual evidenciam que “o parlamentar criticou a Prefeitura de Maricá afirmando que os índios foram trazidos para Maricá por eles.”⁷⁴ A reportagem teve apoio de parte da população da cidade e na publicação da reportagem no Facebook podia-se ver comentários como:

⁷³ Relato obtido pela sessão da câmara de vereadores de Maricá no dia 12 de novembro de 2018 . em <https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/-lsm-ao-vivoassista-a-sess%C3%A3o-da-c%C3%A2mara-de-vereadores-de-maric%C3%A1-desta-segunda-fei/719852698372549/>)

⁷⁴Disponível em <https://leisecamarica.com.br/poubel-parte-para-o-ataque-aos-indios-de-marica/?fbclid=IwAR3Jcd3i0KFcYPh8TgUvmyYV0bAbjMlc0AMliaUxhCtdRGgxVmcYqFe5QOE> Acessado em 22 de novembro de 2019.

“Herança do Quaqué!!”

“E ainda recebem bolsa Quaquá de 300 pra comprar a maconha”

“Índio tem que viver como índio, se viver como nós vivemos tem trabalhar tem que pagar impostos. Direitos iguais para todos”

“Na realidade, tiraram um problema de Niterói e trouxeram para Maricá. Não tinha necessidade!”

“Índio com carro, índio com moto, índio com Skay, índio com salário sem trabalhar. E os brancos escravos de índios.”

“Fui levar meu filho pra conhecer a aldeia, num evento que a prefeitura fez. Só tinha índio de Apple Watch e Hilux. Ele perguntou pq índio é rico e a gente é pobre...”

“Parabéns Poubel, o PT colocou esses vagabundos em nossa cidade, usufruem de benesses que o partido dá. Acho que não precisamos deles aqui. Não dão retorno em nada para a nossa cidade, pelo contrário, tiram direitos dos moradores.”

“Mais uma herança de Quaquazinho”

“É a turma do Quaqué patinho bancando essas coisas ruim”

Já passou da hora do poder público tomar sérias providências sobre essas políticas eleitoreiras travestidas de "sociais", praticadas pelo PT em nosso município, políticas essas que só trouxeram desgosto e preocupações para população de bem, aldeias indígena, onde os índios recebem mesas, desfilam em carros de luxo e exploram comercialmente a aldeia com atividades nada culturais, a mesma coisa os eventos ativistas UTOPIA, FEIRAS, ENCONTROS, etc...) com viés políticos que deixam como legado, pedintes, mendigos e muitas pessoas estranhas e sem paradeiro no município etc..MUDANÇAS JÁ, Marcelo Delaroli e Filipe Poubel 2020 !!!⁷⁵

Segundo Jurema em entrevista, a aldeia entrou com queixa crime contra Filipe Poubel por conta deste fato.

Por que o vereador tem que pensar da onde que ele foi eleito, quem fez ele eleito. Ele tem que pensar nisso aí tudo que ele falou da droga, da putaria. Por

⁷⁵Disponível em <https://www.facebook.com/leisecamara/posts/2292259464178456/> Acessado em 22 de novembro de 2019.

*mais que ele fale mal desta aldeia, a maioria tem o título. Ele nunca veio aqui na aldeia para conversar pessoalmente. Pode chegar aqui que a porta está aberta. Ele foi eleito pelas pessoas. Só porque ele foi eleito ele vai ficar falando mal dos índios? É muito complicado um vereador falar mal da aldeia. Ele nem conhece a aldeia. Nunca visitou. Eu entrei com processo contra ele. Sinceramente, eu entrei porque eu vou defender a minha cultura. Eu entrei como uma liderança, como eu sou a cacique, eu entrei com o processo. Ele falou das crianças, ele falou de boca de fumo, é muito grave isso. Nunca nós temos isso. Tem carro, mas se formos vender vai ser muito barato. Ele disse que cacique tem maior carrão. Cadê esse carrão? Ele falou tanta besteira, aí como ele é vereador e falou no jornal as pessoas acreditam.*⁷⁶

Pedro Queiroz está representando Poubel no caso e também falou a respeito:

*Eu sou patrono numa ação que a Defensoria Pública moveu contra uma figura política da cidade por conta de um discurso na câmara. Não posso falar muito do caso por conta do sigilo profissional, mas o embate foi exatamente quando ocorreu a morte de um rapaz próximo da aldeia e ele é um cara de direita de um posicionamento muito firme e fez uma série de colocações na câmara, defendendo o intuito político dele, a bandeira política dele. Mais um ponto de exposição. E tudo por conta de uma decisão política e não histórica cultural. Para a gente tem essa ausência. A gente não tem na história da cidade, não tem nenhuma correlação com aldeia indígena. Confesso que eu nunca fui lá visitar, então não tenho nem ideia em que condições eles estão submetidos lá ou como se adaptaram já que ali também não é o habitat natural deles.”*⁷⁷

No dia 12 de abril de 2019, depois de um período tenso e conturbado na minha vida pessoal, retornei a Maricá para visitar a aldeia. No dia 3 de fevereiro houve um incêndio criminoso, conforme foi divulgado no site Lei Seca Maricá. Segundo a reportagem, “(...) um grupo – ainda não identificado – ateou fogo próximo a aldeia

⁷⁶ Trecho da entrevista concedida por Jurema Nunes, em outubro de 2019.

⁷⁷ Trecho da entrevista concedida por Pedro Queiroz, em maio de 2019.

indígena e fugiram. Rapidamente as chamas se alastraram. Os próprios índios conseguiram controlar o incêndio que quase atingiu uma das ocas.”⁷⁸ Após essa ocorrência, houve uma reunião na aldeia com lideranças e órgãos municipais em que não pude estar presente. Mas, me parece que este fato junto à reunião fez a situação de difamação que deixavam os integrantes da aldeia em clima de ameaça ser amenizada.

Retornando à aldeia neste período, a primeira coisa que me chamou atenção foi ver que a placa de identificação que estava na rodovia indicando a entrada da rua que leva a aldeia já não estava mais lá, como também não estava a outra placa mais próxima a aldeia indicando a entrada. O portão da aldeia também havia mudado. Está mais reforçado. Cheguei a aldeia por volta de 21 horas. De assuntos gerais, eles disseram que a situação está um pouco melhor. Que depois do incêndio tiveram a reunião e que não conseguiram falar com o representante da IDB. De atores citados por eles temos representantes da secretaria de direitos humanos e a defensoria pública. Disseram que toda vez marcam a reunião com a IDB, mas que é desmarcada posteriormente. Luciana disse que nesta reunião a representante da secretaria de direitos humanos foi altamente questionada e ficou sem graça. Ela disse que a prefeitura ofereceu outra área para os índios na cidade, uma em Silvado e outra em Espriado. Mas que depois desta reunião eles decidiram não sair de lá. Preferiam ficar onde estavam do que começar uma aldeia do zero.

Teve isso de oferecer outras áreas, mas foi o que eu disse: vamos ficar aqui. Mesmo porque já aconteceu vários momentos de saída. Saiu de Paraty-Mirim, foi para Niterói, saiu de novo. Quando que vai parar isso aí? Eu fiz a reunião com toda a comunidade e pensamos em quem queria sair e quem queria ficar. Pensamos e concluímos que precisamos ficar aqui. Porque já estamos há muito tempo sofrendo, morando num lugar, saindo, vai para o outro e nunca paramos. Então vamos ficar aqui. Só três pessoas que falaram que a gente tinha que pensar. Então foi uma decisão que vamos ficar aqui. É complicado. Vamos sair

78

Disponível em <https://leisecamarica.com.br/incendio-criminoso-quase-destroi-aldeia-indigena-na-restinga-de-marica-video/?fbclid=IwAR3XiGfTVH13i8M9M9S7v82OESwx2fc37T2olxtibV2ECXWBJEtsXI26VK8> Acessado em 22 e novembro de 2019.

*e vamos para Maricá, o mesmo município? Vamos começar do zero de novo? Então, decidimos ficar.*⁷⁹

Bem posteriormente, no dia 17 de setembro, cheguei à aldeia e tinha um clima de tensão no ar. Mais um corpo foi encontrado na APA, desta vez próximo ao rio. Todos estavam preocupados por não saber o que de fato havia ocorrido e também porque não sabiam como seria a divulgação da reportagem, se mais uma vez iriam falar da aldeia como “protagonista da questão”. Estava eu sentada com Lídia, Jurema, Iraci, Márcia e Amarildo e eles estavam vendo como estava a repercussão no Facebook. Olhei também e pelo visto não teve nenhuma informação ligando a questão à aldeia. Eles ficaram mais aliviados. Mas Lídia me disse que isso sempre acontece e que estava preocupada de falarem dos índios como da outra vez.

No dia 25 de setembro fiquei a quarta inteira na aldeia e conversei com Miguel e Luciana durante o almoço. Falamos do preconceito contra os indígenas, momento propício até a nível nacional, com a fala do presidente Jair Bolsonaro na ONU e a indígena (que não é liderança) que o acompanhava. Eles disseram que o presidente estava usando um colar feminino na foto, mostrando total desconhecimento da cultura indígena. Falamos dos preconceitos, da ideia que é propagada da obrigação de terem que ser “índios puros”. Luciana disse que um rapaz veio à aldeia e viu as bijuterias e brincando perguntou se eles aceitavam cartão. Para sua surpresa, Luciana já estava com a máquina minizinha da pagseguro (havia encomendado há pouco tempo). Disse que o rapaz ficou surpreso, com aquela cara: “índio com máquina??”. Disse estar cansada de ter que mostrar o tempo todo que é índia, de ter que seguir determinado padrão para não ser questionada de sua indianidade. Ela disse que o fato de pintar unha pode ser considerado como “falta de indianidade”, disse inclusive que queria cortar o cabelo no estilo channel e pintá-lo de vermelho, mas sabe que se fizer isso vão dizer que ela não é índia legítima. E isso a magoa, o fato de ela não ter a liberdade que um jurua tem para isso. Disse isso após eu relatar alguns comentários que escuto sobre eles e sobre os outros. Falei um pouco dessa ideia que temos de índio ligado ao arquétipo xinguano e que não conseguimos analisar a multiplicidade da (s) indianidade (s). Miguel também

⁷⁹ Trecho da entrevista concedida por Jurema Nunes, em outubro de 2019.

disse que muitas fotos que vemos do indígena todo paramentado são fotos de festas ou de encontros em que esta vestimenta é propícia, o que não significa que ele viva assim no dia a dia.

O fato, me parece, é que eles têm de lidar com essas expectativas sobre o que é ser indígena o tempo todo. E isto é colocado tanto pelos representantes da política mais à direita na cidade, e que se coloca de forma direta e violenta, quanto por próprios representantes da prefeitura, que questionam algumas características. Na entrevista com Laura Costa ela trouxe algumas questões que foram colocadas pela secretaria de assistência social. Segunda ela, foi visto o carro Hilux na aldeia o que os retirou do status de vulnerabilidade social e que o cacique Darci Tupã tinha várias esposas, algo permitido na aldeia. Além disso, houve um evento que lhe trouxe mais questionamentos:

No dia do Trabalhador foi feito o evento na praça e foi chamado vários representantes religiosos para fazer um evento ecumênico e achei muito estranho porque o cacique foi fazer oração eu achei muito estranho porque não é o cacique é o chefe religioso que faz isso. Ele, o cacique, ele tem o nariz afilado, é malhado. Ele não tem característica nenhuma indígena. Eu achei muito esquisito e fiquei com a pulga atrás da orelha. Depois desse acompanhamento, a gente não encontrava mais ele lá. Depois ficamos sabendo que à noite na sexta-feira ele faz forró e vende cerveja e tem as ocas aí aquilo lá e virou outra coisa. Inclusive comunicamos e a Funai porque isso é muito esquisito.”⁸⁰

Nos meus acompanhamentos dos eventos de forró, do espaço em si e das múltiplas atividades que acompanhei, eu não constatei estas evidências, tanto da presença do Hilux, quanto da prostituição no forró ou das múltiplas esposas simultâneas de Darci Tupã ou de outros integrantes. E acredito que não seja foco deste trabalho abrir um inquérito investigativo sobre a veracidade do caso. O que se coloca como crucial é

⁸⁰ Trecho da entrevista concedida pela subsecretária de Assistência Social Laura Costa, em maio de 2019.

justamente entender estas expectativas que são geradas de ambos os lados e como elas impactam na vida cotidiana da aldeia. Hoje muito da inserção da aldeia em espaços culturais da cidade, se dá pela banda de forró “Os Moleques da Pisadinha”, banda esta formada por cinco integrantes da aldeia que cantam forró contemporâneo em alguns espaços, além de promoverem eventos na própria aldeia para esta apresentação. Antigamente estes eventos aconteciam toda sexta e domingo, mas depois dos episódios descritos neste texto, os eventos de forró acontecem esporadicamente.

O que se percebe também é certa invisibilidade desta discussão sobre a questão indígena na cidade, que deveria ser promovida pelos próprios integrantes da aldeia, o que fortalece essas múltiplas histórias circulantes. Muitos eventos e convites já foram realizados pela prefeitura neste sentido, mas imagino que ainda seja um longo caminho a se trilhar.

Eu acho totalmente invisibilizado. Trabalhando no IFF de Campos, mas estando ainda em Maricá eu não sabia da existência da Aldeia. As pessoas não sabem da Aldeia. No Festival da Utopia que eu fiquei sabendo da existência da Aldeia, mas muita gente me falou para não ir porque era muito perigoso. Eu lembro que a minha mãe tinha muito medo que eu fosse no show na aldeia. Faz parte do imaginário coletivo, imaginar o índio como uma pessoa violenta. Aquela ideia de que o indígena é selvagem, que ele vai te atacar. Eu fui a primeira vez na aldeia em 2017 e consegui levar minha mãe. (...) é uma coisa meio oculta, assim, a maioria das pessoas nem sabe que ela existe, quando sabe que existe não sabe o que acontece lá. Também falam que são todos vagabundos, que eles ganham bolsa do governo, que eles têm celular, carro. Aquele esteriótipo que ele deixa de ser índio quando ele começa a usar esses elementos da sociedade.

81

Quando eu morei em São José do Imbassai eu fiquei sabendo que existe uma aldeia quando eu fiz a trilha que vai dar na praia eu descobri que tinha a aldeia. Mas não se escutava falar muito da aldeia. Era a aldeia lá e as pessoas aqui.(...) eu passava lá mas não sabia se tinha abertura para pessoas de fora

⁸¹ Entrevista concedida por Irene (nome fictício), professora do Instituto Federal de Maricá, em maio de 2019.

*conhecer. Eu tinha curiosidade mas eu tinha medo de invadir o espaço dos outros.(...) o que eu escuto atualmente é uma confirmação do que a gente escuta na internet, que as índias fazem programas. Eu não sei se as pessoas falam isso porque convivem e vêem ou se estão repetindo coisas que escutam na internet. É a falta de conhecimento também porque eles acham que o índio tem que ser selvagem e falam que eles ganham dinheiro do governo, que eles andam de Hilux. eu não sei se eles andam de Hilux, eu não fico reparando. Segundo pensamento de alguns é um bando de vagabundo sustentado pelo governo*⁸²

O propósito deste capítulo foi evidenciar da forma mais minuciosa possível as múltiplas vertentes dos conflitos que se estabelecem frente à permanência do grupo guarani mbya em Maricá, como estes conflitos são gerados e quais respostas são estabelecidas pelo grupo, entendido aqui como sujeitos atuantes que estabelecem suas estratégias tanto a partir do repertório cultural adquirido como das possibilidades que o contexto apresentado lhe oferece. O mapa deste conflito é fundamental para a discussão sobre o as caminhadas guaranis e suas motivações, bem como a análise teórica sobre o processo de territorialização e ocupações indígenas dentro de áreas de proteção ambiental, finalizando com a discussão acerca da formação de uma política de identidade guarani mbya, articulando ações sobre o Estado, afirmação pública de identidade étnica e reorganização social frente às frequentes estratégias de deslegitimação que acercam o grupo.

Para finalizar, será realizada uma reflexão a partir dos últimos acontecimentos da pesquisa de campo que trouxeram limites para a continuidade do acompanhamento do grupo e como estas questões podem ser importantes para se discorrer sobre um tema metodológico relevante: os limites impostos pela pesquisa de campo.

⁸² Entrevista concedida por Breno (nome fictício), artista e funcionário da Secretaria Municipal de Cultura, em maio de 2019.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. W. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. In: _____. Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaquais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

BARTH, F. Balinese Words. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1993.

_____. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: _____. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

_____. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: _____. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

CARVALHO, M. R. (dissertação de mestrado). Centro de Teatro do Oprimido: os novos movimentos sociais e sua atuação na esfera biopolítica. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade federal Fluminense, 2015.

CASTRO, E. V. de Os pronomes cosmológicos. E o perspectivismo ameríndio *in* REVISTA MANA 2(2):115-144, 1996.

COLCHESTER, M. Resgatando a natureza: comunidades tradicionais e áreas protegidas. Diegues, Antônio Carlos (org.). Etnoconservação: novos rumos da proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Anablume/HUCITEC/NUPAUB-USP, 2000.

ELIAS, N. Observações sobre a fofoca in Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Norbert Elias e John L. Scotson;. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GALVÃO, E. Áreas culturais indígenas do Brasil:1900/1959. In: _____. Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 [1957], p. 193-228.

GLUCKMAN, M. & Devons, E. – Closed systems and open minds: on the limits of naiveté in social anthropology. Oliver & Boyd. Edinburgh. 1964.

HOBBSAWN, E. & RANGER, T. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LIMA, M. (2015) Ser índia. Sobre a Resistência Aldeia Maracanã e as mulheres na luta indígena in Revista Geni. Disponível e <http://revistageni.org/10/ser-india/> Visitado em 21 de maio de 2018.

LINNEKIN, J. S. Defining Tradition: Variations on the Hawaiian Identity in *American Ethnologist*. Vol. 10, No. 2, pp. 241-252. Maio, 1983.

LOPES, L. C. O. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Processos de territorialização, circulação e mobilização étnico-política dos Guarani (Mbya) do litoral da Costa Verde. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

MARTINS, F. E. S. Protagonismo e lutas dos Mbyá Guarani do litoral paulista: retomada e autodemarcação da Terra Indígena Tekoá Mirim. Anais do XXIX Simpósio de História Nacional. 2017.

MURA, F. (Tese de Doutorado). À procura do “bom viver” Território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
_____. A trajetória dos *chiru* na construção da tradição de conhecimento Kaiowa, *Mana*, vol.16 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2010.

OLIVEIRA, J. P. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

_____. Ensaios em Antropologia Histórica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia in Saúde dos povos indígenas. Reflexões sobre antropologia participativa Esther Jean Langdon & Luiza Garnelo (org). Contra Capa/Associação Brasileira de Antropologia 2004.

PEREIRA, V. C . Tese (doutorado em Antropologia). Aqueles que não vemos: uma etnografia das relações de alteridade entre os Mbya Guarani. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

PERES, S.C. **Política da Identidade**: Associativismo e movimento indígena no Rio Negro. Manaus: Editora Valer, 2013.

_____. Comunidade, campesinato indígena e subordinação da força de trabalho.

RAM, 2019. Anais disponível em <http://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/simposio/anais> Acessado em 18/05/2020.

POMPA, C. Religião como tradução. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

QUAQUÁ, W. Maricá - Cidade das utopias. 10 anos de governo de hegemonia popular. Maricá: Mais que palavras, 2019.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Artigo publicado pós morte in: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2006.

SILVA, J. G. Velhos e novos mitos do rural brasileiro *in* A questão agrária no Brasil. O debate na década de 2000. STEDILE, J. P. (org.) e ESTEVAM, D. (assistente de pesquisa). Ed:expressão popular. São Paulo, 2013.

VEIGA, J. E. A dimensão rural do Brasil *in* A questão agrária no Brasil. O debate na década de 2000. STEDILE, J. P. (org.) e ESTEVAM, D. (assistente de pesquisa). São Paulo. Editora expressão popular, 2013.

SILVEIRA, V.L.P. A escola kyringue aranduá: a educação escolar como alicerce de afirmação da identidade étnica. Monografia (graduação em pedagogia)- Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

VALDIVIA DIAZ, E. M. P. A re existência do cotidiano: imagens e mulheres guarani mbya / Dissertação (mestrado em psicologia) -Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MATÉRIAS DE IMPRENSA E REDE SOCIAL

Links visitados:

<https://leisecamarica.com.br/indios-dizem-que-estao-assustados-com-acoes-da-pm-na-res-tinga-de-marica/>.

<https://leisecamarica.com.br/homem-que-havia-desaparecido-e-encontrado-morto-na-res-tinga-de-marica/>

<https://leisecamarica.com.br/incendio-criminoso-quase-destroi-aldeia-indigena-na-restinga-de-marica>

[video/?fbclid=IwAR3XiGfTVHl3i8M9M9S7v82OESwx2fc37T2olxtibV2ECXWBJEtsXl26VK8](https://leisecamarica.com.br/video/?fbclid=IwAR3XiGfTVHl3i8M9M9S7v82OESwx2fc37T2olxtibV2ECXWBJEtsXl26VK8)

<https://leisecamarica.com.br/vereador-ricardinho-netuno-pen-se-reune-com-indios-da-restinga-de-marica/>

<https://leisecamarica.com.br/poubel-parte-para-o-ataque-aos-indios-de-marica/?fbclid=IwAR3Jcd3i0KFcyPh8TgUvmlyYV0bAbjMlc0AMliaUxhCtdRGgxVmcYqFe5QE>

<https://www.facebook.com/search/top/?q=indios-dizem-que-estao-assustados-com-acoes-da-pm-na-restinga-de-marica>

<https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>

<https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>

<https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/1722741651130243/>

<https://www.facebook.com/leisecamarica/posts/2292259464178456/>

<https://www.facebook.com/leisecamarica/videos/-lsm-ao-vivoassista-a-sess%C3%A3o-da-c%C3%A2mara-de-vereadores-de-maric%C3%A1-desta-segunda-fei/719852698372549/>

<https://www.facebook.com/PTRJ13/videos/1041586652651306/>

http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA_008600

<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/o-dia-no-estado/2019/10/5797331-marica-vai-ganhar-complexo-turistico-residencial-de-r--l1-bi.html>

DOCUMENTOS OFICIAIS

DECRETO Nº 7.230 de 23 de abril de 1984

<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mde4/~edisp/inea0018630.pdf>

DECRETO nº 41048 de 4 de dezembro de 2007

<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mde4/~edisp/inea0018792.pdf>

RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL DA FAZENDA SÃO BENTO DA LAGOA

<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdi3/~edisp/inea0027546.pdf>

PLANO DIRETOR SETORIAL DA ÁREA DA RESTINGA DE MARICÁ, lei nº 2331, de 25 de maio de 2010. <http://oads.org.br/leis/1657.pdf>

GLOSSÁRIO

añete - verdade

jurua - homem branco, não-índio.

nhemongarai – “batismo das sementes e crianças”

mbya reko – modo de viver típico do mbya

tekoa – aldeia

opy – casa de reza.

porã – belo/bom.

nhanderu – divindade. Nosso pai.

nhandereko – nosso modo de ser.

nhee ru ete – verdadeiros pais das almas.

nhe'ë – alma-palavra.

guata – caminhada; andanças.

guata porã – caminhar belo.

ara: dia

Ka'aguy hovy porã: mata verde bonita

petynguá: espécie de cachimbo, um dos elementos principais para manter a cultura guarani

xondaro: guardião, guerreiro.